

@verdade



RECICLE A INFORMAÇÃO:
PASSE ESTE JORNAL A OUTRO LEITOR

Tiragem Certificada pela

www.verdade.co.mz

Jornal Gratuito

Sexta-Feira 03 de Maio de 2013 • Venda Proibida • Edição N° 234 • Ano 5 • Fundador: Erik Charas



Destaque PÁGINA 16-18

João de Sousa: O Homem da Rádio

www.verdade.co.mz

MURAL DO PVO

"NO OFÍCIO DA VERDADE, É PROIBIDO PÔR ALGEMAS NAS PALAVRAS" - CARLOS CARDOSO

MURAL DO PVO - Alerta à STV

Sr. Jeremias Langa, por favor: Quando convidar pessoas para os debates na STV escolha gente decente, digna do convite. O Sr. sabe que mesmo na FRELIMO há burros menos burros do que aquele que convidou para falar de Muxungué?

MURAL DO PVO - Desafio Total

Aos realizadores do programa Desafio Total peço para que sejam cuidadosos na escolha dos jurados. Pois existe lá alguém com carência de modos para se dirigir aos concorrentes.

MURAL DO PVO - Dhlakama e Guebuza

"Não preciso de me encontrar com Guebuza se não o povo dirá que Dhlakama foi receber mais

MURO DA VERDADE - Av. Mártires da Machava, 905

dinheiro para e manter calado"... Afirmou um Xiconhoca na tentativa de enganar um povo que sabe muito bem das boas relações destes corruptos, que provavelmente trocaram NIB's para que as negociações se tornem mais secretas (via banco)...

MURAL DO PVO - Governo da Frelimo

O único direito humano que a Frelimo garante ao maravilhoso povo moçambicano é o direito à fome e à miséria.

MURAL DO PVO - Renamo X Governo

No desafio "RENAMO-GOVERNO" sabemos que a RENAMO já marcou 8 golos (mortos em Muxungué). E o Governo, quantos já marcou desde 1975?

MURAL DO PVO - Água para Maguaza-Moambá

Os CFM e as suas cisternas podem prestar um bom serviço. Aquela localidade vive da água dos charcos.

MURAL DO PVO - Dhlakama

... Ai, ai, Dlhakama, numa entrevista, sobre aos acontecimentos de Muxungué, diz ter ordenado ataques por pressão dos seus homens que o ameaçaram de morte! Ora essa... melhor para si e reforma.

MURAL DO PVO - Partidos políticos

Se formos a contabilizar, os membros destes partidos não chegam a ser a décima parte do

povo. Com que legitimidade representam os nossos interesses???

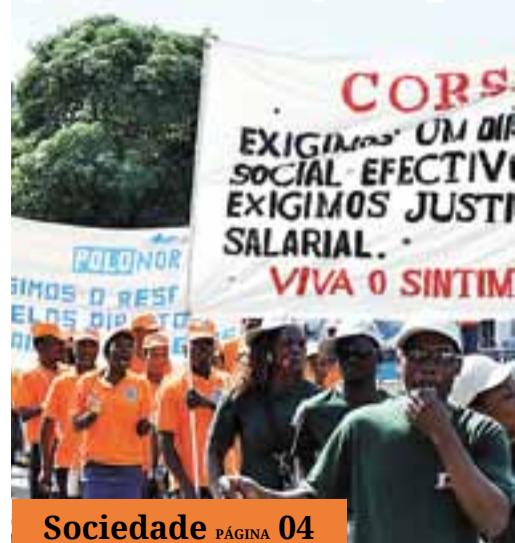
MURAL DO PVO - Nómadas na Pátria Amada

A descoberta de recursos no nosso solo pátrio desloca populações. Só que gostaria de saber: no dia que se descobrir recursos nos locais de reassentamento essas populações vão ser reassentadas no ar???

MURAL DO PVO - Lixo

Povo, vamos mesmo aceitar participar nas eleições autárquicas antes de os actuais edis retirarem o lixo? E a taxa de lixo vai para o bolso de quem?

Emprego continua precário em Moçambique



Sociedade PÁGINA 04



Creve, promessa do atletismo?

Desporto PÁGINA 22



Os 10 anos da associação Muodjo

Plateia PÁGINA 28



Aisha Dabo™ @ mashanubian Mozambique #mayday RT @verdademz: CIDADÃO REPORTA: viva o dia dos Trabalhadores pic. twitter.com/qiqFluMHK

Domingos Gundana @ gundana320 @ verdademz, ONP, a mina de recursos humanos para o fabrico de voto em Moçambique, irmãos toda a sujeira veio a tona, até candidaturas falsas

Vilankulo FC @ VilankuloFC Parabéns Trabalhadores

Moçambicanos! O Vilankulo FC está com vocês! @DesportoMZ @ verdademz @pentchicode pic. twitter.com/Kz3hMQqJK7



wMg @TheRealWizzy OMD @verdademz Desconhecido baleia sete crianças da mesma família em Morrumbene sul #Moçambique http://www.verdade.co.mz/newsflash/36644

Ismael AC Machavane @ imachavane @ verdademz. Homens Com capacetes, provas de bala, AKMs... A espancaram velhos indefesos na av. 25 de Setemb. Maputo! pa Onde vamos nos?

até nas férias#Julho @ Zerinho_b4 Gostei muit da atitude ou da posição da Sra. #BenildeNhalivilo. Só espero que a causa da renúncia tenha sido realmente essa. @verdademz

shirangano @shirangano O negócio que garante a sobrevivência de grande parte dos moradores da #IlhadeMoçambique. @verdademz pic.twitter.com/M1qRifEP4Q



Seja o primeiro a saber. Receba as notícias d'Verdade no seu telemóvel. Envie uma SMS para o nº 8440404 com o texto



Siga verdademz

Balelas

Todos os anos, assistimos impávidos e serenos à criseção dos direitos dos trabalhadores moçambicanos, por conta da insensibilidade do Governo de turno, que faz ouvidos mousos às reivindicações da classe operária deste país. Há três décadas que os trabalhadores vivem na menoridade, súbditos de políticas salariais que os empurram cada vez mais para o abismo da miséria imerecida. Há pouco mais de 30 anos que os trabalhadores moçambicanos vivem à mercê de salários de fome. Salários que não chegam a cobrir sequer metade das necessidades básicas de alimentação para um agregado familiar constituído por, pelo menos, cinco pessoas.

O discurso oficial virá, diante do nosso desabafo, com a retórica económica, para justificar que o país está a crescer que a nossa opinião não passa de um mero desabafo adoçado pelo insulto fácil. Importa informar que este espaço não reflecte nenhum tratado científico ou o rigor das academias. Quem fala, neste espaço, fá-lo em nome das inúmeras vozes excluídas do acesso ao palácio das decisões que nos massacraram com preços cada vez mais elevados para um salário de merda. É merda o que nos pagam. Não nos digam que o Estado não pode pagar mais ou que tenhamos de ser empreendedores. Isso não colhe. Até porque as banhas que vos escondem as ossadas não surgiram do empreendedorismo. Não conhecemos a história de sucesso dos vossos empreendimentos. Tudo o que têm é nosso e foi-nos roubado.

Portanto, deixemos de lado a retórica do trabalho árduo e de sol a sol porque é exactamente isso que fazemos sem ver nenhum retorno. Também criamos patos, mas não conseguimos tirar participações na banca e nem na conversão do sinal analógico para o digital. Trabalhamos arduamente, mas nunca vimos a mínima possibilidade de retirar dinheiro das empresas públicas com autocarros obsoletos ou com material eléctrico de qualidade tão duvidosa como as negociatas com os irmãos de olhos finos.

Durante vários anos, os trabalhadores limitaram-se apenas a dizer "viva" e a obedecer cegamente às decisões, ou, dito sem metáfora, à tabela salarial aprovada anualmente sem nenhuma réstia de sentimento para com a massa laboral. Nos dias que ocorrem, a classe trabalhadora já começa a ganhar consciência e sai à rua todos os primeiros de Maio para exigir os seus legítimos direitos. Porém, para o desgosto e desagrado de muitos, o Presidente da República parece que continua a ter alergia a quaisquer tipos de reivindicações, razão pela qual opta por assistir aos desfiles através da sua TV de 90 polegadas, no conforto das regalias garantidas pelo suor (e até sangue) do pacato cidadão. Não nos vem à memória a última vez que Armando Guebuza se fez presente na cerimónia de comemoração do 1º de Maio. Também não sabemos quais são as razões que levam o nosso "idolatrado" estadista a baldar-se para a festa dos trabalhadores. Mas uma certeza podemos avançar: o PR não quer encarar o desprezo que os trabalhadores têm pela sua má governação. O PR, como empresário de tudo o que é empresa neste país, não quer engolir as exigências do trabalhador. O PR não quer ver o descontentamento relativamente aos salários míseros e às péssimas condições de trabalho.

Os trabalhadores, na ingénua convicção, continuam a acreditar neste Governo, que mais se empenha em armá-los até aos dentes para acomodar a corrupção e o nepotismo em detrimento dos legítimos interesses da maioria oprimida. Continuam na vã expectativa de dias melhores, ou seja, do dia em que o salário mínimo cobrirá, ao menos, a cesta básica para gáudio dos seus respectivos agregados familiares.

Esse é o problema de viver num país cujo líder é empresário e ao mesmo tempo PR.

Boqueirão da Verdade



"A Frelimo já não é um partido. É um PROVEDOR DE OPORTUNIDADES", Salomão Moyana

"Salomão Moyana é parte interessada do dossier CNE e por via disso a sua opinião em torno deste processo é suspeita. Independentemente da lógica ou não do seu pensamento, ao desgastar a imagem de Leopoldo da Costa, Moyana está a defender os seus interesses, uma vez concorrente aos cargos disponíveis na CNE", Lázaro Bamo

"Se a Frelimo quiser fazer as eleições que arranje uma ilha ou um mar qualquer porque aqui em Moçambique as propaladas eleições não vão acontecer", Manuel Bissopo

"As eleições vão acontecer e Bissopo pode ir dar uma curva. O partido dele que se organize. Essa Renamo parece que apoia aquela teoria de conspiração segundo a qual o Presidente Guebuza deve continuar por mais um mandato! Uma coisa é certa: não vai haver Governo de transição", Dino Foi

"Quem está a pagar as contas relativas às negociações entre a Renamo e o Governo/Frelimo? De que rubrica está este dinheiro a sair? Os membros da Renamo e Frelimo beneficiam de senhas de presença? Em caso afirmativo, quanto? Onde podemos encontrar as actas destes encontros? É só mesmo para saber", Egídio Vaz

"Não devemos ser guiados por preguiçosos, intriguistas e inimigos da paz porque, se assim for, não lograremos sucessos", Armando Guebuza

"Durante o AGP havia muitas propostas na mesa [...] Podíamos optar por um Governo de unidade nacional como acontece em muitos países africanos [...] Mas, a Renamo escolheu entrar no poder pela porta da frente indo às eleições democráticas porque acreditava que depois do AGP as leis seriam respeitadas por todos", Raul Domingos

"Quanto ao retorno à guerra, a Renamo não pode ser vista como um partido belicista... ela é o espelho de descontentamento de muitos sectores da sociedade [...] Os desmobilizados de guerra, os madjermanes, a população que é maltratada nos chapas são um exército de descontentes [...] A situação de Muxunguê é má-fé de ambas as partes (Governo/Frelimo e Renamo)", Idem

"Culpar a Frelimo pelas irregularidades da ONP não ajuda. Não sei de onde vem toda esta colagem que os nossos compatriotas arquitectam. Uma das duas: ou a Frelimo está mais presente nos seus lares e afazeres ou elas estão presentes na Frelimo", Euzebio Gwembe

"O desinteresse dos partidos da oposição pelo Sul revela isso. Como é que um partido que deseja governar Moçambique diz que prefere ganhar

Zambézia e Nampula porque lá vivem 40% de eleitores? O que isso significa?", Idem

"Senhor Leopoldo da Costa, é melhor retirar-se porque como o tempo passa, o senhor muda de cor como se fosse um camaleão, deixa de ser patriota racional para ser mendigo e bajulador em nome do poder. Onde está o seu respeito pelos valores da sociedade e pela ética que aprendeu nas escolas em que estudou? Tudo se perdeu em nome do dinheiro e da vida fácil. De que vale ter passado anos a fio a gastar as pestanas nos livros? De que valeu o sacrifício do seu nível académico?", Gaby Lomengo

"A PGR devia investigar a acusação de falsificação de assinaturas na candidatura do Dr. Leopoldo da Costa à sua sucessão. Se ninguém está acima da lei, o Dr. Leopoldo deve ser processado criminalmente e a sua candidatura REJEITADA", Dércio Tomás

"A paridade na representação dos partidos políticos na CNE não é um problema, por isso não vejo a necessidade da recusa (da Frelimo). O debate que devia preocupar os partidos são as abstenções, os governos estão a ser eleitos com apenas 30% do eleitorado", Martinho Marcos

"Como é que o Estado irá retirar as forças de defesa e segurança em várias partes do território nacional? Outro aspecto prende-se com o facto da composição das FA segundo as regras de Roma: E o resto dos moçambicanos que não pertencem nem à Renamo e nem à Frelimo? Absurdo", Leonel Sarmento

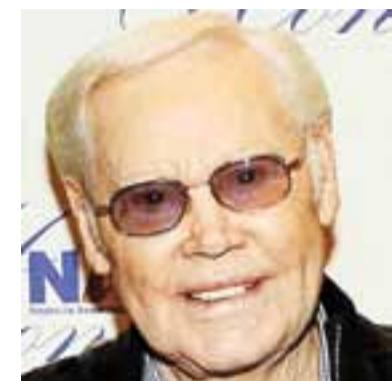
"Aos Camaradas e dirigentes do Partido Frelimo... O poder é uma percepção que uns têm sobre alguém... Quando esses pensarem que aquele já não é poderoso, não importa quanto armada e pesada for a sua força repressiva, o poder esvazia-se", Amade Camal

"O nosso Governo da FRELIMO ao limitar, perseguir, e punir cidadãos por requererem ou até exigirem direitos fundamentais é uma antítese da revolução que a Frelimo e Mondlane, Machel, Chissano e Armando Guebuza protagonizaram. A manipulação dos órgãos do poder – particularmente a Justiça – e da liberdade de expressão, a proibição de manifestação com repressão e perseguição (...) faz recordar regimes feitos desaparecer pela revolta popular", Idem

"O que mais existe aqui em Angola são igrejas de origem brasileira, e isso é um problema, elas brincam com as fragilidades do povo angolano e fazem propaganda enganosa. Elas não obterão reconhecimento do Estado, principalmente as que são dissidências, e vão continuar impedidas de funcionar no país. Elas são apenas um negócio. Ficam a enganar as pessoas, é um negócio, isto está mais do que óbvio, ficam a vender milagres", Rui Falcão

OBITUÁRIO:

George Jones
1931 – 2013 • 81 anos



George Jones, um cantor country clássico, com uma voz cheia de emoção e uma vida marcada por confusões, morreu na passada sexta-feira, aos 81 anos de idade, disse a Webster & Associates, empresa que geria a sua carreira.

O músico, cuja carreira se estendeu por mais de seis décadas e incluiu sucessos como "He Stopped Loving Her Today" e "Window Up Above", morreu no Vanderbilt University Medical Center, onde estava internado desde o dia 18 de Abril com febre e problemas de pressão arterial, disse o porta-voz Kirt Webster.

Nascido em Saratoga, Texas, em 12 de Setembro de 1931, começou a apresentar-se ainda criança nas ruas da vizinha Beaumont. Sob a influência de Hank Williams, Ernest Tubb e Lefty Frizzell, actuava nos bares da estrada do leste do Texas.

Passou por um casamento precoce, um divórcio e uma temporada no corpo dos fuzileiros navais antes do seu primeiro sucesso, "Why Baby Why", em 1955. A sua primeira canção no topo das paradas, "White Lightning", veio em 1959, seguida por "Tender Years", em 1961.

As duas décadas seguintes trouxeram uma série de 10 músicas de sucesso, designadamente "If Drinkin' Don't Kill Me (Her Memory Will)," "Window Up Above," "She Thinks I Still Care," "Good Year for the Roses," "The Race Is On" e "He Stopped Loving Her Today", que Jones declarou ser sua favorita. Ele também teve uma temporada de sucesso em dueto com Melba Montgomery.

Jones continuou a compor canções de sucesso no início dos anos 1980, mesmo enfrentando problemas devido ao uso da cocaína.

Embora as suas canções tenham sido tocadas com pouca frequência nas principais rádios dos EUA nos últimos anos da sua carreira, Jones era um solicitado parceiro de duetos e ganhou um Grammy pela canção "Choices", em 1999.

Ele também ganhou um Grammy pela melhor apresentação nos EUA, em 1980, com "He Stopped Loving Her Today".

Jones ainda estava em tournée no ano passado, apesar de uma infecção respiratória e outros problemas de saúde que o obrigaram a adiar concertos.

Xiconhoca

Os nossos leitores nomearam os Xiconhocs da semana. @Verdade traça em breves linhas as motivações.



1. Abdul Omar

Nada justifica o uso indiscriminado da violência. O acto repudiável do treinador do Têxtil de Punguè, Abdul Xiconhoca Omar, no campo do Vilankulo Futebol Clube foi a maior demonstração do quão o nosso futebol é tão baixo e fértil na produção e proliferação de Xiconhocs.

Omar desferiu dois portentos ganchos que deixaram inconsciente o juiz da partida e, mais tarde, dizem as más-línguas, veio com a estúpida justificação de que os seus curandeiros assim sugeriram para impedir um trabalho obscuro da equipa de arbitragem. A crença obscura, também, do bom do Omar, acabou por parir o maior Xiconhoca num banco técnico depois da independência.

2. FIR

A Força de Intervenção e Repressão, aliás, Força de Intervenção Rápida é um covil de Xiconhocs. Há ordens que de tão absurdas não podem, de forma alguma, ser executadas pelo mais asinino dos moçambicanos. Marcar presença na Praça da Independência para intimidar os pobres trabalhadores moçambicanos só pode ser um acto de Xiconhocs mesmo. Impedir a marcha de ciclistas pacíficos no município de Quelimane também revela essa mania esquizofrénica e doentia dos Xiconhocs que nos deviam proteger. Porque não foram impedir qualquer marcha de trabalhadores em Muxunguè ou Satunjira?

3. César Carvalho

Essa de pré-campanha em Tete não lembra o diabo. O bom do César Carvalho, edil daquele urbe, trocou aquela música repetitiva da Frelimo, uma que diz que eles fazem e fizeram, e colocou, no lugar do partido, o município que ele dirige. Os nossos leitores atentos e que não aceitam ser enredados por Xiconhocs denunciaram a falcatura paga pelo dinheiro de impostos dos municípios que estão pouco se lixando para a campanha subliminar de César de Carvalho.

A mensagem que nos chegou diz o seguinte: "César de Carvalho, edil de Tete em pré-campanha: 'nas rádios daqui da cidade de Tete passa sempre uma música que diz que o Conselho Municipal é que faz e é que fez, Tete está a crescer, tem contentores de lixo em todo o lado, ocorre a reabilitação das ruas, boa recolha de lixo em todo lado, etc.'".

O povo anda atento.

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 821111, uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 28B9A117) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.

Xiconhoquices

da Semana

Os nossos leitores nomearam as seguintes Xiconhoquices da semana.

1. As Xiconhoquices de Bissopo

De Xiconhoquice em Xiconhoquice deitamos mais terra na campa do Estado de Direito Democrático. Desta vez foi o secretário-geral da Renamo, Manuel Bissopo, a orientar, na semana passada, um comício popular na Muñhava, arredores da cidade da Beira, capital da província central de Sofala, fazendo-se proteger de 20 homens fortemente armados.

Há duas semanas, Bissopo e alguns dos seus colegas do partido foram detidos por agentes da Polícia da República de Moçambique (PRM) na região da Gorongosa, depois de desobedecerem a uma ordem de parar num posto de controlo instalado na zona, agravando pelo facto de se terem identificado com nomes falsos. A falsa identidade não permitiu aos agentes da PRM apurar que os mesmos gozavam de imunidade parlamentar.

Num país sério – algo que Moçambique não é – este tipo de Xiconhoquices não é permitido. No entanto, como a Frelimo também faz das suas quando usa a Força de Intervenção Rápida para cumprir com as suas

agendas estrangeiras, em nome dos interesses dos moçambicanos não é proibido dizer que Xiconhoquice com Xiconhoquice se paga.

2. Ensino fantoche

"Uma parte significativa de crianças do ensino primário das escolas públicas moçambicanas não sabe ler, escrever, fazer a cópia, a redacção e tem lacunas no domínio da tabuada, supostamente porque estes aspectos não foram acautelados no actual currículo e os professores não têm conhecimentos sólidos das metodologias desenhadas para este nível". Quem assim o diz é o porta-voz do Ministério da Educação, Eurico Banze, que, para além de reconhecer que este problema é preocupante, afirma que enquanto persistir a existência de turmas numerosas, dificilmente os petizes poderão ultrapassar o défice de conhecimento. Enquanto isso, Felizardo Semente, do Departamento de Comunicação e Imagem da Organização Nacional de Professores (ONP), considera que o responsável por este aparente fiasco é o sistema todo que apresenta lacunas, desde o ano de 1983, e não apenas os pedagogos.

Para além do sentimento generalizado dos pais e encarregados de educação e de outros entendidos na matéria, sobre a deficiente qualidade do ensino e aprendizagem nos alunos das classes iniciais, o interlocutor do @Verdade indicou que as actuais condições em que os docentes leccionam também não permitem que haja o devido acompanhamento da progressão dos educandos durante as aulas. Para além desta situação, o actual modelo de formação de professores está desajustado dos actuais problemas e desafios da Educação.

Eurico Banze considera que o défice de leitura e escrita nas crianças é um problema conjuntural e reconhece que concorre para que este grupo encontre dificuldades que têm deixado os pais e encarregados de educação agastados e apreensivos em relação ao futuro dos seus dependentes devido ao receio de não proporcionar ferramentas que lhes permitam enfrentar e superar as incertezas do futuro. A nossa fonte indicou o dedo acusador aos docentes aos quais acusou de terem uma atitude passiva em relação à ligação permanente e metódica com os estudantes.

3. Boladas

"A Comissão Interministerial para Grandes Eventos Nacionais e Internacionais (CIGENI) vai gastar cinco milhões de meticais nas celebrações do jubileu da União Africana", reportou um leitor do @Verdade e nós também ouvimos da televisão oficial da Frelimo que assim será. Ou seja, a "pública" Televisão de Moçambique deu a boa-nova e nós ficámos com uma pulga atrás da orelha.

Na nossa óptica, a questão do nosso leitor faz todo o sentido. Para não dizerem que nós escrevemos o que pretendemos e que a presente página não representa o sentimento popular, deixamos a pergunta sem alterações: "Esse valor representa quase o dobro do orçamento atribuído anualmente ao sector de Saúde no Distrito de Chibuto. Eu gostaria de saber: que actividades concretas a CIGENI vai desenvolver para gastar tão 'módica' quantia?"

@Verdade também gostava de saber que o que será feito e de que forma. No entanto, sentimos que muito boa gente vai encher os bolsos com tão nobre celebração.

Segurança no trabalho longe de ser respeitada em Moçambique

Celebrou-se, em Moçambique, esta quarta-feira, 01 de Maio, o Dia Internacional do Trabalhador, sob o lema "Sindicatos por um Sistema de Segurança Social ao Serviço dos Trabalhadores". Os descontos de valores nos salários que não são canalizados ao Instituto Nacional de Segurança Social (INSS), a má gestão dos fundos nesta instituição, a falta de subsídio de transporte e a inobservância de vários direitos laborais são alguns dos problemas que constituíram a tónica dominante da marcha na capital do país.

Texto: Coutinho Macanandze • Foto: Miguel Manguezé

Cerca de 30.000 trabalhadores moçambicanos saíram à rua para manifestar a sua insatisfação em relação ao que classificaram de mísero salário, uma vez que este não satisfaz as necessidades básicas dos seus agregados familiares.

A secretaria para a área das relações jurídicas e laborais na Comissão Consultiva do Trabalho (CCT), Helena Ferro, disse que o patronato moçambicano continua a atropelar os direitos dos trabalhadores e a agir de má-fé, uma vez que não canaliza os descontos devidos ao INSS, as pensões dos reformados são uma penúria porque não compensam o tempo de trabalho e a instituição administrada pela ministra Helena Taipo gera mal os fundos. Há também necessidade de se definir uma tabela salarial justa e capaz de satisfazer as necessidades básicas dos funcionários.

Segundo Helena Ferro, enquanto persistir o baixo salário, as péssimas condições de trabalho e a não valorização da mão-de-obra nacional, não será alcançada a propalada segurança social.

O secretário-geral da Organização dos Trabalhadores de Moçambique – Central Sindical (OTM-CS), Alexandre Munguambe, disse que a comemoração do 1º de Maio deste ano é contra os baixos salários, o elevado custo de vida, os despedimentos injustos e a existência de empresas que não canalizam as contribuições dos trabalhadores ao INSS, dentre outras anomalias gritantes.



Segurança privada continua desacreditada

Nas empresas de segurança privada do país, os trabalhadores andam descontentes devido ao comportamento negativo dos seus patrões. A SSP Segurança, com um universo de 34 mil funcionários, é um dos exemplos de injustiça laboral uma vez que não paga salários a tempo. Gabriel Caucau é sindicalista desta empresa e disse à nossa Reportagem que as condições de trabalho são uma lástima, vive-se um cenário de escravatura e "somos a mão-de-obra mais barata do país."

Trabalhadores do bim revoltam-se contra o patronato

O secretário para a área social no Banco Millennium bim, César Santos, disse que os lenços pretos com os quais taparam as bocas durante o desfile na Praça dos Trabalhadores são uma demonstração da sua insatisfação em



relação aos atropelos dos direitos dos trabalhadores, à falta de promoção profissional e à assistência médica e medicamentosa. A fonte realçou que na sua instituição o patronato prefere trabalhadores estrangeiros em detrimento dos nacionais.



Trabalhadores da Tâmega deixados à sua sorte

O secretário do Comité Sindical da empresa Tâmega, Timóteo Nhatave, disse que 200 trabalhadores foram deixados à sua sorte pelo patronato desde que o corpo directivo saiu de férias em Dezembro do ano passado. Este líder laboral afirmou que a firma em causa foi banida do mercado moçambicano pelo Governo, mas deve 10 meses de salários em atraso aos seus funcionários. Estes queixam-se ainda da falta de subsídio de risco, do décimo terceiro salário e do atropelo sistemático dos seus direitos laborais.

Por sua vez, o sindicalista da empresa MBS, Vicente Ratibo, disse que os baixos salários contrariam os desideratos do desenvolvimento do trabalhador. Para além de se queixar de várias coisas, manifestou ainda insatisfação em relação à inexistência do subsídio de morte, apesar de estar plasmado na Lei do Trabalho



em vigor no país, e os reajustes salariais não servem para compensar o esforço empreendido pelos funcionários.

"Estamos cansados das atitudes de racismo e discriminação contra os portadores de deficiência e de HIV/SIDA por parte do patronato. Estes problemas contrariam os esforços de combate à pobreza e as aspirações de subida da renda familiar", disse António Ubisse, sindicalista da Shoprite.

Os mesmos problemas sem solução

O cidadão Alcides Bazima disse que no 1º de Maio os trabalhadores queixam-se dos mesmos problemas dos anos anteriores mas não há soluções práticas.

"Sempre que se aproxima o 1º de Maio, o debate é o mesmo e tudo gira em torno de ajustamento do salário mínimo, melhoria das condições e conflitos laborais, protecção do trabalhador e, posto isto, ninguém mais toca no assunto e continuamos a assistir ao sofrimento e exploração a que o trabalhador moçambicano está sujeito."



Segundo Bazima, na Praça dos Trabalhadores, na baixa da cidade de Maputo e noutros pontos do país, as empresas fazem-se ao desfile exibindo dísticos com os dizeres: "abaixo isto", "abaixo aquilo", "queremos melhores condições", "chega de discriminação", "exigimos justiça social", "miséria imerecida", dentre outras falácias a que já nos habituaram quando chega esta efeméride e, no final das contas, ninguém responde a favor dos trabalhadores. Tudo continua na mesma como se nada tivesse acontecido.



ACONTEceu

A verdade em cada palavra.

“ O que mais preocupa não é o grito dos violentos, nem dos corruptos, nem dos desonestos, nem dos sem ética. O que mais preocupa é o silêncio dos bons. ”

– Martin Luther King

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

✉ SMS: 90440

✉ WhatsApp: 84 399 8634

✉ /JornalVerdade

✉ Email: averdademz@gmail.com

✉ @Verdade Online: www.verdade.co.mz



O Jornal mais lido em Moçambique.

“Órfãos e chefes de família: Quatro irmãos estão à deriva em Nampula”*

Na edição 232, de 19 de Abril passado, o Jornal @Verdade publicou uma reportagem com o título em epígrafe, dando conta de que os meninos Jéssica Rafael e Chica Rafael, de 4 e 8 anos de idade, respectivamente, Afonso Rafael, de 11, e Hermínio Rafael, de 15, na fotografia ao lado, dirigiam a sua família desde o dia em que a morte as separou dos pais, o que não constitui verdade, uma vez que quem, realmente, perdeu a vida é o pai.

Texto: Redacção • Foto: Arquivo



Apesar de as crianças morarem numa casa modesta e passarem inúmeras dificuldades para sobreviver, não são, afinal de contas, meninos de rostos franzinos, com a infância e os desejos ofuscados pelos embaraços, sonhos desfeitos pela amargura da vida e muito menos os seus direitos básicos, tais como educação, saúde, alimentação e vestuário constituem, para si, letra-morta. Esta descrição do nosso jornalista é um exagero para o tipo de vida que na realidade os petizes levam.

A mãe dos meninos não perdeu a vida em 2011, no Hospital Central de Nampula, vítima de uma doença prolongada, conforme dava a conhecer o nosso articulista, pelo contrário, goza de boa saúde e está a cuidar dos seus filhos. Aliás, na verdade, dentre os descendentes da progenitora em auso constam três rapazes e uma menina, por sinal a mais nova, e não duas raparigas e igual número de meninas conforme foi erradamente veiculado. A imagem que acompanha este texto é prova disso.

Pedido de desculpas

Eu Sérgio Fernando, jornalista do Jornal @Verdade, Delegação de Nampula, e autor do texto “Órfãos e chefes de família: Quatro irmãos estão à deriva em Nampula”, venho por este meio endearçar as suas sinceras desculpas às quatro crianças que supostamente dirigiam a sua família por terem perdido os pais. Na verdade, quem faleceu é o pai e não a mãe.

Esta encontra-se viva e a cuidar dos meninos, por isso, peço encarecidamente perdão por a

ter dado como morta na minha reportagem. O erro cometido deveu-se à má interpretação dos dados fornecidos pelos entrevistados e à falta de capacidade de análise da informação colhida da minha parte. Por isso, peço desculpas igualmente à família dos petizes em geral pelos danos causados pela notícia que publiquei por via deste mesmo meio de comunicação.

Peço perdão ao chefe da Unidade Comunal Palmeiras 22, Júlio Nihempe, pelas acusações que

davam conta de que estava a engavetar as cartas de pedido de apoio social expedidas a si pelos petizes com a finalidade de conseguir ajuda das autoridades do Posto Administrativo de Namicopo.

Aos leitores e à direcção do Jornal @Verdade peço também perdão, com a promessa de que situações similares não voltarão a acontecer, uma vez que de hoje em diante tomarei uma outra postura na relação com as fontes e no tratamento dos factos.

*Texto republicado para repor a verdade, uma vez que antes tinha sido veiculada de forma dúbia ou pouco clara.

Previsão do Tempo	
Sexta-feira	
Zona SUL	
 Céu pouco nublado localmente muito nublado na faixa costeira de Inhambane onde se espera chuvas fracas ao longo da faixa costeira. Vento de nordeste a noroeste fraco.	
Zona CENTRO	
 Céu pouco nublado temporariamente muito nublado. Chuvas fracas ao longo da faixa costeira Vento de sueste rodando para nordeste fraco.	
Zona NORTE	
 Céu pouco nublado com períodos de muito nublado. Chuvas fracas localmente moderadas na faixa costeira das províncias de Cabo Delgado e Nampula. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de sudoeste a sueste fraco a moderado.	
Sábado	
Zona SUL	
 Céu pouco nublado passando a muito nublado. Chuvas fracas ao longo da faixa costeira. Vento de nordeste fraco a moderado rodando para sueste soprando, por vezes, com rajadas.	
Zona CENTRO	
 Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas locais. Vento de sueste a nordeste fraco.	
Zona NORTE	
 Céu pouco nublado com períodos de muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas localmente moderadas na faixa costeira. Vento de sueste fraco a moderado rodando para nordeste.	
Domingo	
Zona SUL	
 Céu pouco nublado temporariamente muito nublado. Possibilidade de chuvas fracas ao longo da faixa costeira. Vento de sudoeste a sueste fraco a moderado soprando, por vezes, com rajadas.	
Zona CENTRO	
 Céu pouco nublado passando a muito nublado. Chuvas fracas localmente moderadas em Sofala e Zambezia. Vento de sueste a nordeste fraco a moderado soprando, por vezes, com rajadas.	
Zona NORTE	
 Céu geralmente muito nublado. Chuvas fracas ou chuviscos locais. Vento de sueste fraco a moderado soprando, por vezes, com rajadas.	

Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia

Diga-nos quem é o XICONHOGA,

Envie-nos um SMS para 821111 E-Mail para averdademz@gmail.com ou escreva no Mural do Povo

Procura-se

Empresa especializada na construção de Armazéns em estrutura metálica em Nampula.

Resposta para o numero **+258864503076**

Publicidade

NEG- LI GENCIA

A verdade em cada palavra.

Sofrem maus tratos mas encontraram apoio num centro de velhice em Nampula

Artur Muruha, de 55 anos de idade, natural de Nanhuo Rio, no distrito de Mogovolas, e Luciano Mualeti, que não sabe em que ano nasceu, mas aparenta ter 70 anos, oriundo de Nétia, distrito de Monapo, são dois idosos que partilham o mesmo espaço no único Centro de Apoio à Velhice da Cidade de Nampula. As razões da sua estadia nesta instituição são as mesmas: foram humilhados, maltratados e rejeitados pelos seus próprios parentes, incluindo os filhos, que os acusam de feitiçaria. Apesar de terem sido abandonados pela família, os nossos interlocutores afirmam que se sentem bem no asilo e desde que lá estão têm amparo, dignidade e as suas vidas mudaram para o melhor.

Texto & Foto: Redacção/Júlio Paulino



Os anciãos declararam, de forma unânime, que estão satisfeitos na "nova casa" mas não se esquecem jamais dos momentos difíceis pelos quais passaram nas suas zonas de origem. Consideram que hoje levam uma vida digna e regrada, cumprim os horários das refeições, devendo recolher aos dormitórios até às 20 horas ou mais tarde. No Centro de Apoio à Velhice onde se encontram acolhidos não exercem nenhuma actividade devido à sua incapacidade física, mas passam o tempo de forma descontraída e a participar nos cultos religiosos. Todavia, nunca foram visitados pelos familiares.

A par de outros idosos que se encontram a residir no Centro de Apoio à Velhice de Nampula, Artur Muruha e Luciano Mualeti são cegos, uma deficiência contraída na idade adulta e da qual nunca mais foram curados. Ao todo são mais de oito anciãos albergados no centro em alusão e, neste momento, um dos grandes constrangimentos é o fraco fornecimento de água devido a constantes restrições por parte do Fundo de Investimento e Património do Abastecimento de Água (FIPAG).

Em Moçambique, grande parte dos idosos é exposta a maus tratos e acusações de feitiçaria, agressões físicas, factos que põem esta camada social numa situação de vulnerabilidade e deixada à sua sorte sem o amparo dos familiares, segundo Teresinha da Silva, membro do Fórum da Terceira Idade.

A interlocutora do @Verdade disse que os maus tratos perpetrados pelos parentes dos anciãos são uma parte dos problemas originados pela falta de meios de subsistência em muitos lares. Por isso, pensa-se, erradamente, que expulsar quem tem uma idade avançada (pai, mãe ou avó) é a solução para os problemas existentes. Algumas pessoas da terceira idade que são violentadas quando sofrem de doenças graves enfrentam situações em que os seus filhos correm com eles de casa, ficam sem alternativas e refugiam-se em estabelecimentos de caridade. O país possui 19 centros de acolhimento, dos quais nove estão sob a tutela do Governo e 10 de entidades privadas.

Da Silva disse-nos que a cada dia que passa há mais idosos rejeitados pelos filhos por outros familiares. No entanto, em todo o país, somente as províncias de Nampula, Zambézia, Sofala, Manica, Inhambane, Maputo província e cidade têm centros de acolhimento para aliviar o sofrimento deste grupo de pessoas. A nossa entrevistada disse que está preocupada com a falta de valorização dos anciãos por parte dos parentes.

Artur Murula é chefe de outros idosos que se encontram no Centro de Apoio à Velhice em Nampula em virtude de terem sido abandonados pelos parentes que os acusava de vários malefícios, dos quais ser responsáveis pela má sorte dos seus filhos, netos e/ou mesmo de noras. Ele recorda que quando era jovem exercia a actividade pesqueira no distrito de Angoche, onde tinha fixado a sua residência e vivia na companhia da sua esposa e do tio. Murula disse que quando foi expulso de

casa sofreu bastante até que um dia teve a sorte de ser apoiado pela Acção Social em Nampula.

Não sabem se ainda têm família

Artur Muruha e Luciano Mualeti disseram à nossa Reportagem que, para além de não estarem capacitados para realizar nenhuma actividade que assegure a sua sobrevivência sem que tenham de depender necessariamente do apoio do centro, a cegueira atingiu um estágio severo que já não lhes permite reconhecer as pessoas, por isso não sabem se têm família ou não, até porque nunca ninguém os foi visitar e identificar-se como seus parentes.

Muruha, por exemplo, contou-nos que estima que, desde os 28 anos de idade, leva uma vida marcada por obstáculos. "Quando contrai a doença fui transferido de Angoche para Nanhuo Rio, minha terra de origem, onde passei a viver com a minha avó. Meses depois, ela faleceu e algumas pessoas da religião cristã construíram uma residência na qual vivi e ainda providenciaram alimentos."

Segundo o idoso, dois anos mais tarde, os cristãos abandonaram a região de Nanhuo Rio e o deixaram desamparado. Começou a passar dificuldades mas, felizmente, foi recolhido pelas autoridades locais para o Centro de Trânsito de Maratac em Nampula, de onde posteriormente foi transferido para o Centro de Apoio à Velhice da mesma província. Todavia, a nossa fonte disse ainda que se recorda de que em Angoche deixou três filhos órfãos de mãe. No asilo onde vive actualmente casou-se novamente. "Tenho uma machamba mas não consigo sachar e quem o faz é a minha esposa."

Luciano Mualeti explicou-nos que antes de viver no actual estabelecimento de caridade estava casado mas a sua compaheira e uma filha faleceram em 2005. Mualeti lembra-se de que tem dois filhos vivos e três netos todos menores de idade. Contudo, as suas dificuldades começaram em 2001 quando perdeu a visão. A partir dessa altura passou a ser um fardo para a família porque precisa de apoio para realizar diversas actividades. Quando a esposa perdeu a vida, Mualeti e os filhos viviam graças à caridade dos vizinhos, e mais tarde beneficiou do apoio do Instituto Nacional de Acção Social. Esta decidiu transferi-lo para o centro de velhice e as crianças para o Infantário Provincial de Nampula.

Uma das netas abandonou o estabelecimento destinado a crianças desfavorecidas e regressou ao distrito de Monapo, onde se casou precocemente. Enquanto isso, um dos netos ainda se encontra no infantário provincial e está a frequentar a 7ª classe.

Assistência aos idosos é assegurada pela Acção Social

O delegado do Instituto Nacional de Acção Social em Nampula (INAS), Filipe Augusto Bô, disse que a sua instituição desembolsa, em média, cerca de quatro milhões de meticais mensais para suportar actividades de assistência social básica. Este trabalho envolve a transferência de valores em forma de pensões, proporciona serviços sociais aos infantários e ao Centro Apoio à Velhice locais, bem como para o combate à mendicidade, apoio a crianças vulneráveis, assistência médica e medicamentosa, dentre outras actividades.

O nosso interlocutor disse ainda que até a semana passada o centro tinha um total de 15 idosos, mas a cada dia que passa o instituto recebe novos pedidos para o acolhimento de idosos. Relativamente ao programa de subsídio básico do qual beneficiam os grupos sociais vulneráveis, Filipe Augusto disse que no primeiro trimestre do ano em curso a delegação do INAS em Nampula já tinha sido assistido 13.740 pessoas, incluindo idosos.

Caros leitores

Pergunta à Tina... Porquê perco a erecção no meio do acto?

Olá queridos leitores. Já ouviram dizer que as pesquisas para se encontrar o tratamento do HIV estão num passo avançado, não é? Eu aprendi nestes últimos meses uma coisa muito importante e quero partilhar. É que as pessoas que estão a tomar os comprimidos anti-retrovirais encontram-se num combate à reprodução do vírus do HIV, reduzindo cada vez mais a sua capacidade de se multiplicar. Isso é muito bom. Isso também significa que as pessoas que, depois de examinadas correctamente, sabem que o vírus parou de se reproduzir, NÃO DEVEM parar de tomar os comprimidos, mas tornam-se cada vez menos capazes de infectar as outras pessoas. Mas sobre isto falaremos nas próximas edições. Esta coluna é destinada a responder a perguntas sobre a saúde sexual e reprodutiva. Se quiseres saber mais,

enviem-me uma mensagem através de um sms para **821115**
E-mail: averdademz@gmail.com

Ola Tina. Eu chamo-me Inácio. Nos últimos dias tenho tido dificuldades durante o acto sexual com a minha dama. Perco a erecção no meio do acto e, por vezes, não fico excitado. Eu gostaria de saber o que está a acontecer comigo. Isso tem-me deixado muito frustrado. Abraços.

Olá meu querido. A tua pergunta é uma das mais famosas questões dos homens, e tenho a certeza de que a fazem porque é uma questão de masculinidade poder satisfazer uma mulher. Se eu soubesse a tua idade, seria mais fácil para mim investigar as possíveis causas. Mas posso adiantar-te que nos jovens a falta ou perca de erecção pode estar ligada a questões psicológicas, incluindo a pressão que sentem de poder manter a própria erecção por muito tempo já que todos os homens assim o fazem. A obesidade e alguns problemas hormonais também podem causar este problema. Para os homens mais velhos, tem sido mais sério, chegando a tornar-se impotentes. Se tiveres outros sintomas, como infecções de transmissão sexual (nos homens é mais difícil de detectar), é melhor procurar um médico na unidade sanitária mais próxima de ti. Também podes conversar sobre a tua dificuldade com a tua parceira e pedir-lhe que te ajude, sendo mais paciente contigo. Às vezes, quando os homens não encontram compreensão das suas parceiras, o problema aumenta. Procura também encontrar prazer noutras coisas, noutras partes do teu e do corpo dela, sem que seja necessária a penetração. Para ficas mais calmo, posso garantir-te que é um problema que tem solução.

Ola Tina. Bom dia. Queria saber como se calcula o período Fértil de uma mulher. Por exemplo, a minha namorada tem o período a partir do dia 14 de cada mês e dura 4 dias. Como faço para saber se a partir do dia x até a data y está no período fértil?

Hehehe, a mim soa como se tu quisesse fazer sexo sem preservativo com a tua namorada! Apanhei-te! Por isso, vou começar a responder-te de trás para a frente. Primeiro, antes de fazerem sexo sem preservativo vocês devem ter a certeza que são os dois seronegativos (não estão contaminados com o HIV), e que, também, não possuem infecções de transmissão sexual. Depois disso, é preciso que se mantenham protegidos destas infecções, usando sempre o preservativo. Mas, já que devo responder à tua pergunta, eu diria que é importante que a tua namorada vá a uma unidade sanitária e procure o apoio das enfermeiras de saúde materno-infantil. Isto porquê? Porque o ciclo menstrual não é igual em todas as mulheres. É preciso saberes se o ciclo é regular, isto quer dizer que ele chega em intervalos certos (21 ou 28 dias), ou se ele é irregular (vem a qualquer momento do mês, e, em certos casos, duas vezes). Dependendo do intervalo entre os ciclos, é possível depois disso fazer a contagem até ao início do período fértil. Percebes? Então, o melhor é ela procurar a ajuda de uma enfermeira de saúde da mulher, ou médico/a ginecologista, para esclarecer esta dúvida.

MozMed A plataforma virtual de saúde em Moçambique

Manda tuas questões através de **SMS** para **6640** ou Internet <http://mozmed.com/> e receba resposta dos especialistas de saúde e de outros cidadãos

“Um casal seropositivo que luta para vencer a discriminação”*

Na edição 232, de 19 de Abril passado, o Jornal @Verdade divulgou uma reportagem, com o título em epígrafe, dando conta de que Alberto Joaquim e Maria Samuli, ambos de 40 anos de idade, viviam maritalmente há 18 anos, no bairro de Nature, no Posto Administrativo de Namitória, distrito de Angoche, na província de Nampula e era seropositivo, o que não constitui verdade. O certo é que este casal enfrentava um problema de violência doméstica protagonizado pelo esposo, mas, graças ao trabalho da N'weti em Nampula, está a levar uma vida normal.

Texto: Redacção • Foto: Arquivo



Este casal diz que está feliz, todavia, apesar de ter uma história de amor marcada por episódios tristes, não está de forma alguma infectada pelo HIV/SIDA, não tem levado uma vida desregrada devido à sua frustração por ter contraído o referido vírus e nem é discriminado no bairro onde reside. Na verdade, Alberto e Maria viviam em frequentes desavenças, facto que inquietava a senhora.

O nosso jornalista que redigiu a história entendeu e interpretou erradamente a informação fornecida pelos funcionários da N'weti em Nampula.

Segundo esta instituição, Maria Samuli era violentada pelo esposo, mas a vítima foi corajosa e convidou o companheiro a participar em sessões de aconselhamento designadas “diálogos comunitários” porque tinha a esperança de que o seu marido podia mudar de comportamento.

Alberto não se fez de rogado, aceitou, mas alegou que apenas iria assistir a algumas reuniões para depois decidir se valia ou não a pena participar com assiduidade. Felizmente, aceitou fazer parte de todas elas.

A mesma instituição esclarece igualmente que nove semanas depois das sessões muita coisa tinha mudado na vida do Alberto.

Este, de um homem viciado em álcool e bastante agressivo em relação à família, ao bairro e às lideranças locais, tornou-se uma pessoa de bem.

Neste contesto, o Jornal @Verdade lamenta o sucedido e expressa publicamente as suas sinceras desculpas ao casal e à Delegação da N'weti em Nampula.

*Texto republicado para repor a verdade, uma vez que antes tinha sido veiculada de forma dúbia ou pouco clara.

Pedido de desculpas

Eu Nelson Miguel, jornalista do Jornal @Verdade, Delegação de Nampula, venho por este meio endereçar o meu sincero pedido de perdão ao casal Alberto Joaquim e Maria Samuli pelo facto de na edição 232 ter veiculado uma reportagem na qual os dava como seropositivos.

O certo é que os visados enfrentavam uma crise conjugal caracterizada por desinteligências, mas já ultrapassaram este problema graças ao trabalho desenvolvido pela N'weti em Nampula, a quem também peço desculpas por ter feito mau uso da informação que me foi fornecida.

O erro cometido não foi intencional, por isso, face aos efeitos negativos que a matéria em causa pode ter causado ao casal que considerei seropositivo, reconheço, humildemente, não ter observado uma das regras básicas da minha área de trabalho: apurar e confrontar sempre os factos.

Pelos transtornos causados, reitero o meu pedido de desculpas aos senhores Alberto Joaquim e Maria Samuli, à sua família, à N'weti, ao Jornal @Verdade e a todos os que, de forma directa ou indirecta, foram negativamente afectados pela minha reportagem.

Bares e discotecas vendem produtos em péssimas condições e fora do prazo

Alguns bares, discotecas, restaurantes e outras casas de diversão nocturna na capital moçambicana, tais como o Xima e o Chiundo África Bar, confeccionam, vendem e armazenam produtos em deploráveis condições de higiene, para além de que os prazos de validade venceram, mas os proprietários admitem que sejam vendidos aos seus clientes. Entretanto, os mercados, onde vários alimentos são comercializados, continuam expostos a situações atentatórias à saúde pública, devendo merecer um aturado trabalho de fiscalização.

Texto: Redacção • Foto: Arquivo

Esta triste realidade foi detectada na semana passada, à noite, no Havana Bar, Coconuts Live, Chiundo África Bar, Next To You, Gil Vicente, Xima, Elvis Bar e Restaurante 1908, durante uma visita relâmpago da Inspecção Nacional das Actividades Económicas (INAE) do Ministério da Indústria e Comércio (MIC).

Segundo o Notícias, o exercício de actividades não licenciadas, a má apresentação dos sanitários públicos, a péssima conservação dos produtos usados na cozinha e a não observância dos prazos de validade são algumas, dentre várias, irregularidades detectadas e que constituem um perigo para a saúde dos utentes desses lugares.

Segundo o inspector da Direcção de Indústria e Comércio na cidade de Maputo, Elias Jamisse, os bares



Xima, Chiundo África Bar e Gil Vicente constam da lista dos piores locais no que diz respeito às condições da cozinha e conservação de alimentos.

Enquanto isso, outros sete estabele-

cimentos de confecção de refeições, bares e discotecas exercem uma actividade não indicada no seu alvará de licenciamento. No Chiundo África Bar e no Xima, por exemplo, foi constatado que a carne é conservada em condições deploráveis, as grelhas estavam mal lavadas e os panos de loiça sujos, sem as mínimas condições de serem utilizados. Consequentemente, uma das inspectoras do INAE recolheu os mesmos panos e colocou-os numa lata de lixo com o tomate e a cebola que supostamente seriam utilizados nas refeições do dia seguinte para os clientes.

No Xima, a INAE descobriu carne já preparada e que seria vendida no dia seguinte, em condições de armazenamento deficientes. No mesmo local e no Chiundo África Bar foram encontrados produtos fora do prazo.

Publicidade



Ideias Iluminadas merecem sério investimento

REAJA AGORA COM REACT!

Solicite o financiamento para a sua proposta de negócio em energia renovável, soluções para adaptação às mudanças climáticas e serviços financeiros

Inscrições encerram-se no dia

18 de Maio 2013

Visite: www.aecfafrica.org/react

Para obter mais informações e inscrever-se

Apoiado por  Reino dos Países Baixos

AECF
Financiando a Inovação Empresarial em África

AGRA
Growing Africa Agriculture

KPMG A Gestão dos Fundos do AECF é feita pela KPMG IDAS

Livro de Reclamações d'Verdade



O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal **@Verdade**, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Reclamação

Boa tarde, Jornal @Verdade. Sou moradora do bairro da Polana Cimento, arredores da cidade de Maputo, e gostaria, através deste meio de comunicação, de manifestar a minha inquietação em relação ao depósito de venda de refrigerantes sito na Avenida Mártires da Machava. É que em quase todas as vezes que fui comprar refrigerantes naquele local apanhei uma garrafa cujo produto contém sujidade. Isto já me aconteceu por três vezes e numa delas fiquei preocupada com a saúde da minha filha, uma vez que teria consumido um refresco nesta situação.

Da primeira vez, na caixa de refrigerantes que comprei uma das garrafas continha resíduos de plásticos que se assemelhavam a algo deteriorado.

A minha filha sentiu um mal-estar instantâneo depois de tomar o mesmo refrigerante. Na altura achei normal e pensei que a sua indisposição era devido ao facto de estar consciente de que ingeriu um produto não salubre.

Num outro dia voltei ao mesmo depósito para comprar refrigerantes e a história relacionada com a falta de higiene nas garrafas repetiu-se. Contudo, dessa vez encontrei sementes de limão e fiquei preocupada porque não se justifica que uma empresa como Coca-Cola parece não estar a observar rigorosamente as condições higié-

nicas dos seus recipientes, o que faz com que aconteçam coisas desta natureza.

Da terceira vez, decidi trazer-vos (referia-se ao @Verdade) a garrafa de Coca-Cola ainda celada para que pudessem ver que no acto de lavagem e enchimento do produto em causa há falhas que deixam algumas interrogações em relação ao controlo dos recipientes.

Para além de sujidade, nitidamente visível na parte do gargalo da garrafa, esta não continha a quantidade normal de refresco, ou seja, estava quase pela metade.

Não comprehendo como é que uma empresa com uma dimensão tão grande como é a Coca-Cola não consiga acautelar que situações destas não se repitam de modo a evitar que milhares de consumidores estejam expostos ao risco de contrair uma eventual doença por causa do desleixo ou das falhas dos trabalhadores que cuidam da lavagem e enchimento das garrafas.

A situação demonstra que a fiscalização efectuada nas empresas pelo Ministério do Trabalho é ineficiente. Por favor, peço a quem de direito para que reveja e preserve as condições de higiene na Coca-Cola. Não devem apenas preocupar-se com o lucro em detrimento do bem-estar dos seus clientes. Ajudem-nos.

Resposta

Sobre este assunto, o @Verdade ouviu um dos vendedores do depósito onde a senhora comprou os refrigerantes a que se refere, na Avenida Mártires da Machava. Sem revelar a sua identificação por temer represálias da empresa fornecedora do produto em alusão, o nosso interlocutor disse que tem sido constante encontrar uma parte considerável de refrigerantes com sujidade.

Segundo a fonte, os culpados são a Coca-Cola e os clientes. Estes por sujarem as garrafas depois de consumir o produto e a empresa por não lavar devidamente ou verificar os recipien-

tes antes dos enchimentos na fábrica. A nossa fonte considerou que a reclamação da cidadã que nos escreveu é justa, mas quando um problema semelhante acontece no seu depósito não existe outra alternativa senão trocar o produto por um outro em boas condições. Mas este procedimento significa um prejuízo para o revendedor.

O nosso entrevistado apelou aos clientes da Coca-Cola para que ajudem na conservação de garrafas para que se evite que situações do género aconteçam. E recomenda ao Ministério do Trabalho para que seja implacável nas suas ações de fiscalização.



As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorretos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua Reclamação de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenores os factos. Envie: por carta - Av. Mártires da Machava 905 - Maputo; por Email - averdademz@gmail.com; por mensagem de texto SMS - para os números 8415152 ou 821115. A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.



Mamparra of the week
Jorge Khalau

Luís Nhachote
averdademz@gmail.com

Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avós e Avós

O Mamparra desta semana é o comandante geral da Polícia da República de Moçambique (PRM), Jorge Khalau. O motivo é simples: os homens que têm por obrigação seguir as suas ordens atropelam constantemente a Constituição da República ante o olhar impávido e sereno do mamparra Khalau.

Num país onde seguir a justiça só é possível quando tal acto não colida com a vontade do partido no poder, os homens da Força de Intervenção Rápida não passam de vítimas de um regime anti-democrático. Khalau é o braço executor de tamanha mamparrada. Só isso justifica a sua permanência no cargo depois de trucidar a Constituição da República de Moçambique quando disse que a Polícia respeita o seu regulamento interno e que os juízes não podem fazer nada que ele, Khalau, não queira.

Afinal a não tem nada a fazer? O que justifica mamparrada atrás de mamparrada? O que dizem dos raptos e dos polícias assassinos? Khalau devia estar mais preocupado em limpar a casa do que em cumprir o papel de cão de guarda das idiossincrasias da Frelimo.

Afinal os ciclistas não podem marchar? Onde é que Khalau leu que a FIR foi investida desse direito? Custa respeitar a lei e os direitos fundamentais dos cidadãos?

Khalau não se pode esquecer de que a legislação moçambicana aborda, de forma específica, o direito à manifestação e reunião. Contudo, as alterações ao corpo da lei limitam esse direito que a Constituição da República de Moçambique consagra expressamente. No entanto, tal limitação não significa que Khalau pode pegar a lei pelas golas e brincar com os direitos dos cidadãos deste país. Mamparra.

Na verdade, a lei refere-se unicamente, de forma clara, ao Direito de reunião e de manifestação, afirmando, no número 1 do artigo 3, que "todos os cidadãos podem, de forma pacífica e livremente, exercer o seu direito de reunião e manifestação sem dependência de qualquer autorização nos termos da lei".

O que Khalau pensa? Que o país é dele ou da Frelimo?

Saberá o bom do Khalau que as autoridades, por exemplo, "só podem interromper a realização de reunião ou manifestação realizada em lugares públicos ou abertos ao público, quando forem afastadas da sua finalidade ou objectivos e quando perturbam a ordem e tranquilidade públicas". Refira-se ainda que as autoridades que detêm competência nesta matéria não podem praticar actos administrativos que limitem a protecção conferida pelo artigo 51 da CRM. Saberá Khalau que mesmo as normas restritivas de direito, liberdades e garantias, para além de terem de se revestir das características já assinaladas não podem diminuir a extensão e alcance do conteúdo essencial dos preceitos constitucionais?

Basta deste tipo de mamparras. Mamparras, mamparras, mamparras.

Até para a semana, juizinho e bom fim-de-semana!

Publicidade

FORAGIDO

A verdade em cada palavra.

Cidadania



goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

CIDADÃO Orlando REPORTA: A Comissão Interministerial para Grandes Eventos Nacionais e Internacionais (CIGENI) vai gastar 5 milhões de Meticais nas celebrações do jubileu da União Africana (fonte: TVM). Esse valor representa quase o dobro do orçamento atribuído anualmente ao sector de Saúde no Distrito de Chibuto. Eu gostaria de saber que actividades concretas a CIGENI vai desenvolver para gastar tão módica quantia.

 **Mohammad Hajat** o pais ta vendido so faltam mudar de nome PANDZABIQUE. Gosto · 3 · 26/4 às 22:50

 **Abubacar Agostinho** No pais do pandza os ladros andam de fato e gravata. Gosto · 1 · 26/4 às 23:26

 **Onorio Beto Carlos Nhansue** Enquanto elx gaxtam o dinheiro em koisax 100 kabimento, a populaxao morrd d fome. Gosto · 1 · 26/4

 **Nordino Langa** workshops e jantares para os membros do governo e a comicio organizadora! 26/4 às 22:50

 **Weiss Mocalacha** depois dizem que pais e' pobre 26/4 às 22:08

 **Pectínio Da Conceição Jeje** Pa aumento d salário, ñ há taku, mas pa brincadeiras... Sábado às 7:59

 **Adercio Paulo** oh yeah... e lá vamos nós compatriotas... espero que pense nisso quando tivermos a chance de fazermos as nossas escolhas... escutem o k dizem, analisem e depois façam a vossa escolha...existe mta gente capaz de fazer a diferença... vamos dar oportunidade a essas pessoas, ninguém é insubstituível... Sábado às 12:02

 **Lucien Pierre Lukusa Nkunda** Samora, samora, samora, onde estão os seus ensinamentos? Sábado às 10:23

 **Jose Alberto Mangue** O pior e que em alguns distritos ha escases de medicamento. Alguns centros de saude estao completamente fechados, nem anti malaricos existem. Distrito de Morumbala esta mal. Sábado às 9:07

 **Joao Adine** esta nossa independencia é uma farca pork é pior k a colonizacao, pois temos k acistar a pilhagem bruta d nossos recursos sem pudr ajir. e ainda fazer d conta k consentimos algo k benefecia uma camda d mendigos k se apoderaram do governo a forca. Sábado às 7:09



goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avôs e Avós O Mamparra desta semana é o partido Frelimo em toda a sua extensão. Desde Guebuza, o topo, ao Amosse Macamo, fiel escudeiro, são todos mamparras, mas mamparras na pior acepção do termo. Só isso explica o silêncio ensurdecedor do partido do batuque e da macaroca em relação aos seus membros que pretendem abocanhar lugares na Comissão Nacional de Eleições (CNE).

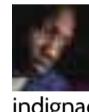
A Frelimo não pode brincar de democracia, embora esteja acostumada a ser o juiz e jogador de uma partida cuja arbitragem devia pautar pela imparcialidade. O esquema que visa colocar Leopoldo na cadeira máxima da CNE é, de todos modos, vergonhoso.

O facto de ter sido um jornal que defende, com unhas e dentes, a visão do regime e os seus atropelos é esclarecedor. Aliás, o jornal Domingo é merecedor do mesmo galardão. No entanto, o facto de ser um órgão de informação com vocação para veicular o orgasmo do regime isenta-lhe de qualquer espécie de responsabilidade.

A Frelimo é que, em última análise, devia receber tão prestigioso galardão. Os mamparras são eles. Esse jogo macabro com a democracia é disso um exemplo. Mamparras em todos sentidos.

 **Júdasse Armando Banze** falta de espirito de com patriotismo, tanto dinheiro para brincadeiras Sábado às 7:01

 **Frederico Amissé Vicente Mualimo** Ladroes, ladroes meu deus Sábado às 6:01

 **Adamugy Brito** Estou parcularmente indignado com essa situaçao. Ha coisas que so acntncm em Moçambk!!!! é lamentavel! 26/4 às 23:26

 **Fernando Miguel Boris Machai** Ladroagem pura à 100%. Tamos nas tanguinhas 26/4 às 23:04

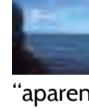
 **Paulo Dos Anjos** Que actividades a CIGENI ira desenvolver para gostar os 5 milhoes de meticas? Claro, NADA, se Nao comeretes e beberetes... 26/4 às 22:53

 **Fernando de los Rios** o mais triste, porém, é que os serviços de saúde dum distrito tenham que fazer tudo o que fazem com um orçamento tao magro... 26/4 às 22:52

 **Mateus Cuamba** A quem nao jantou hoje. 26/4 às 22:36

 **Bento Abilio Calieque** Stao ai a deitar dinheiro dpx disem que nao tem fundus. enves d ajudarem us necessitados + nao stao agastar pa coisas cem cabimento. 26/4 às 22:29

 **Jeremias Abner Guirize** tbm kero saber 26/4 às 22:25

 **Manuel Cochol Paulo Gomane** este e' o pais dos "aparentemente" dstraídos... os enventos estao na moda, e' a internacionalização do pais para vender a marca e meter o taco no bolso de...! 26/4 às 22:22

 **Meck Mutumane** Tamos no Pais d Pandza, um povo sofredor amante da sua patria 26/4 às 22:15

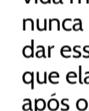
 **Narciso A. Machava** Esse Pais está sendo economicamente "Partido" por esses gananciosos camaradas do "Partido" que só pensam em tirar o "Partido" em tudo e todos... Esse Pais é um "disfarce" sem duvidas nem dividas. Sábado às 4:40

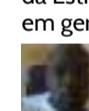
dia Gosto · Ontem às 6:36

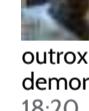
 **Nelson Do Rosario** Esta é a Frelimo que temos,a

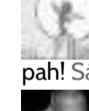
Frelimo que nem Mondlane e nem Samora sonhou. Se Samora fosse vivo,morreria de ataque cardiaco. Incrivel: todos semanas sao MAMPARICAS para os camaradas,nao pode ser! Se nao é a Frlimo é o governo Gosto · 6 · Sábado às 13:43

 **Joao Machel** Desta vez, a frel smnte tera o meu voto roubando-o, tal como acntceu nas vzes passadas. Gosto · 2 · Sábado às 15:09

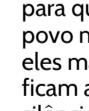
 **Germano Mbido** Os noxo chefe acoxtura curupçao a partir d president ate ministro sao corrupto Gosto · 2 · Sábado às 13:45

 **Moises Jesus Alberto** mampara, chiconhoca, abutres, cancro da nacao mocambicana Gosto 1 · Sábado às 20:01

 **Roger Vilas** Mampara somos nós k sempre acreditam em mamparisses. Outros somos nós k achamos ñ votando é indiferente. O povo a sofrer onde está o sonho que Samora tinha. Os dirigentes devem servir ao povo e devem ser os últimos nos benefícios Gosto · 1 · Sábado às 14:29

 **Fred Joaquim** Tao abuzar do poder o tal leopoldo, vai ser eleit nao importa opiniões dos outros ou contextasoes Gosto · 1 · Sábado às 13:59

 **Domingos Sampanha Sampanha** alguem pode me explicar o significado da palavra mamparra? Sábado às 13:43

 **Ntukulu Wa Mdawane** Mamparra é uma expressão usual no sul do país que em outras palavras significaria GRANDE IDIOTA OU PARVO Ontem às 6:32

 **Arson Chigono** sei k o meu voto nao faz diferenca e por nao vou este ano por ladros no poder oque e isso gente eu tenho certeza que este ano so vai quem come com a frelimo Domingo às 9:03

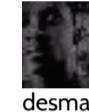


goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

A Presidente da Organização Nacional dos Professores (ONP), Beatriz Muhoro, reafirmou nesta Segunda-feira (29) que a Agremiação que dirige não propôs a candidatura de João Leopoldo da Costa para uma das três vagas reservadas à Sociedade Civil na futura Comissão Nacional de Eleições (CNE). Beatriz Muhoro mostrou-se ainda perplexa com a atitude dos membros do Parlamento que compõem a Comissão Ad Doc "Não estamos a conseguir engolir, porque eles (a Comissão Ad Doc do Parlamento) sabem quem dirige a ONP, como é recebem documentos assinados por uma outra pessoa e simplesmente aceitam?"

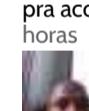
 **Núman Wane** Afinal Dlhakama tinha razão... Bando de malandros Gosto · 4 · há 18 horas

 **Narciso A. Machava** Pois é, um verdadeiro desmascaramento do J.L da Costa, há muito que vivia na tremenda hipocrisia

Lambebótica, agora ele e as suas (fantasmas) candidaturas estão em Péssimos Lençóis em pleno Inverno... Kakaka Gosto · 2 · há 17 horas

 **Axel Gustave Dupré** Colegas exex kerem usar nossa organizacao para o povo nos juntar nas fileiras deles da CORRUPCAO e como se isso nao foxe o suficiente dzm k EDUCACAO E UM SECTOR IMPRODUTIVO ENQUANTO O MACACOS DO PARLAMENTO FICAM INUNDADOS EM MAR DE REGALIAS. vamux mostrar ixo, ai vem as eleicoes Gosto · 1 · há 10 horas

 **Fredy Junior Fredy** Hje xtamos a ver jovens o kno esse partido k agnte ainda pnsa k e' da salvaccao xta enfiado ate ao nariz cm coisas podres? O k xtmos a xpera pra acordar? Gosto · 1 · há 15 horas

 **Zequito Macuacua** É manipulação da frelimo. Kérem encaixar esse sem vergonha para fazer o filme que fez nas eleicoes passadas em que o mdm foi sacrificado nos circulos que ate podia ganhar. Gosto · 1 · há 16 horas

 **Tomas Pedro Carvalho** Isso é vergonhoso pk vulgarizam o trabalho e o sacrificio de Eduardo Mondlane e Samora Machel?

Ja começo a pensar k os ambiciosos k Machel previa ja apareceram Gosto · 1 · há 18 horas

 **Delto José** Hehehehe.... la vamos nos com o jogo das culpas, isto constitue matéria d crime, o onp deveria ir denunciar este acto, ja q diz q se distancia Gosto · 1 · há 18 horas

 **Samito Casimiro Mucavel** Abuso contra a ONP. Quem falsificou as assinaturas deve ir a cadeia. Ñ pagamos cotas p isto. Gosto · 1 · há 18 horas

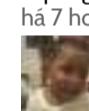
 **Axel Gustave Dupré** Concordo colega e ainda

dem k educacao e um sector improdutivo Gosto · 1 · há 10 horas

 **Fidalgo Mauai FloryWinny** Voces pensava oke? Poder anima nao sabia? há 18 horas

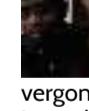
 **Ibraimo Aldo** Os malandros foram apanhados! há 6 horas

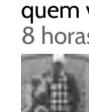
 **Dias Coutinho** A cidadãos neste país sem respeito para com o povo moçambicano, estão habituados a viver com as insensibilidades do povo e puxam sacos dos dirigentes - não são futuristas por isso, passam a vida a sofrer porque querem ganhos imediatos. Fora para com todos os capangas da AR e o da Costa. há 7 horas

 **Osvaldo Ndhimandhi** Foram desmascarados a tempo... kkkkk! há 7 horas

 **Benjamim Jose** A mentira tem pernas curtas. Diz o ditado. Pensavam k starias a manipular pra tda vida??? O Sr J. L. Costa com cara d pau ainda diz k foi a tal onp k lhe agremiou. E pena k ainda mtos jovens nao conseguem ver k esta Frelimo k dia e noite e maravilhosos como dizem, nao e como pensavamos. Estamos perante um partido ladrao, cheio d mostos, sem nenhum interesse pelo povo. Agora eis o problema. Ganhar a fraude. há 7 horas

 **Diogo Nguinho Tsamba** pais do pandza mas tambem pais do fraude. Gosto · Responder · 8 horas

 **Zefas Kwossa** Mafiosos, aldabroes... sem vergonhas. Isso de eleicoes é jogar dinheiro fora, ja tem o primeiro classificado predifinido, apenas é ver quem vai ser o segundo.... há 8 horas

 **Talique Amuda Ossol Ossol** se quem dirige o stae e fraudulento o parlamento e fraudulento a renamo pode ter razao... a minha pergunta e pq o sr leopoldo fez isso? há 10 horas

 **João Chilengue** forxa verdade, mantenhamos informados sobre a vida politica, social e economica deste pais. Xleng há 15 horas

Selo d'@Verdade

As pré-campanhas eleitorais do partidão já começaram

Há muita coisa que hoje em dia torma conta dos ditos cérebros do país. São vários os aspectos que mexem com a cintura social: aspectos sociais, políticos, e até económicos. Interessante ver e ouvir académicos discutindo teorias, doutrinas, programas, sistemas que podem acabar de uma vez com a doença que afecta o estômago da nação: a pobreza absoluta. O mais impressionante é que nesses debates não se faz presente um cidadão da dita sociedade civil, um zé-ninguém que diariamente vive de e na pobreza absoluta. E este nosso Governo que torna assuntos políticos sociais e socais políticos. Não entendo essas mentes esclarecidas.

Mas o meu propósito nesta carta é falar das pré-campanhas que o magno partido vem realizando nos últimos meses. Elas são uma espécie de ritos de iniciação político-eleitoral, ou até, iniciativas cheias de luxo e propagandas enganosas com vista a garantir votos (inconscientes) em excesso.

É sabido por todos que a Lei Eleitoral estabelece o período da realização das campanhas eleitorais (campanhas de artimanhas retóricas), início e fim, porém, tem-me deixado triste o que alguns membros do partidão protagonizam em eventos do Governo (Governo e partido não são mesma coisa, ou pelo menos não deviam ser). Esses senhores feudais põem-se a realizar pré-campanhas eleitorais de forma mais crua e nua.

É certo que estamos num país com uma democracia que apresenta especificidades exclusivas; um país que confunde Governo e partido; um país onde o Governo não age para o bem do povo, mas sim para agradar um partido; estamos num país onde reina uma democracia selvagem, democracia que actua com instintos partidários; mas as pré-campanhas são inaceitáveis.

Enquanto os outros "partidinhos" continuam adormecidos num sono profundo, esperando que as portas da Comissão Nacional de Eleições se abram para submeterem a papelada, o partidão já faz pré-campanhas ilegais e engoladoras. O partidão faz de tudo para ter um voto. Usa até a pobreza absoluta como alicerce dos seus discur-

sos cheios de pobreza humana e intelectual. Usa o Chefe de Estado como profeta do futuro melhor, com as suas ditas Presidências Abertas!

Presidências Abertas? Que conceito mais fechado. Estas visitas que o Chefe de Estado efectua de helicóptero aos distritos e vilas têm um sabor partidário, têm nódoas do que chamo de pré-campanha eleitoral. Afinal de contas para que servem os governos distritais e provinciais? O que diz o número 2, do artigo 141.º da Constituição da República acerca dos governos provinciais?

Alguns analistas políticos afiliados ao partido do cartão vermelho dizem em uníssono que as Presidências Abertas são um instrumento de interacção entre os líderes e povoações locais com o Presidente. Isso na minha opinião é um drible politicamente certo, mas socialmente inaceitável.

As pré-campanhas não se revelam apenas em ofícios políticos. Elas invadem também o pólo económico, como tinha dito, com o uso da pobreza absoluta e dos famosos megaprojetos. Os megaprojetos são negócios da elite partidária (elite do partidão), por isso a sociedade pouco sabe sobre eles. Ninguém sabe o que são megaprojetos.

Que impacto eles têm na vida económica do meu povo? O partidão faz dos megaprojetos um meio de angariação de amizades político-económicas com o exterior. Que contribuição tem a exportação de carvão mineral de Moatize no melhoramento da qualidade de vida das populações locais de Tete e do país? Será que a partir de 2018, quando iniciar a exploração do gás natural da Bacia do Rovuma, o país estará livre da miséria?

Que contribuição tem a Mozal no combate à pobreza? A Mozal só ajuda a intoxicar e nada mais. Dizer agora que os megaprojetos têm uma enorme importância porque geram postos de empregos e ajudam a melhorar a vida da população local é uma forma aberta de conceber a pré-campanha eleitoral.

Não me falem dos ditos postos de empregos que esses negócios geraram em Moatize, Tete, e em Inhambane (gás de Pande e Temane), pois a população que beneficiou desses supostos empregos só serve como guarda, servente e nada mais. Aliás, esses empregos são de curto prazo pois os megaprojetos empregam estrangeiros formados em universidades internacionalmente reconhecidas. Tudo isso é pré-campanha.

Ainda este ano teremos as eleições autárquicas, caros leitores, não se surpreendam quando as cidades ficarem todas limpas. Não se surpreendam quando a cidade das acáias acordar de rosto lavado e sem contentores gotejando lixo, numa rua onde meninos de rua dormem. As pré-campanhas do Simango já iniciaram. Há dias Simango disponibilizou um fundo de apoio a projectos de geração de empregos. Que bom!

Que coincidência!!! Somente agora que a cúpula do partidão que faz parte do Governo vê a necessidade de electrificar as zonas rurais, de investir em projectos de habitação para jovens, e até investe nas viagens da Primeira-Dama (pré-campanha que se baseia na solidariedade mútua). Só agora. Justamente agora que as eleições presidenciais estão bem próximas.

As pré-campanhas eleitorais são uma manipulação cerebral, com o intuito de roubar o voto. O partidão quer ainda continuar no poder, seja com o autor do poema "As tuas dores" ou com um outro camarada. Mas o homem de "As tuas dores" desta vez vai arrumar as botas ou até vai governar aquele que estiver no poder.

O capítulo II, artigo 48.º, número 2, da Constituição da República, sobre os direitos, deveres e liberdades diz: "O exercício da liberdade de expressão, que compreende, nomeadamente, a faculdade de divulgar o próprio pensamento por todos os meios legais, e o exercício do direito à informação não podem ser limitados por censura."

Sérgio Raimundo

Sobre os nossos hábitos de leitura e os recorrentes "insultos" do sociólogo Elísio Macamo aos jovens desalinhados com o Governo do dia

Há já um tempo que venho notando que grande parte dos meus amigos do Facebook não gosta de ler textos longos (normalmente, artigos de opinião) sobre os mais diversos assuntos do nosso país. Particularmente os que abordam questões políticas. Regra geral, alegam não ter tempo de os ler por serem de linguagem muito complexa, aborrecidos e exageradamente densos.

Pode ser que tenham razão. E isso pode até reforçar a convicção generalizada segundo a qual os nossos hábitos de leitura estão a deteriorar-se de modo vertiginoso nos últimos tempos. Hoje em dia as pessoas estudam e formam-se num sistema de educação que prioriza o instantâneo... Testes e exames "multi-choice", literatura generalista que se foca em "bullets" e professores ou docentes preguiçosos, formados às correrias e com múltiplas ocupações profissionais. Muitos de nós, mais jovens, foram formados como autênticas caixas de ressonância de tudo quanto os nossos educadores achavam que deveríamos saber e mais nada...

Não fomos educados para ler para além do "copy & paste" e, quando diante de textos relativamente mais elaborados, morremos de sono natural. Não fomos educados a ler, pensar e opinar, de modo endógeno e pessoal. Fomos educados a repetir o que os outros dizem, concordando ou discordando em função do que a maioria acha ou daqueles que julgamos serem a referência do pensamento elaborado. Vamos sempre pelo mais fácil, resumindo o nosso contributo opinativo aos 160 caracteres de uma SMS...

Queremos tudo já feito, apresentado em 3 ou 5 linhas de um post no Facebook. Nunca comentamos um pensamento ou argumento patente num texto, comentamos os títulos dos jornais e as notas de rodapé que aparecem nos serviços noticiosos das nossas televisões. Todo o resto é cansativo para o escasso tempo que aparentemente temos, complicado o suficiente para disputar a nossa atenção com fotos de mulheres em poses sensuais e posts de anedotas ou, mais ainda, parece ser erudito demais para os nossos miolos.

Tudo isto vem a propósito de alguns textos de proeminentes figuras do nosso país intelectual que têm sido postados nos últimos tempos. Muitos deles dedicam autênticos "jornais", nos seus posts aqui no Facebook, para falar do nosso pulsar como nação ou país, a todos os níveis. Através desses artigos, muita informação passa a leste de muita gente que, genuinamente, se preocupa com o país, a sua condição presente e os seus rumos futuros. Com efeito, muitos desses textos são mesmo complicados pela forma como são escritos...

Os nossos maiores pensadores são, invariavelmente, professores doutores (PhD's), habituados a escrever com um rigor lexical e con-

ceptual muito acima da média da nossa compreensão geral. Muitos deles estuda(ra)m ou vive(ra)m no estrangeiro, onde o nível de formação e o grau de instrução são largamente superiores aos nossos, cá em Moçambique. Não sei se o fazem de propósito para, de modo deliberado, traçarem uma fronteira de qualidade entre nós e eles. Não sei se escrevem apenas para cidadãos que têm o mesmo nível de instrução que eles. O que é certo é que não escrevem para o cidadão comum e, embora dele falem nos seus textos (alguns até são mesmo dirigidos a ele), nunca facilitam a sua compreensão e a devida apropriação.

Muitas vezes, esse mesmo cidadão comum é vilipendiado, ridicularizado e estupridificado nos textos dos nossos grandes pensadores e tal facto passa-lhe muitas vezes de lado. Ou porque o cidadão não "apanha" o português do PhD que o aborda, ou porque o PhD que o aborda não dificulta propositadamente a sua compreensão. Para além disso, em alguns desses textos os seus autores impõem ao cidadão comum uma disciplina rígida de metodologia na emissão dos seus comentários... Regra geral, só os comentários que vão ao encontro da ditadura metodológica do autor é que são respondidos ou merecem a devida apreciação.

Os que se expressam "como povo" são, ou invariavelmente ignorados, ou "cientificamente" humilhados, sem comiseração nenhuma. Não há nem "fairy-play" nem o devido desconto pelas naturais insipiências da "sociologia do debate" nacional. Os comentaristas são necessariamente obrigados a perceber infalivelmente o autor e a demonstrar possuir "background" intelectual suficiente para interagir com o articulista, debatendo em pé de igualdade com o mesmo. Está-se nas tintas para o facto de nem todos sermos PhD's ou de nem todos termos experiência de debate universalmente aceites. Não se debatem os problemas do país e do povo com o povo (respeitando-se a sua diversidade), debate-se sobre o país e os problemas do povo exclusivamente com a elite pretensamente pensante, em linguagem conotada, erudita e excludente.

Vou citar um exemplo muito peculiar, baseados nos últimos artigos de um dos mais proeminentes sociólogos moçambicanos, o Prof. Doutor Elísio Macamo, onde os que se assumem abertamente como críticos do regime no poder (muitos deles nós, os jovens) são "insultados" sem direito de resposta. No artigo "Eu admiro Dhlakama", o autor chama aos críticos do status quo no nosso país de "esclarecidos" (assim mesmo, entre aspas), cidadãos que têm que esgrimir argumentos finos e zangados apenas para serem ouvidos pelo regime no poder. No mesmo texto, chama aos jovens descontentes com a forma como Moçambique tem sido governado de "juventude impetuosa e com as mentes toldadas por conceitos estrangeiros mal digeridos".

O Prof. Elísio Macamo afirma, no seu último artigo, que, e por exemplo, admira Dhlakama "pelo facto de o seu agir político ser um melhor guia à racionalidade da acção política em Moçambique do que os tratados facebookianos enformados pela encenação da indignação"... Por outra, tudo quanto se publica pelo cidadão comum no Facebook e como revolta à injustiça e os podres do nosso Governo são inferiores e descartáveis para se analisar o nosso *status quo* político porque são viciados ou inventados. Do estilo, e em linguagem simplificada, os nossos posts são que nem aquelas peças de teatro do Gungu que retratam cenários de pobreza da nossa sociedade. Para Macamo, estamos todos a mafiar, exagerando os nossos problemas e fingindo que estamos indignados com o que diariamente nos aflige!

Quase ninguém viu isto, no texto por ele publicado. Geralmente ou porque os seus textos são longos demais e falam de múltiplos assuntos, ou porque a linguagem é exageradamente "sociológica" e com recorrentes disfunções entre os títulos e o conteúdo dos mesmos. Não é a primeira vez que ele se dirige nesses termos à juventude desalinhada com o poder do dia. Não é a primeira vez que ele nos encharca de recursos "sociológicos", linguísticos e retóricos para descredibilizar ou deslegitimar o pensamento e o sentimento dos cidadãos que vivem o descalabro do país na pele, no coração e no estômago.

Não tenho nada contra quem o admira e que com ele troca textualmente palmadinhas nas costas, entre elogios e dissertações de fina estampa, ignorando deliberadamente tais agressões verbais contra os demais cidadãos que apenas tentam ser sensatos com a sua própria vida e com o que percebem do país. Um dia também já fui assim, fui incondicional dos textos do Prof. Elísio Macamo, até ao dia que, invariavelmente, comecei a notar nos seus escritos um indiscutível e reiterado ataque aos que gritam por um Moçambique melhor, particularmente os das camadas mais jovens.

Ninguém é obrigado a pensar Moçambique segundo ditames metodológicos que melhor agradam ao ilustre sociólogo e nem pode ser sentenciado por estar simplesmente a omitir a sua opinião, de forma livre e aberta. Os factos não mudam simplesmente porque o artefacto teórico ou linguístico que estrutura a nossa indignação não é o que é intelectual ou academicamente convencionado. Nenhum cobrador de chapa, jornalista, vendedor de recargas de telemóvel, desempregado, mulherista, funcionário público ou varredor de rua precisa de perceber sociologia (do poder ou do debate) para sentir e falar sobre o país....

Edgar Barroso

Assunto: Direito de resposta

Exmo Senhor

Wilson Francisco Uaniheque vem, por meio desta, pedir a V. Excia. que lhe seja concedido o direito à resposta em relação à reportagem publicada nas páginas 11 e 12, de 19 de Abril de 2013, sexta-feira, do Jornal a Verdade, cujo título é "Os jovens vão-se revoltar contra o Governo", da autoria do jornalista Nelson Miguel, da Delegação de Nampula.

O título não corresponde à verdade, pelo facto de em nenhum momento da entrevista ter feito tal declaração, o que se pode comprovar na respectiva gravação áudio, na posse do jornalista ora referido.

O Jornal @Verdade publica, na íntegra, a entrevista com Wilson Francisco Uaniheque, porém, com as emendas exigidas pela fonte em virtude de o seu jornalista não ter feito uma transcrição fiel das respostas por si fornecidas de acordo com o guião de perguntas com base no qual a entrevista foi realizada. E apresenta publicamente as suas sinceras desculpas pelos danos que o erro cometido possa ter causado ao visado, bem como na sua relação com as demais pessoas.

“Os jovens vão-se revoltar contra o Governo”*

Wilson Francisco Uaniheque, coordenador da Associação de Jovens Apostados na Luta Contra os Males, baseada na província de Nampula, diz que os jovens moçambicanos têm sido muito fragilizados e estão abandonados à sua própria sorte pelo sistema governativo. Ele espera que a nova geração seja mais crítica e capaz de reivindicar os seus direitos. Por outro lado, afirma que a mendicidade a que se assiste nas principais artérias das cidades tem a ver com a pobreza, como resultado da ausência de políticas públicas eficazes.

@Verdade - O que é AJALCOM?

Wilson Uaniheque (WU) - AJALCOM significa Associação de Jovens Apostados na Luta Contra os Males. É uma organização juvenil sem fins lucrativos que promove actividades de carácter voluntário e tem a sua sede na província de Nampula. Ela foi fundada a 19 de Fevereiro de 2002, por um grupo de jovens para dar resposta a alguns problemas que assolam a nossa sociedade, em particular os jovens, e é juridicamente reconhecida como pessoa colectiva de direito privado, com personalidade jurídica. O nosso símbolo é um logótipo de forma circular com quatro setas indicando o nosso movimento multilateral e dois jovens erguendo bem alto a chama do combate contra todos os males. Pode ser membro desta associação qualquer pessoa desde que manifeste o interesse de fazer parte desta. E ela surge por iniciativa de alguns jovens que pretendiam realizar alguma actividade em prol do bem-estar da sociedade, além de mudar o cenário da vida dos jovens.

@Verdade - Quais são as vossas visão e missão?

WU - Ser vista pela qualidade da sua actuação como órgão que presta e promove serviços de utilidade pública e para o bem da população mais carenciada, sobretudo a das comunidades mais distantes da zona urbana. A nossa missão é contribuir para a inserção e permanência igualitária de homens e mulheres no processo de desenvolvimento da sociedade a partir de actividades que contribuam para a redução dos males que afectam a sociedade, bem como a melhoria das condições de vida.

@Verdade - Qual é o vosso principal objectivo?

WU - A AJALCOM tem como objectivo fundamental a promoção da luta contra os males nos jovens e na sociedade, promovendo a participação dos jovens na realização de actividades que contribuem para a redução dos males que afectam esta camada, assim como a melhoria de condições de vida dos mesmos. Além disso, pretendemos apoiar os jovens com vista a uma boa educação e exaltação da igualdade do género, promovendo a formação e educação dos jovens que contribuem para a elevação do seu estatuto na sociedade; apoiando o desenvolvimento de actividades culturais, recreativas e artísticas no seio da juventude; realizando acções de proteção e valorização do meio ambiente, educando os jovens através de campanhas de combate às doenças que afectam aos mesmos em especial as ITS e HIV/SIDA e drogas; apoiando as pessoas vulneráveis na mitigação do seu sofrimento; e criando projectos com vista ao combate à pobreza absoluta nos membros, em particular, e na sociedade em geral.

@Verdade - Em quantos distritos da província de Nampula a AJALCOM trabalha?

WU - Trabalhamos na cidade de Nampula onde está implantada a nossa sede e no distrito de Nampula-Rapale, onde já criamos um centro técnico-profissional, e pretendemos estender as

Aliás, nota-se uma clara incoerência entre o título e o corpo da reportagem, pois não tem rigorosamente nada a ver uma coisa com a outra, ou seja, em nenhum momento se consegue encontrar elementos que sustentem o título.

Na oitava pergunta, lê-se “Os programas de apoio aos jovens têm atingido os das zonas rurais?”

O jornalista escreveu que “(...) acho que tem havido mais falácias do que a concretização dos planos e isso acontece muitas vezes quando se está nas vésperas das eleições. (...)”, sobretudo o da zona mais recôndita do país”. O

entrevistado não disse nada disso.

No segundo parágrafo da nona pergunta, o jornalista acrescentou a expressão “a nova conjuntura política.”

Na décima primeira pergunta, o quarto período não corresponde à verdade, porque nunca proferi tais declarações de que “O governo deve reflectir com muita urgência (...) a coisa pode ficar complicada.”

Na pergunta seguinte, toda a resposta deve ser revista, pois as palavras não foram ditas durante a entrevista.

Em relação à décima terceira pergunta, importa referir que a associação ainda não criou o

centro de formação profissional, pois aguarda pelo desembolso do valor necessário para a sua concretização, ao contrário do que foi escrito.

Na décima quinta pergunta, o entrevistado não assume ter dito o que foi escrito pelo jornalista. Em face de tudo isto, pretende-se que seja resposta a verdade dos factos com base na entrevista áudio, devendo o Jornal a Verdade fazer o desmentido em duas edições, de acordo com o artigo 33 da Lei da Imprensa.

Wilson Francisco Uaniheque

nossas actividades a vários distritos e municípios da província de Nampula sendo que, neste momento, temos 22 membros e centenas de jovens que têm seguido os nossos movimentos e actividades como de limpeza dos locais públicos e palestras de sensibilização sobre os males.

@Verdade - A vossa aposta é a camada juvenil?

WU - Sim. Nós trabalhamos com os jovens porque notamos que é a camada social neste país mais sacrificada e muito complicada. A população moçambicana é maioritariamente constituída por jovens emas, em contrapartida, são desempregados e desocupados e, como forma de não deixá-los perderem-se nos vícios, optámos por criar a associação com o intuito de juntos procurarmos mecanismos de combate à desocupação. No princípio, achávamo que os males estavam somente nos jovens, mas com o andar do tempo notamos que tínhamos que incorporar diversas componentes como o meio ambiente, a criminalidade, a área da saúde e a formação profissional.

@Verdade - Quais são as vossas actividades?

WU - Estamos apostados na capacitação de jovens na sua maioria alunos e estudantes, daí que já criámos alguns núcleos nas diversas escolas da cidade de Nampula, que designamos por Núcleos Escolares de Combate aos Males (NECOM's). Estes núcleos vão-se encarregar da promoção de palestras de sensibilização nas áreas de saneamento do meio escolar e não só, com destaque para o HIV/SIDA, A tuberculose, os efeitos nefastos do consumo de drogas e bebidas alcoólicas, a prostituição, entre outros. Criámos estes núcleos tendo em conta que é nas escolas onde a maioria dos jovens vai buscar certos valores e queremos juntar o útil ao agradável não somente na busca de conhecimentos científicos, mas também a moral, como deve desenvolver certas actividades e como se deve posicionar perante a sociedade. Nós vamos promover debates e intercâmbios em que o ponto focal será o jovem. Além destas actividades, temos trabalhado na componente de sensibilização da comunidade para que aderira aos processos eleitorais que têm acontecido desde o ano em que a nossa associação foi criada. Nesta componente estamos preocupados com as abstenções e a falta de vontade da população.

@Verdade - A vossa preocupação em criar os NECOM's tem a ver com o consumo de álcool e outras drogas nas escolas?

WU - De princípio estamos preocupados com a degradação moral da sociedade, principalmente nos jovens. Veja que não há um crime que acontece no nosso país em que não esteja envolvido um jovem. Na cidade de Nampula, com destaque para as escolas secundárias, os alunos no tempo de recreio passam a vida a consumir bebidas alcoólicas. Alguns alunos saem de casa com objectivo de assistir às aulas, mas são convencidos pelos colegas a abandonarem as aulas para se dedicarem a vícios como as bebidas alcoólicas, o tabaco e a prostituição. Nós queremos mudar este cenário. Queremos que muitos jovens deixem de ser influenciados por outros que vão à escola com dois ou três objectivos.

@Verdade - Os programas de apoio aos jovens têm atingido os das zonas rurais?

WU - Acredito que não, pois o que sei é que o Governo tem desenhado muitos programas com a intenção de promover os jovens, mas fala-se bastante no princípio e, posteriormente, não tem havido seguimento dos programas.

@Verdade - Será que os pais, encarregados de educa-

ção e os gestores das escolas perderam o controlo dos seus educandos?

WU - Acho que o grande problema tem a ver com a falta de acompanhamento por parte dos encarregados de educação. Eles matriculam os filhos e apenas se preocupam com os seus filhos nas duas últimas semanas do ano lectivo, quando pretendem saber o resultado final. No entanto, os pais e encarregados de educação são os principais culpados. A outra opinião é que os jovens estão a perder-se devido à globalização, a dita civilização que muitas vezes é muito mal interpretada. Este problema não é de hoje, os nossos antepassados não nos prepararam para o mundo em que vivemos nos últimos anos.

@Verdade - Qual é a sua opinião em relação aos jovens de hoje em dia?

WU - Olho com muita preocupação. Um dos grandes problemas dos jovens hoje em dia é a falta de ocupação, ou mesmo desemprego. Temos muitos jovens formados e que não conseguem arranjar um emprego, e é por isso que um dos objectivos é formar os jovens na área de empreendedorismo, conscientizar os jovens para que quando estudam não pensem em ter um patrão, mas sim em criar o seu próprio emprego para que eles sejam empregadores. Por isso, estamos a apostar na formação profissional para os jovens do distrito de Nampula-Rapale.

@Verdade - O que motiva os jovens a enveredarem pelos caminhos do crime e dos vícios?

WU - É uma forma de manifestação dos jovens. Se houvesse oportunidades iguais, não haveria registo de crimes, roubos, assaltos e até linchamentos. Na minha óptica essas situações acontecem porque os jovens andam por todo o lado à procura de algo e no final do dia não têm o que comer, e a solução é cometer crimes.

@Verdade - A AJALCOM tem um centro de formação profissional. Quais são as áreas prioritárias de formação?

WU - A associação ainda não criou o centro de formação profissional, pois aguarda pelo desembolso do valor necessário para a sua concretização no distrito de Nampula, onde pretendemos formar 360 jovens em matérias de construção civil e carpintaria no distrito de Nampula-Rapale, dentro de 12 meses. Ou seja, queremos formar 180 técnicos de construção civil e os outros na área de carpintaria. Pretendemos com a iniciativa reduzir em 30 por cento o número de jovens identificados sem formação técnico-profissional naquele distrito.

@Verdade - Depois da formação, qual será o passo seguinte?

WU - Queremos apoiar na criação de pelo menos cinco movimentos associativos juvenis para a geração de rendimento em Rapale, o que quer dizer que o fundo que recebemos engloba o financiamento em ferramentas aos nossos formandos, e através desta ideia vamos fazer o seguimento das actividades a serem desenvolvidas pelos movimentos a criar. A nossa visão com este trabalho é habilitar os formandos em conhecimentos técnico-práticos; aumentar o emprego e o auto-emprego; estimular o associativismo com a criação de projectos de geração de rendimento, com base na formação adquirida; e tornar disponível a mão-de-obra local qualificada. E nesta componente queremos promover a equidade de género, e a prevenção e combate ao HIV-SIDA. Os referidos cursos contemplam jovens de ambos os sexos, e prevêem promover debates e palestras ligadas a diferentes áreas de interesse da comunidade.

* Textos republicados no âmbito do direito de resposta consagrado pela lei de imprensa.

“Exploração mineira contribui para o aumento de casos de tuberculose em Moatize”

O @Verdade esteve no distrito de Moatize, na província de Tete, e entrevistou o coordenador da Rede de Apoio de Monitoria da Boa Governação de Moatize (RAMBOG), Manuel José Dique, que disse que a actividade mineira levada a cabo, principalmente, pelas empresas Vale e Rio Tinto tem estado por detrás do aumento de casos de tuberculose no seio da população.

Segundo o nosso interlocutor, a inalação da poeira emitida a partir das minas é uma das vias de contaminação, senão a principal. Para além desta doença, o distrito está a braços com a pandemia do VIH e SIDA. A razão disso é o facto de Moatize ser um corredor, o que de certo modo constitui um impulsor da prostituição.

Outro dado avançado pelo nosso interlocutor tem a ver com o atendimento hospitalar. Aos doentes por vezes são exigidos 450,00 meticais para terem acesso à ambulância, enquanto às mulheres grávidas são exibidas imagens de posições de parto.

Texto & Foto: Victor Bulande

@V - O que é a RAMBOG?

MJD – A RAMBOG (Rede de Apoio de Monitoria da Boa Governação de Moatize) é uma plataforma das associações baseadas no distrito de Moatize, província de Tete, que trabalha na área da Saúde. Nós somos uma espécie de intermediário entre as unidades sanitárias e a comunidade.

Trabalhamos em cinco bairros, nomeadamente Bagamoyo, 1º de Maio, Liberdade, 25 de Setembro e Chithathu. Temos 20 activistas divididos em dois grupos de 10 pessoas. A organização foi fundada no dia 19 de Maio de 2009.

No princípio, dependíamos do Núcleo Provincial e as associações trabalhavam de forma isolada. Hoje, a RAMBOG tem nove organizações, apesar de termos começado com sete. Cada organização tem cinco membros na RAMBOG.

@V - Em que consiste o vosso trabalho?

MJD – Nós procuramos saber como é que as pessoas são atendidas nas unidades sanitárias e, no caso de existirem problemas, encaminhamo-los às respectivas direcções para que estas os resolvam. Somos o elo entre as unidades sanitárias e a comunidade.

@V - E como é que é feito esse trabalho?

MJD – Nós vamos às comunidades e auscultamos as suas preocupações. Analisamo-las e encaminhamo-las às unidades sanitárias. Realizamos palestras sobre como exigir os seus direitos. Por exemplo, há pessoas que pagam dinheiro para ter um medicamento que, por regra, é gratuito ou custa menos do que lhes é exigido. Levamos a cabo campanhas de educação cívica nas quais falamos de VIH e SIDA, doenças de transmissão sexual e planeamento familiar.

@V - E o vosso trabalho tem resultado?

MJD – Sim, tem resultado. Houve mudanças sim, fruto da nossa boa relação com a administração do distrito. Antes, por exemplo, as pessoas ficavam nas filas até às 10 horas ou mais à espera de serem atendidas. Na farmácia, só havia uma atendente, hoje são dois. Houve melhorias também na área das triagens. É raro encontrar doentes na fila porque o serviço de consultas já é rápido. Não havia maternidade, nem sanitários, mas hoje já temos.

@V - Trabalham só na área da Saúde?

MJD – Até agora sim, mas já apresentámos um projecto para a área de saneamento e meio ambiente.



@V - Quais são as preocupações dos residentes de Moatize no que diz respeito à Saúde?

MJD – A principal preocupação tem a ver com a maternidade. A que existe tem sérios problemas. Quando uma gestante fosse à consulta, eram-lhe mostradas imagens de posições de parto para que ela pudesse escolher. E isso é muito constrangedor.

Outro problema está ligado à maternidade. O distrito de Moatize é extenso. A maternidade do bairro Bagamoyo foi transferida para a zona da Carbomoc em Fevereiro do ano passado e lá é longe. É penoso ver uma mulher prestes a dar parto a caminhar até lá ou a ficar horas a fio na estrada à espera que uma alma caridosa lhe dê boleia.

@V - Porque a maternidade foi transferida?

MJD – Disseram que o edifício onde funcionava pertencia aos Caminhos-de-Ferro de Moçambique e houve uma necessidade de devolvê-lo. O Ministério da Saúde teve de construir uma na sede distrital. O hospital distrital também vai ser transferido para o bairro 25 de Setembro. Já está a ser erguido.

@V - E qual foi o vosso posicionamento?

MJD – Tendo em conta o nosso papel, encaminhámos o problema à direcção da unidade sanitária. A médica responsável pela maternidade disse que eram apenas fotografias e que se tratava de um novo método. Com a nossa intervenção, as enfermeiras que assim procediam foram transferidas. O outro problema tem a ver com as condições em que eram feitos os partos. Quem assistia a parturiente era o acompanhante, e não a parteira.

Um dia, uma senhora chegou ao hospital às 04h00 e só foi atendida às 11h00. O mais grave é que se tratava de uma seropositiva. Depois de atendida, dirigiu-se à farmácia. Lá disseram que já não havia comprimidos e que tinha de recorrer às farmácias privadas. Ela tinha herpes.

@V - Para além da maternidade, existem outros problemas ligados à Saúde em Moatize?

MJD – Sim, a tuberculose constitui um problema sério e isso começa a ser preocupante. Nos meses de Outubro e Novembro do ano passado registámos quatro casos de BH Positivo. Trata-se de casos graves e o bacilo pode contaminar mais de 10 pessoas na comunidade. Isso é possível por meio da conversa.

O pior é que os pacientes desistem do tratamento porque o medicamento é forte e é necessário que a pessoa siga os conselhos médicos religiosamente. Quando a medicação é interrompida, os comprimidos deixam de ter efeito. O que acontece aqui é que os doentes já não cumprem o tratamento ambulatório.

@V - E qual tem sido o vosso papel?

MJD – Nós temos ido atrás dos doentes que abandonam o tratamento. Já procurámos e localizámos sete deles. Agora estão a seguir o tratamento como deve ser, e já estão cientes da importância disso. Sabem que a tuberculose é uma doença contagiosa e que isso pode “acabar” com as suas famílias.

@V - Estará o aumento de casos de tuberculose ligado à actividade mineira?

MJD – Claro. O aumento de casos de tuberculose deve-se à exploração de carvão mineral. Ela é feita a céu aberto. Em tempos, quando era subterrânea, o distrito não se queixava de casos de tuberculose. As principais vítimas são os mineiros, pedreiros e as pessoas que vivem em áreas próximas das minas.

@V - Qual é a outra consequência da exploração mineira?

MJD – Há problemas de pele, parecem queimaduras, dores da caixa torácica. Isso não acontecia antes da entrada em funcionamento das empresas de exploração do carvão mineral a céu aberto. Há pessoas que já urinam sangue. Já há registo de casos de hipertensão, inclusive no seio dos jovens.

@V - Para além da tuberculose, quais são as outras doenças que constituem preocupação aqui em Moatize?

MJD – Temos o caso do VIH e SIDA. O distrito de Moatize é um dos mais assolados por ser um corredor. Há crianças órfãs de pais vítimas desta doença. Temos que ter em conta que a orfandade leva-lhes à vulnerabilidade. Há menores que sofrem de desnutrição crónica. Outro dado é que muitos casos de tuberculose estão associados ao VIH e SIDA.

@V - Qual é a relação entre o facto de Moatize ser um corredor e os casos de VIH e SIDA?

MJD – O VIH e SIDA deve-se à prostituição. Moatize é um corredor e os camionistas são dos principais transmissores desta doença. Devido a isso, o governo distrital teve de intervir. Os camionistas já não podem pernoitar aqui. Só podem ficar no máximo duas horas, e não para dormir.

@V - Quem são as principais vítimas?

MJD – São as mulheres. O distrito de Moatize tem poucos homens. Há homens casados com mais de duas mulheres. Já se pode imaginar o que acontece no caso de este marido contrair o vírus. Todas as suas esposas sofrem.

@V - Como é que tem sido a vossa relação com as estruturas do distrito, nomeadamente a Administração, o Conselho Municipal e a Direcção da Saúde?

MJD – Tem sido boa, não temos problemas. O município, assim como a administração do distrito, têm sido os nossos parceiros. Porém, há bairros cujos secretários inviabilizam o trabalho dos nossos activistas. Pedem credenciais. Expusemos o caso ao município e à administração e já foi resolvido. Agora temos credenciais que apresentamos sempre que vamos aos bairros.



@V – Mas a que se deve essa tentativa de inviabilização dos trabalhos da vossa organização?

MJD – É difícil responder a essa questão, só pode ser colocada a eles. Para mim, eles confundem os nossos trabalhos com política. Certa vez, organizámos uma reunião numa escola no bairro 25 de Setembro e apareceram pessoas que diziam que nós éramos do partido X. Tivemos de mostrar as nossas camisetas e explicar que os nossos trabalhos não estão ligados à política.

@V – Disse que a RAMBOG trabalha na área da Saúde mas também não deixa de intervir noutras áreas. Quais são os outros problemas com que o distrito de Moatize se debate?

MJD – Temos o caso da malnutrição devido à falta de chuva, que está ligada à baixa produção de alimentos. Há problemas de água. O Fundo de Investimento e Património de Água Potável (FIPAG) não está a conseguir responder à demanda. Há mais de seis meses que não jorra água nas nossas torneiras mas mensalmente recebemos facturas. Eles cobram uma taxa fixa de 118,00 meticais do contador. Quem não tem contador paga 310,00 meticais.

Vemos crianças que deixam de ir à escola e senhoras que não fazem certos trabalhos em casa para ir buscar água no rio Revúbuè. Fomos ter com o engenheiro do FIPAG e este disse-nos que o problema estaria resolvido até o dia 25 de Novembro do ano passado porque tinham aberto mais quatro furos e adquirido bombas para aumentar a pressão, mas até agora nada.

Outra questão tem a ver com a empresa INTERWASTE, que se dedica à recolha de resíduos sólidos e químicos, lixo industrial, limpeza de fossas e ao aluguer de casas de banho móveis. Ela deposita toda a sujidade (dejectos humanos, urina, ...) num tanque e de noite descarrega-a num riacho que vai dar ao rio Revúbuè, que é onde vamos buscar água. O Revúbuè desagua no rio Zambeze.

É a empresa que presta serviços à mineradora Vale Moçambique e a muitas empresas implantadas aqui em Moatize. O proprietário é um cidadão sul-africano, e o diálogo com ele tem sido difícil. O que ela faz constitui um perigo à saúde de milhares de cidadãos. Por mais que nós não dependêssemos deste rio para ter água, esta

é uma acção desumana, criminosa.

@V – Ainda em relação ao sector da Saúde, a comunidade queixa-se da falta de respeito aos doentes, morosidade no atendimento e de cobranças ilícitas no Centro de Saúde da Carbomoc.

MJD – Sim, isso acontece. Há casos de falta de respeito aos doentes por parte dos enfermeiros no Centro de Saúde da Carbomoc, morosidade no atendimento e cobranças ilícitas. Por exemplo, para ter acesso à ambulância, o paciente ou a família tem de pagar 450,00 meticais. Estas preocupações foram apresentadas pela presidente da RAMBOG, Rita Victorino Domingos, num debate sobre o atendimento no hospital distrital, que teve lugar no Instituto Médio de Geologia e Minas de Moatize. Aliás, todas estas preocupações foram traduzidas em documento.

Mas não são só esses problemas. Há venda de medicamentos que deviam ser de distribuição gratuita protagonizados pelos enfermeiros, que também abandonam regularmente os seus postos para tratar de assuntos de índole pessoal sem ao menos dar uma satisfação.

As mulheres grávidas reclamam do atendimento. Elas acusam os enfermeiros de estarem a efectuar cobranças ilícitas. Caso não aceitem entrar nestes esquemas, são tratadas de forma desumana. Há falta de medicamentos na farmácia. Aos doentes é sempre recomendado que recorram às farmácias privadas.

@V – Qual foi a posição das estruturas do distrito face às denúncias?

MJD – Bem, a representante do governo distrital, Adelaida Mário, reconheceu os problemas. E foi mais longe ao reconhecer que o mau atendimento não se verifica apenas no sector da Saúde, daí que tenha apelado à comunidade para que denuncie os problemas de outros sectores de actividade.

Por outro lado, a representante da Direcção Distrital da Mulher e Ação Social de Moatize reconheceu a existência de problemas de comunicação no seio dos funcionários bem como dos próprios pacientes. Outro aspecto tem a ver com o abandono de doentes por parte dos seus acompanhantes.

Nenhum sistema de governação impede a concentração de poderes

O constitucionalista e docente da Faculdade de Direito da Universidade Eduardo Mondlane, Gilles Cistac, considera, a propósito da revisão da Constituição da República de Moçambique (CRM), ora em vigor, que nenhum sistema de governação pode, só por si, impedir a concentração de poderes por parte de um grupo minoritário de pessoas e que o impacto desse fenómeno pode ser minimizado através da constitucionalização de mecanismos de fiscalização das ações do Governo.

Texto: Redacção

Segundo Cistac, que falava semana passada numa palestra na Universidade A Politécnica sobre o propósito da pertinência ou não da revisão da Constituição da República de Moçambique, ora em curso no país, para que uma possível mudança de regime de governação tenha o efeito desejado, neste caso, o de diminuir a concentração de poderes no chefe de Estado, ela deve ser acompanhada de outros mecanismos de fiscalização, tais como o direito da oposição.

Cistac esclareceu na altura que o direito da oposição pretende assegurar uma maior fiscalização das ações governamentais por parte dos partidos desta (oposição), através da garantia do acesso à informação. Assim, esse meio não deve ser visto como uma forma de inviabilizar o exercício da governação.

“O direito da oposição deve ser constitucionalizado e ele não significa inviabilizar a governação”, explica, acrescentando que este dispositivo permite à oposição fazer o acompanhamento das ações do Governo, através da garantia do acesso à informação aos partidos opositores.

Cistac explicou ainda que não basta que a nova Constituição reduza os poderes do Chefe de Estado, é necessário que se criem condições para que o poder não

continue concentrado nas “mãos” de um “punhado” de pessoas.

Na sua argumentação, o académico explica que mesmo o regime parlamentar em que o Presidente da República é o Chefe do Estado e o Primeiro-Ministro, o chefe do Governo, não evita que haja concentração de poderes, pois na eventualidade de o PM e o PR pertencerem ao mesmo partido, o poder continua a ser detido por uma única força partidária.

“O semi-presidencialismo também só não terá a concentração de poder se o Presidente da República não for do maior partido no Parlamento” disse.

Uma revisão para acomodar interesses da Frelimo

Ainda em relação à revisão constitucional em curso no país, Gilles Cistac entende que o facto de a comissão ad hoc, criada para liderar o processo, ser composta maioritariamente por membros do partido Frelimo (16 contra um do MDM), a mesma não tem legitimidade.

Na sua opinião, esta comissão só pode ser legitimada se apostar num diálogo inclusivo, permanente e profundo com a sociedade civil de modo que as propostas desta

sejam tidas em conta na efectivação da revisão. Entretanto, isso não está a acontecer, neste momento, e, a continuar dessa forma, “teremos uma revisão do partido Frelimo”

“Debate público é uma farsa”

Cistac voltou a criticar os moldes nos quais a comissão ad hoc está a conduzir os debates públicos da revisão da Lei Mãe. Para ele, o facto de a auscultação pública ocorrer no meio da semana constitui um impedimento para uma maior participação popular, pela simples razão de as pessoas estarem nos seus locais de trabalho.

Destes modo, sugere que os debates ocorram durante o fim-de-semana, mais concretamente aos sábados no período da manhã, pois, no seu entender, a disponibilidade das pessoas é maior.

Outro aspecto criticado por Cistac diz respeito ao facto de o indivíduo responsável por apresentar o ante-projecto da revisão não ser um jurista e, portanto, não possuir conhecimentos sobre questões específicas e importantes a serem debatidas, o que empobrece o próprio diálogo.

Pertinência da revisão

No entanto, respondendo ao tema cen-

tral do encontro, o académico disse que a revisão de uma Constituição será sempre pertinente quando se tem em conta que este documento deve acompanhar a dinâmica do desenvolvimento do país. “Fazer uma revisão é sempre pertinente, não somos perfeitos e sempre temos que buscar a perfeição fazendo com que a Lei Mãe acompanhe a dinâmica do desenvolvimento.”

Magistrados não deviam filiar-se a partidos políticos

Sobre os aspectos levantados no ante-projecto da revisão, Cistac diz concordar com o facto de que os mesmos revelam que a revisão em curso não é profunda. Entretanto, questiona se o mesmo devia ou não ser profundo.

Este académico aponta que a revisão devia incluir a proibição da filiação partidária dos magistrados. “Um magistrado não pode ser membro do partido de manhã e à tarde estar a julgar um caso”

Ainda sobre os magistrados, Cistac é de opinião de que uma das formas de tornar independente o Poder Judiciário é definir uma percentagem do Orçamento Geral de Estado que será destinada à administração da Justiça.

Processo de candidaturas à CNE continua envolto em polémica

A tentativa de credibilizar e legitimar o processo de selecção de membros da sociedade civil para ocuparem os três lugares existentes na Comissão Nacional de Eleições sofreu um golpe esta semana, com a renúncia por parte de Benilde Nhalivilo e as declarações da presidente da Organização Nacional dos Professores, que se distancia da candidatura de Leopoldo da Costa.

Na segunda-feira, a directora executiva do Fórum das Rádios Comunitárias, Benilde Nhalivilo, que tinha sido proposta pela WLSA e pelo Fórum Mulher, através do Observatório Eleitoral, renunciou à sua candidatura a membro da Comissão Nacional de Eleições por considerar que há falta de transparéncia no processo.

Na carta que enviou à Comissão dos Assuntos Constitucionais, Direitos Humanos e Legalidade da Assembleia da República, à qual o @Verdade teve acesso, Benilde Nhalivilo justifica a sua decisão alegando que “os vários acontecimentos registados no processo de candidaturas a membros da CNE, que foram caracterizados por apresentação e legitimização de candidaturas de uma forma duvidosa e não clara, demonstram que existe uma forte tendência de colocar pessoas pré-determinadas como membros da CNE”.

E acrescenta que “as motivações que me levam a essa renúncia prendem-se com o facto de não pretender ver a minha imagem e a minha dignidade, adquiridas e conquistadas ao longo dos vinte anos dedicados à causa dos Direitos Humanos e aos movimentos verdadeiramente da sociedade civil, associadas a situações de falta de transparéncia e de não profissionalismo”.

Leopoldo não é (re)conhecido como membro da ONP

Ainda em relação ao processo de candidaturas de membros da sociedade civil à Comissão Nacional de Eleições, a Organização Nacional de Eleições, através da sua presidente, Beatriz Manjano, voltou a distanciar-se da candidatura de Leopoldo da Costa. Para além disso, trouxe um outro dado: ele não é reconhecido como professor, muito menos como membro da agremiação.

Segundo Beatriz Manjano, que se pronunciou sobre o caso pela primeira vez, a organização que dirige não recebeu nenhum pedido de suporte de candidatura a membro da CNE que tivesse sido submetido por Leopoldo da Costa.

Beatriz Manjano sublinhou, na ocasião, que a ONP não tem nada contra o cidadão Leopoldo da Costa, que afirma não conhecer, e mostrou relutância em assumir que ele é membro da agremiação, alegadamente porque não tem participado nos eventos realizados pela organização. Por isso considera que a suposta relação entre ele e a ONP demonstra apenas a sua pretensão de colher os louros do esforço alheio.

“Realizámos um congresso há dois anos onde fomos eleitos, e ele (Leopoldo da Costa) não esteve presente. Não lhe vimos no congresso”, sustenta Manjano, acrescentando que “sabemos que ele é médico”.

A líder da ONP diz ainda não entender o motivo que levou Leopoldo da Costa a forjar uma candidatura em nome da ONP, quando podia, na qualidade de médico, ter-se candidatado através de outra organização ligada à classe médica.

ONP recebida no Parlamento

Para o esclarecimento deste caso, a direcção da organização optou por remeter, na segunda-feira (29), ao Parlamento, uma outra carta com o mesmo teor que a primeira, enviada há duas semanas, desta feita dirigida à Presidente do órgão, Verónica Macamo, sendo que na terça-feira a Comissão dos Assuntos Constitucionais, Direitos Humanos e Legalidade (CACDHL) manteve, em separado, encontros com o vice-presidente da ONP, Rosário Quive, e com a secretária, Safira Mahanjane, subscritora da candidatura de Leopoldo da Costa.

No final das audiências muito ficou por esclarecer, porém a CACDHL garante que, com base nos dados que já possui e outros que poderão surgir, irá “buscar a verdade e a legalidade” em torno deste assunto, que, diga-se, está a manchar o processo.

Entretanto, a questão da falsificação de assinaturas nos documentos que deram entrada na AR não foi abordada. Sobre o assunto, Teodoro Waty, presidente da CACDHL, diz que o órgão não é especialista em assuntos de falsificação de documentos e acrescenta que, a ser provado que houve tal falsificação, as pessoas envolvidas “terão que assumir as consequências”.

Waty diz ainda que, no entender da CACDHL, Leopoldo da Costa, ao prosseguir com o processo da sua candidatura, “entendia que estava a ser proposto pela pessoa legítima”, enquanto que a presidente da ONP julga “que deve ser ela a apresentar as candidaturas.”

“Temos as cartas da ONP e em face deste desenvolvimento a comissão não vai deixar de buscar a verdade e a legalidade”, disse Waty, para quem a comissão poderá sugerir à Plenária a validação da candidatura de Leopoldo da Costa.

Questionado sobre se considerava legítima a candidatura de Leopoldo da Costa, tendo em conta a posição da ONP, Teodoro Waty recorreu aos requisitos básicos exigidos para a candidatura e afirma que “ele (Leopoldo da Costa) é capaz, é moçambicano, é maior de 25 anos de idade e, sob o ponto de vista de probidade, não há nenhum problema. Nós não estamos a discutir a legitimidade”.

Contradições

No referido encontro, o vice-presidente da ONP voltou a reforçar

a posição segundo a qual a organização não apoia a candidatura de Leopoldo da Costa, sendo que a mesma deve ser considerada ilegítima. Quive esgrimiu argumentos para convencer os membros da comissão do facto de que a reunião que culminou com a produção da acta que mais tarde foi entregue à Comissão Ad-Hoc nunca foi realizada.

Por sua vez, Safira Mahanjane, antigo membro do secretariado, ora dissolvido, e também integrante do novo elenco de secretários que ainda não tomou posse, reafirmou que a candidatura de Leopoldo da Costa é suportada pela ONP.

Durante a audiência, Safira Mahanjane recusou-se a esclarecer as razões que culminaram com a dissolução do antigo elenco de secretariado, porém, deixou escapar que a “liderança da ONP está doente, não está boa”.

“Estou de consciência tranquila”, Leopoldo da Costa

Instado a pronunciar-se em relação a este assunto, o actual presidente da CNE, quando ouvido pela CACDHL durante a auscultação dos 15 candidatos da sociedade civil a membros daquele órgão, afirmou estar de consciência tranquila.

Leopoldo da Costa, que respondia à pergunta colocada pela CACDHL sobre o seu ponto de vista em relação à legitimidade da sua candidatura e se pensava em renunciar, uma vez que a organização que a suporta diz não ter dado o aval para o efeito, disse que a sua consciência só pesaria se os procedimentos seguidos este ano para a sua candidatura não fossem os mesmos que os de 2007.

Com esta afirmação o visado coloca de lado qualquer possibilidade de, por livre e espontânea vontade, retirar a sua candidatura.

Aliás, considerou de descabidas algumas informações que são veiculadas pelos meios de Comunicação Social relativamente à sua ligação ao partido Frelimo. “Foi dito que eu participei no Décimo Congresso da Frelimo. Entretanto, eu, nessa altura, estava fora do país”, referiu, e acrescenta: “mesmo que me tivessem convidado, não iria”.

Entretanto, o que parece escapar aos seus olhos é o facto de as informações veiculadas pela imprensa, as quais ele considera “descabidas”, referem-se à sua participação no Nono Congresso, que decorreu na cidade de Quelimane, Zambézia, e não no Décimo.

Em relação à fotografia em que aparece com uma camiseta da Frelimo vestida, o presidente da CNE disse que desde que assumiu aquele cargo nunca trouxe uma tal peça de um partido político.

Voz da Sociedade Civil

Não existem condições para a implementação do Pacote Anti-Corrupção em 2013

Em Junho de 2011, o Governo submeteu à Assembleia da República (AR) o “Pacote Legislativo Anti-Corrupção (PLAC)” para análise e aprovação. Como acções precedentes à implementação do pacote, o Governo accordou com os Parceiros de Apoio Programático (PAPs) levar a cabo uma série de actividades preparatórias em 2012, visando a implementação efectiva do PLAC a partir de 2013.

Para efeitos de monitoria, foi estabelecido o indicador 26, que é mais abrangente, pois avalia o grau de realização das actividades preparatórias, bem como a implementação efectiva do próprio PLAC. Das actividades constam oito principais acções de preparação para a implementação efectiva do PLAC, quando aprovado.

Em sede da Revisão Anual (que é o fórum de balanço e avaliação das actividades do Governo e dos Parceiros de Cooperação) envolvendo o Governo, Parceiros e Sociedade Civil, realizada em Março e Abril, constatou-se que as metas que haviam sido acordadas para 2012 não foram alcançadas pelo Governo.

Tratando-se de acções preparatórias, depreende-se que não existem condições efectivas para a implemen-

tação do PLAC em 2013 pois, do total das actividades programadas para preparar a implementação do pacote, grande parte das mesmas não foi cumprida dentro dos prazos e as outras estão em incumprimento total até ao presente momento.

Outrossim, a informação que foi partilhada pelo Governo durante os encontros da Revisão Anual sobre o processo mostrou-se escassa e até incoerente em muitos aspectos, como na questão da apresentação de acções concretas realizadas, o seu estágio e os passos futuros a serem seguidos. Por seu turno, a Comissão Central de Ética Pública (CCEP) nunca se fez presente nos encontros e o estágio das actividades realizadas pela mesma permanece desconhecido.

A informação sobre a Lei de Protecção de Vítimas, De-nunciantes, Testemunhas e Peritos em Processo Penal nunca foi satisfatória, o que demonstra que pouco ou quase nada de substancial foi feito pelo Governo, em termos de acções de preparação visando a implementação efectiva deste diploma legal, aprovado em 2012.

No que tange ao Código do Processo Penal (CPP), cujo projecto de revisão se encontra depositado na AR como

parte do PLAC, não existe qualquer progresso atinente à sua aprovação e é um assunto que não tem sido debatido, se atendermos que o seu impacto orçamental é bastante substancial devido à introdução de novos meios de investigação criminal, como as escutas telefónicas e outros que requerem tecnologia bastante dispendiosa para os cofres do Estado.

Não fará sentido aprovar o Código Penal (a Assembleia da República pretende aprovar o CP na sessão que está a decorrer) sem que, concomitantemente, se aprove o CPP, que é instrumental àquele e que operacionaliza os meios que este coloca à disposição para os órgãos de investigação criminal realizarem as suas actividades.

Pelo que se observa neste processo, existe um descompromisso do Governo no cumprimento dos prazos de preparação das acções visando a implementação efectiva do PLAC, se se assumir que os parceiros têm desembolsado os fundos necessários para o efeito, atempadamente, e que a inércia advém do Governo como responsável em levar a cabo a actividade prática visando o cumprimento das metas acordadas.

Centro de Integridade Pública

Destaque

João de Sousa: Uma vida dedicada à radiodifusão

Entre 1964 a 1975, o primeiro radialista moçambicano não branco impôs o profissionalismo contra o racismo glorificado pelo sistema colonial. Na sua casa, na cidade da Matola, possui um estúdio. Por isso, já não necessita de vir à cidade de Maputo onde se encontra a Rádio Moçambique. Escreveu *O Fio da Memória*, mas não se assume escrita. Aos 66 anos de idade - 50 dos quais dedicados à radiodifusão - João de Sousa anda com sentimentos de culpa, uma frustração profissional. Na semana passada, descobrimos as razões...

Texto: Inocêncio Albino
Foto: Miguel Manguez / Arquivo pessoal de João de Sousa

António Alves da Fonseca - personalidade por intermédio de quem João de Sousa entrou na radiodifusão - narra com orgulho o facto de lhe ter assediado em busca do seu espaço na Produções Golo, como locutor. As petições de trabalho naquela organização eram comuns, mas os admitidos eram poucos. De Sousa foi um dos poucos cidadãos - se não o único não branco - admitidos naquela altura.

Mais do que nunca, em 1950/60 ouvir Rádio era uma tradição para muitas famílias. Na época, ela constituía - a exemplo do que ainda acontece - o órgão de comunicação social com maior abrangência e, por isso, prioritário.

"E a minha família escutava muito a Rádio. Tínhamos um velho rádio de válvulas que, hoje, já não existe", explica João de Sousa que acrescenta que nessa altura "nós ouvímos a Rádio Clube de Moçambique (RCM) e o serviço português da BBC. De vez em quando, porque também apreciava o desporto, escutava os relatos da emissora nacional. Entrou-me, assim, o bichinho da radiodifusão, de tal sorte que me questionei sobre a possibilidade de um dia eu também fazer Rádio".

Nessa época, João de Sousa fica órfão de pai. E ainda que estudante, as dificuldades sociais por que a sua família passa levam-no a procurar emprego a fim de apoiar a sustentabilidade da família. Tanto é que, em fases sempre experimentais, o potencial radialista na época passa por diversos postos de trabalho. O porto de Maputo e a Clínica de Lourenço Marques - uma propriedade da doutora Ana Machado - são alguns exemplos.

João de Sousa recorda-se, nos seguintes termos: "Em 1964, escrevi uma carta para a Produções Golo. Uma semana depois, recebi outra do senhor António Alves da Fonseca a solicitar que me apresentasse nos escritórios da instituição. Havia a necessidade de se fazer um teste de voz a fim de se apurar as minhas potencialidades". Na altura, "a Golo não tinha estúdios. Tudo era feito na RCM - para onde deslocámos. Deram-me um texto para ler em português, outro em inglês e o terceiro

em francês, e eu li. Pediram-me para recitar alguns anúncios publicitários, e eu recitei. Mandaram-me fazer um improviso, e eu fiz. E mandaram-me embora".

Um mês depois, João de Sousa é chamado a apresentar-se nas Produções Golo. Tinha sido admitido como um escrivário. No entanto, não podia realizar a locução uma vez que tal dependia dos resultados do teste de voz a ser feito na RCM. Enquanto a resposta sobre a prova - que levou dois anos a ser divulgada - não surgia, "porque eu só comecei a falar na Rádio no dia 13 de Maio de 1966, fui-me familiarizando com os trabalhos da Golo".

De acordo com de Sousa, "como escrivário fiz todo o trabalho do ramo e mantive contacto com os produtores de programas. Paulatinamente, aprendi a fazer Rádio a ver como os outros escreviam, sonorizavam, até que chegou uma fase em que pessoalmente ia à discoteca com os textos para seleccionar os discos necessários para um programa, colocando-os em ordem".

"Os dois anos que passaram permitiram-me - sem ter começado a falar no microfone - perceber o que era fazer Rádio e até que ponto era complicado e difícil".

Muitas artimanhas - relacionadas com a discriminação racial - foram feitas para protelar a inserção de Sousa como locutor na RCM. É que, naquela altura, "era impensável que uma pessoa que não fosse de raça branca, exceptuando os negros que trabalham na Voz de Moçambique, pudesse falar aos microfones da RCM, porque os programas da Golo eram transmitidos pela Rádio Clube de Moçambique".

Por essa razão, "foi uma luta muito grande travada por António Alves da Fonseca para que tal acontecesse. Quem ouviu a prova que fiz não teve em conta a minha qualidade profissional. Avaliou-me em função da cor da minha pele", refere. Na conversa que segue, João de Sousa fala sobre o seu percurso profissional. Acompanhe.



“Deram-me um texto para ler em português, outro em inglês e o terceiro em francês, e eu li. Pediram-me para recitar alguns anúncios publicitários, e eu recitei. Mandaram-me fazer um improviso, e eu fiz. E mandaram-me embora.”

(@Verdade) Como foi a sua primeira experiência na locução?

(JS) Comecei a participar nas transmissões desportivas a ler anúncios publicitários. O António Alves da Fonseca entendeu que não devia acelerar o processo. Para si, eu devia conhecer tudo - desde a base, para poder integrar-me nas diferentes equipas que faziam a transmissão desportiva.

No dia 13 de Maio de 1966, foi-me dada a oportunidade de fazer a primeira transmissão de uma parte do relato. Falei 15 minutos em cada parte da partida. Na semana seguinte evolui para 20 minutos e gradualmente - como António Alves da Fonseca preconizava - ganhei o conhecimento necessário para falar durante 90 minutos.

De 1967 a 1974, todos os dias, às seis e meia, em parceria com o Eugénio Corte Real (infelizmente já falecido), com os sonorizadores José Manuel Gouveia e Virgílio Rodrigues, fiz o programa "Bondiazinho".

(@V) Que dificuldades enfrentou no início da sua carreira?

(JS) Foram as comuns num processo de início de uma carreira - como acontece em todas as profissões. Havia necessidade de fazer o trabalho com cuidado. A partir daí surgiram os erros do percurso que me propunha a fazer.

Felizmente, não cometi muitos atropelos porque tive grandes professores na Rádio do antigo. O António Alves da Fonseca e a sua esposa sempre me orientaram. Acabei todo o processo de ensino e aprendizagem com a maior humildade - o que hoje já não existe.

(@V) Como era o seu dia-a-dia no trabalho, tendo em conta que o teste para a sua admissão na RCM foi feito em função da cor da sua pele?

(JS) Era muito complicado lidar com esse tipo de problema. De 1966 a 1970, senti que algumas pessoas não gostavam que uma pessoa que não fosse branca estivesse a falar na Rádio. Creio que isso foi-se diluindo à medida que o meu grau profissional se manifestou.

Contrapuse sempre esta questão do racismo. Como era possível que um caneco, como eu, falasse na Rádio? Nunca antes tinha acontecido. Errar é humano e, como tal, eu também errava. Ao concentrar-se nas minhas falhas, compreendi que eles queriam atingir um João de Sousa que não era o profissional. O António Alves da Fonseca orientou-me para que ignorasse a situação, e respondeu-se apenas com o meu grau de profissionalismo. Foi assim que agi.

(@V) A sua história mostra-nos que podia ter sido médico - o que não aconteceu. O que originou a sua afiliação pela Rádio?

(JS) Nunca tive em vista ser médico, enfermeiro, piloto ou ter outra profissão a não ser um homem da comunicação social, da Rádio. É evidente que se as coisas não tivessem corrido como o previsto, e a minha voz não tivesse sido aprovada, eu teria de fazer outras opções na vida.

Sou uma pessoa que fala correctamente as línguas portuguesa, francesa e inglesa. Esse conhecimento, a par da minha vocação, ajudou bastante para que fosse seleccionado. Hoje, lamentavelmente, acompanho situações de atropelo à gramática que são de pôr os cabelos em pé. Há locutores que lêem notícias na Rádio e não percebem aquilo que tentam transmitir ao ouvinte.

(@V) Em 1964 começa a luta armada de libertação nacional. No contexto da radiodifusão, qual era a situação vivida na Rádio em Lourenço Marques?

(JS) Nós começámos a ter na Golo algumas referências do movimento de libertação nacional. Recordo-me de que em alguns momentos, nalguns programas da instituição - porque todos deviam passar pela censura - fizemos um conto sobre um Jesus Cristo negro. Isso causou uma enorme polémica na altura. Nem todos nós tínhamos a consciência do que era a luta de libertação. Nunca fui revolucionário e não o serei agora - não confundimos a realidade. A verdade é que a censura só percebeu depois. A transmissão havia sido feita. A Golo sofreu um pouco com o episódio.

Ora, eu já vinha de um problema complicado - a cor da pele. Qualquer coisa que dissesse que não agradasse os

senhores do poder na altura era um problema para mim. Arriscava-me a tirar a minha carreira por água abaixo. Ganhei consciência de que eu só queria ser um bom profissional.

(@V) Em 1975 nasce a República Popular de Moçambique, com as suas ideologias. Esta época impôs uma rotura com o status quo anterior. Qual foi o papel da Rádio nessa transição?

(JS) Todos vivemos um momento de euforia. Na nossa profissão, mais do que nunca, essa alegria estava patente. Era o sonho de qualquer moçambicano libertar-se das garras do colonialismo - como se dizia e nalgum momento ainda se diz. Então, em 1974/5, todos os profissionais da informação viveram um momento de grande euforia. Nessa época, fui integrado em várias equipas de reportagem da RCM - porque a RM só nasceu a dois de Outubro - para produzir informes sobre esse ocasião memorável da nossa independência.

(@V) O advento do sistema digital na radiodifusão como na televisão - o que pressupõe mudanças - traz uma série de vantagens na comunicação social. Imagino que deve ter originado transtornos na vida de muitos profissionais da sua estirpe. Quer comentar?

(JS) Eu não fui resistente a essa mudança. Integrei-me nela. Estive na África do Sul durante seis anos. Como colaborador da Rádio Moçambique, tinha de fazer correspondências para vários programas noticiosos. Fazia-os sozinho, no local onde eu vivia. Imagine se eu não tivesse o domínio das tecnologias, como é que iria reportar sobre os acontecimentos para Moçambique?

Há pessoas que são resistentes. Mas uma coisa é certa: ou avançamos e integramo-nos neste comboio das novas tecnologias, ou ficamos para trás eternamente.

(@V) Além de imortalizar uma época específica da nossa história, *O Fio da Memória* coloca-lhe na categoria de escritor. Sente-se escritor?

(JS) Não! Quando o livro foi publicado, acompanhei notícias em que se dizia que João de Sousa escreveu um livro. Convenhamos que quem escreveu o livro foram os meus entrevistados. Afinal, foi a partir de uma conversa - como a que estamos a manter - que recolhi os elementos que compõem a obra. Se se verificar com atenção, constatar-se-á que não há nada naquele livro da minha lavra.

(@V) Na sua opinião, qual é a obra literária nacional que marcou os moçambicanos como um povo?

(JS) Sinto, por aquilo que leio, que o retrato deste país é feito por Mia Couto. Admira a forma como ele - na sua maneira muito própria de escrever - aborda os problemas. Nos seus textos, acompanho os recados que devem ser enviados.

(@V) Como é que analisa o percurso das seleções nacionais, com enfoque para as de futebol, basquetebol e hóquei?

(JS) O panorama não é dos melhores. Em todas as modalidades - salvo as de menor expressão como, por exemplo, o judo e o karate - estamos com problemas. No futebol, por exemplo, trazemos treinadores que ninguém sabe quem são. Sinto que o futebol está a regredir porque já deixámos de ter referências.

Não sei se nos dias actuais, os treinadores de futebol - alguns dos quais são estrangeiros - têm referências sobre o Nuno Americano, o Chababe, o Calton, o Joaquim João, o José Luís, o Rui Marcos e tantos outros que me encheram de glória e orgulho.

Acredito que há pessoas que jogam futebol hoje e que não sabem quem é o Tico-Tico, uma das referências recentes. Então, quando o país começa a entrar em degradação, o futebol - que não é uma ilha - não escapa. Em alguns momentos, o basquetebol ainda nos dá glórias.

(@V) Pode deixar um conselho para os actuais fazedores de Rádio e da comunicação social no geral?

(JS) É bom que, acima de tudo, haja muita humildade no exercício da profissão. Que ela seja rodeada de muito conhecimento, que deve ser aprofundado no percurso da vida. Não basta que se frequente a escola. É preciso percorrer a universidade da vida com brio, conhecimento e capacidade.

Destaque



RADIOdifusão em momentos de crise social

(@V) *Como é que analisa a cobertura radiofónica moçambicana nos tempos de crise social?*

(JS) Quando aconteceram os problemas das manifestações, por causa da crise dos transportes, em que as pessoas saíram à rua, queimaram pneus - a Rádio Moçambique prontificou-se em reportar a situação, mas, instantaneamente, ela foi obrigada a parar.

Quando isso aconteceu, eu estava na África do Sul. Deve imaginar a preocupação de um cidadão que está fora do seu país e não pode saber o que se passa - porque o órgão público não reporta. A Rádio Moçambique teve a iniciativa de fazer a cobertura.

Tentou alargar a emissão para perceber o que se estava a passar, a fim de que as pessoas - pela via da estação pública - tivessem a informação. Não ficámos a saber de nada porque alguém deu uma ordem para que se interrompesse a transmissão. Tudo parou. Não sei se este exemplo é suficiente para definir o que se está a acontecer neste momento na Rádio Mocambique.

Então, fiquei a saber a partir de alguns amigos que os jornais privados estavam a reportar sobre a convulsão social. A STV estava na rua, a fazer a cobertura e a transmitir em directo. Onde estão/estavam os canais públicos?

Muitas vezes, tenho ouvido um colega meu a dizer que nós, na Rádio Moçambique, temos um compromisso com o Governo. De facto, eu acredito nisso, mas o meu maior compromisso - como órgão de comunicação social, no caso da Rádio Moçambique - é com o ouvinte. É ele que paga a taxa de radiodifusão e, por isso, tem o direito à informação.

COMO É A RÁDIO DA ACTUALIDADE

A Rádio Moçambique deu um passo gigantesco em termos tecnológicos. Não se pode comparar ao que havia quando iniciei a carreira. Essa tecnologia permitiu que se cobrisse a totalidade do país, até o local mais recôndito de uma aldeia. Mas, infelizmente - para mim e é isso o que me dói - há uma baixa de qualidade na RM. Hoje, na prática, não se exige.

Há pessoas que entram na Rádio Moçambique, provavelmente, porque procuram um emprego. Não concebo a ideia de trabalhar num meio de comunicação social sem vocação para tal. Sinto que os estúdios da RM - e das outras

“ Era impensável que pessoas que não entendem de nada, salvo raras exceções. Actualmente, perderam-se as grandes exigências. Por isso a Rádio de hoje traz o grande problema da ausência de qualidade.

**uma pessoa que não
fosse de raça branca,
exceptuando os negros
que trabalham na
Voz de Moçambique,
pudesse falar aos
microfones da
BCM**

’’

A Rádio enveredou por um caminho seguido pelo país que - até é bom - é levar as pessoas formadas a chegar a um determinado patamar. O problema é que não basta ser universitário, ou carregar um "Dr." nas costas, para se dizer que se sabe de tudo. Eu sei que na RM há muitos doutores, mas há poucos fazedores de Rádio.

Chamar a atenção a alguém, hoje, equivale a candidatar-se a ser conotado como exibicionista e sabichão. Mas não se pode, de forma alguma, nascer e ir para a universidade. As pessoas devem frequentar a creche, a escola pré-primária, do nível primário, o ensino

A Rádio enveredou por um caminho seguido pelo país que - até é bom - é levar as pessoas formadas a chegar a um determinado patamar. O problema é que não basta ser universitário, ou carregar um "Dr." nas costas, para se dizer que se sabe de tudo. Eu sei que na RM há muitos doutores, mas há poucos fazedores de Rádio.

Chamar a atenção a alguém, hoje, equivale a candidatar-se a ser conotado como exibicionista e sabichão. Mas não se pode, de forma alguma, nascer e ir para a universidade. As pessoas devem frequentar a creche, a escola pré-primária, do nível primário, o ensino secundário e, por fim, fazerem o ensino superior. Mas, hoje, há muitos que entram no exército soldados ratos e, no dia seguinte, querem ser generais.

QUAIS SÃO AS FRUSTRACÕES DO RADIALISTA

No dia em que fiz o primeiro relato, estava atrás de uma baliza, de onde devia descrever o jogo. De repente, surge um golo cuja jogada não consegui relatar muito menos gritar "golo".

Fiquei frustrado. O relator principal teve de gritar por mim. Pensei que a minha carreira iria terminar ali. Em casa, os meus irmãos e a minha mãe referiram-se ao pormenor. Da minha mãe veio o conselho: "Não desanimes. Isso acontece aos melhores profissionais. Continua porque nada está perdido". Felizmente, foi um acidente de percurso.

Em Pretória, onde exercei as funções de correspondente da Rádio Moçambique, a determinada altura dou conta de que tinham desaparecido do meu computador todas as entrevistas que fiz, com figuras públicas deste país, e que serviram de base para a publicação do livro *O Fio da Memória*. Um vírus invadiu o computador. Perdi tudo. Fiquei frustrado porque há registo de vozes que nunca mais vou recuperar. Os depoimentos do Leite de Vasconcelos, do Albino Magaia, do Ricardo Rangel, do Artur Garrido, do Augusto Cabral, do Gonzana, do Ian Christie e do Raul Honwana são um exemplo. É o que dá não fazer com regularidade o “backup” do nosso trabalho.

A última frustração prende-se com o facto de a Rádio Moçambique ter alterado o horário da transmissão do programa Fio da Memória que realizei com o Carlos Silva há 24 anos. O mesmo era transmitido aos domingos às nove horas. Passaram-no para as 20 horas. Alegaram que o programa não tem um conteúdo eminentemente moçambicano, quer na música, quer nos temas abordados. A decisão é uma desculpa de mau pagador. Totalmente absurda! Mas que fazer? Aprendi que “manda quem pode, obedece quem deve”. Não tive outro remédio senão aceitar a decisão. Mas a realidade é frustrante, sobretudo quando a justificação não convence.

MOMENTOS MARCANTES NA CARREIRA

O grande marco da minha vida profissional ocorreu em 1975, quando fui designado - pelo director geral da Rádio Moçambique, Rafael Maguni, já falecido - para cobrir a cerimónia da proclamação da independência de Angola. Trabalhei com Leite Vasconcelos. Esse foi o primeiro passo de muitos outros (grandes) que a RM deu mais adiante.

Também é inesquecível o facto de ter feito, a par de outros colegas, a cobertura da nossa independência. No desporto, em 1980, fui o único elemento da informação moçambicana indigitado para acompanhar a nossa delegação aos jogos Olímpicos do Moscovo.

De qualquer modo, ainda não me sinto realizado. Vivemos na era da globalização em que há grandes plataformas das tecnologias de informação que devemos dominar. E eu, por mim próprio, tenho tentado aprender. Por exemplo, hoje, com as condições que tenho, gravo os programas em casa. Não preciso de ir à Rádio Moçambique para fazer os meus trabalhos. Esse é um avanço tecnológico - mas eu tive de aprender. A tecnologia está constantemente a trazer-nos inovações. Não estou realizado porque todos os dias se aprende algo de novo.

Família e advogados divididos quanto à gestão da fortuna de Nelson Mandela

Numa altura em que a saúde do antigo Presidente sul-africano, Nelson Mandela, apresenta alguma melhoria, segundo fontes próximas, um novo episódio ganha vida devido a disputas quanto à gestão da sua fortuna.

Texto: Milton Maluleque • Foto: IPS

O jornal The Star publicou um artigo na semana passada segundo o qual as filhas de Mandela, designadamente Makaziwe e Zenani Mandela, haviam submetido perante o tribunal uma petição para o afastamento do advogado e amigo do antigo Presidente da África do Sul, George Bizos, do político e empresário Tokyo Sexwale e do advogado Bally Chuene, da direcção das companhias Harmonieus Investment Holdings e Magnifique Investment Holdings. As duas companhias, segundo o jornal, foram estabelecidas pelo antigo advogado de Mandela, Ismail Ayob como canais de gestão de fundos que eram drenados nas contas para benefício de Nelson Mandela e da sua família. O The Star estima em cerca de 15 milhões de randes os fundos drenados, e as duas filhas alegam que Bizos, Sexwale e Chuene nunca foram nomeados pelo pai como accionistas maioritários ou directores.

Trata-se de falsas alegações

Entretanto, perante esta acusação, o advogado e amigo de longa data de Nelson Mandela, George Bizos, disse ao jornal que as alegações eram falsas. "Não existe nenhum fundamento para as alegações. Não somos ladrões. Não estamos a roubar nada. Estamos confiantes pelo facto de termos sido indicados há cinco anos no testamento do senhor Mandela. O recurso será contestado".

Bizos, que representa o Centro dos Recursos Legais, o qual examinou o posicionamento da Comissária da Polícia, Riah Phiyega, na Comissão de Inquérito Farlam que procura respostas e responsabilizações do massacre que ditou a morte de cerca de 45 pessoas (entre mineiros, agentes de segurança e polícias) em Marikana no ano passado, fez parte da equipa de oposição à proposta de Lei de Prática Jurídica, para além de ter feito



parte da Comissão da Verdade e Reconciliação, depois do fim da segregação racial, o Apartheid.

Filhas e netos de Mandela em mais de 110 companhias

As filhas e os netos de Nelson Mandela estão actualmente envolvidos em mais de 110 companhias, segundo um artigo publicado esta segunda-feira pelo jornal Beeld, de acordo com o qual se estima que os seus bens estejam numa rede de 24 associações estabelecidas pelo antigo advogado da família, Ismail Ayob. Algumas das associações detêm várias propriedades de luxo nas zonas nobres da cidade de Joanesburgo. A casa de cerca de 3 575 metros quadrados em Hyde Park, por exemplo, pertencente a Makaziwe Mandela, está sob o nome da Associação Makaziwe M, e está orçada em cerca de 13.6 milhões de randes.

Porém, não foi possível apurar os valores dos bens e os interesses da família Mandela devido ao secretismo existente nas redes das associações e pelo facto de não existirem documentos de domínio público providenciando toda a informação. As notáveis empresas do "clã Mandela" são as netas Zaziwe e Zamaswazi Dlamini, que tinham um programa televisivo denominado "Ser Mandela" e lançado uma coleção de roupas com o rosto de Mandela.

O neto, Zondwa Mandela, foi "notícia" devido o seu envolvimento com o sobrinho do actual Presidente sul-africano, Jacob Zuma, Khulubuse Zuma, e com a sua associação na controversa mina Aurora. Segundo o jornal Beeld, os filhos e netos de Nelson Mandela tinham interesses, nas últimas duas décadas, em cerca de 200 companhias de diversos ramos, tais como engenharia dos caminhos-de-ferro, bancos, firmas médicas, sector mi-

neiro, da moda e entretenimento.

Directores de nove companhias

Makaziwe, a filha mais velha de Nelson Mandela, foi directora executiva de 16 companhias, incluindo a filial sul-africana da Swiss, da multinacional da área alimentar Nestlé, o centro comercial em Kimberley, duas companhias de engenharia dos caminhos-de-ferro, e quatro companhias do ramo de exploração mineira.

A outra filha, Zenani Dlamini, actualmente embaixadora da África do Sul na Argentina, era directora executiva de nove companhias. Ela foi directora associada de uma companhia, a par de Clinton Nassif, que foi implicado na morte do magnata das minas Brett Kebble.

Zondwa Mandela, Khulubuse Zuma e o advogado do Presidente Zuma, Michael Hulley eram co-directores da Labat África. Os três foram até certo ponto directores da mina Aurora, mas Hulley tinha, desde então, pedido a demissão.

Nandi Mandela, neta de Mandela, era co-directora da companhia de planificação de cidades, a Linda Masinga & Associados, que, segundo o website da firma, havia celebrado numerosos contratos relacionados com diversos municípios da província de KwaZulu-Natal.

Pensão presidencial vitalícia

Ainda segundo o Beeld, Nelson Mandela não possui muitos negócios registados em seu próprio nome. A Fundação Nelson Mandela, por exemplo, em 2012, pagou ao seu fundador 2.9 milhões, valor ligeiramente alto comparativamente ao do ano anterior que foi de 2.8 milhões de randes. Como antigo Presidente, Nelson Mandela, recebe também uma pensão presidencial vitalícia.

França: O matrimónio divide a nação

Em 23 de Abril, a França passou a ser o novo Estado europeu a alargar o casamento e a adopção aos casais homossexuais. Mas, ao contrário do que aconteceu noutras países, esta medida, aprovada em nome da igualdade, suscitou uma forte hostilidade, violenta em alguns casos, de uma parte da opinião pública. Uma herança da relação dos franceses com a religião.

Texto: jornal Frankfurter Allgemeine Zeitung, de Frankfurt

À partida, queria reconciliar os franceses. Pelo menos foi o que François Hollande prometeu durante a campanha eleitoral. Em vez disso, no seu primeiro ano no poder, colocou os seus compatriotas uns contra os outros, ao introduzir o "casamento para todos", e reacendeu aquilo a que o historiador Emile Poulat chamou "a guerra das duas França". Desde que a França, a "filha mais velha da Igreja", separou a Igreja primeiro da escola (em 1882) e depois do Estado (em 1905), que existe uma guerra latente entre aqueles que justificam esse "laicismo", evocando o "progresso" e a "modernidade", e os que vêem nele um atentado contra a ordem social desejada por Deus. Embora as "duas França" tenham sofrido inúmeras transformações, o conflito que divide a sociedade reacende-se a intervalos regulares – como hoje, por ocasião da esperada aprovação do casamento de homossexuais.

País em efervescência

O país está em efervescência, desde que o Governo de esquerda de Jean-Marc Ayrault apresentou esse projecto de lei, que pretende alar-

gar os direitos do casamento e da adopção aos casais homossexuais. Em Paris e também no resto do país, os defensores da família tradicional organizam-se. Nos seus cartazes, pode ler-se: "Papa + Maman, y a pas mieux pour un enfant" (Papá + mamã, não há melhor para a criança). Vários cidadãos que não vão à igreja juntaram-se à vaga de protestos. Contudo, a Igreja Católica e a sua vasta rede composta por escolas, paróquias e associações apoiaram activamente o movimento. Por seu turno, os altos representantes do Islão e do judaísmo rejeitaram unanimemente o casamento de homossexuais. A oposição desencadeada pelo projecto de lei reúne igualmente uma geração de jovens franceses que, até agora, não tinham assumido compromissos políticos nem religiosos. Os opositores partilham o mesmo receio: de que, ao desviar-se do casamento tradicional e da família, a esquerda laica abandone um dos pilares da sociedade cristã ocidental. As promessas da ministra da Justiça, Christiane Taubira, para a qual o "casamento para todos" é o preâmbulo de uma "nova civilização", vieram corroborar os receios dos opositores.

Resistência à mudança

Observando à distância as origens do laicismo, é possível compreender melhor a veemência e a ferocidade deste conflito em torno do casamento de homossexuais. Em nenhuma outra parte da Europa, a religião foi expulsa da vida social de uma forma tão brutal como na França dos finais do século XIX.

Inicialmente acreditou-se que, após um período de descrisianização que teve um ponto alto cruel em 1793, a revolução seria seguida pelo regresso ao catolicismo. Os "país do laicismo", Jules Ferry e Léon Gambetta, eram tidos como espíritos esclarecidos. A derrota da França na guerra de 1870 veio corroborar a convicção de ambos, segundo a qual as gerações futuras deveriam receber uma educação secular. Em Março de 1882, foi publicada uma lei que fez desaparecer o catecismo, a história da Bíblia e todas as referências às outras religiões dos manuais escolares.

A partir de então, o ensino religioso não está incluído no programa de nenhuma escola pública francesa. As orações públicas foram banidas. Os símbolos cristãos estão proibidos em todos os edifícios públicos, como escolas, hospitais e tribunais. O direito ao divórcio foi (re)introduzido em 1884. Contudo, uma parte do país mostrou-se avesso à mudança. Apesar da instauração de escolaridade obrigatória, em 1882, muitos franceses, em especial nas regiões rurais, recusaram-se a mandar os filhos para uma "escola sem Deus". Durante o primeiro semestre de 1906, verificaram-se confrontos sérios, no seguimento da aceleração da secularização das instituições. Em 1904, as congrega-

ções foram proibidas de lecionar, o que se traduziu no afastamento de milhares de religiosos. O Governo decretou uma concordata unilateral.

Sentimento visceral

A lei da separação entre a Igreja e o Estado foi aprovada em Dezembro de 1905. Desde então, o Estado deixou de apoiar financeiramente as comunidades religiosas e de cobrar impostos em benefício das Igrejas. Três departamentos da Alsácia-Lorena, que pertenciam à Alemanha em 1905 e que continuam sujeitos ao regime da concordata, constituem a exceção à regra.

Numa situação de secularização crescente da sociedade e de recuo do anticlericalismo, os católicos acomodaram-se ao "laicismo". No entanto, a ofensiva do Estado contra o casamento reavivou um velho sentimento visceral ao qual todas as instituições cristãs são vulneráveis. Ironicamente, os jovens manifestantes que se opõem ao "casamento para todos" usam a boina frígia, um acessório que outrora era o símbolo da liberdade para os revolucionários e, portanto, para a França que defendia os direitos do homem, o progresso e a separação entre a Igreja e o Estado, contra o campo da restauração e do clericalismo.

Apoio ao comércio legal de chifres de rinoceronte

Brendon Bosworth

Cidade do Cabo, África do Sul, 23/4/2013, (IPS). Diante do crescimento da caça ilegal de rinocerontes na África do Sul, conservacionistas e criadores particulares pressionam para que seja levantada a proibição internacional ao comércio de chifres destes animais e criado um mercado legal.

“A proibição ao comércio está a gerar uma situação em que os rinocerontes são mortos desnecessariamente”, disse à IPS o pesquisador Duan Biggs, do Centro de Excelência para as Decisões Ambientais na Universidade de Queensland, na Austrália. “Está a tirar recursos de outros esforços de conservação e a levar a uma falsa guerra no Parque Nacional Kruger”, acrescentou.

O Governo sul-africano explora esta opção e pode fazer uma proposta na Convenção sobre Comércio Internacional de Espécies Ameaçadas de Fauna e Flora Silvestres (Cites) 2016 para permitir a abertura da venda de chifre de rinoceronte. Isso exigirá apoio de dois terços dos 178 Estados-membros. As propostas para levantar a proibição, em vigor desde 1977, provocou um debate quanto ao mercado legal realmente poder acabar com a caça ilegal.

Os que se opõem preocupam-se com o facto de que isso estimule o mercado ilegal no qual se comercializa em partes da Ásia, onde os chifres de rinoceronte são vendidos a 65 mil dólares o quilo – mais que o ouro ou a cocaína – e se considera que servem para curar ressacas e como afrodisíacos em países como o Vietname. Mas os que estão a favor afirmam que essa seria a solução para a crise da caça ilegal.

No ano passado caçadores ilegais mataram 668 rinocerontes na África do Sul, principalmente no Parque Nacional Kruger, onde vive a maior população mundial de rinocerontes brancos. Num comunicado divulgado no dia 3, o governo afirma que em 2013 foram assassinados 203 desses animais. A caça ilegal praticamente duplicou anualmente ao longo dos últimos cinco anos na África do Sul.



Caso continue essa prática ao ritmo actual, a população de rinocerontes do Parque Nacional Kruger começará a decair a partir de 2016, segundo pesquisadores de Parques Nacionais Sul-Africanos. E, o que é pior, os cientistas estimam que, se a caça sofrer uma aceleração, os rinocerontes de África, em geral, poderão estar extintos em apenas 20 anos.

Um mercado rigidamente regulado oferecerá uma maneira de cobrir a persistente demanda asiática e, se for administrado adequadamente, tornar-se-á mais barato, mais seguro e mais confiável para os compradores do que adquirir o produto em cartéis criminosos. Isto, por sua vez, afastará os compradores do mercado ilegal, explicou Biggs, co-autor de um documento divulgado em Março na revista Science que pede a introdução do comércio legal.

“A ideia é tirar do mercado” os comerciantes ilegais, disse à IPS Michael ‘t Sas-Rolfes, economista independente especialista em conservação, que investiga o comércio de chifres de rinoceronte. “Eles comercializam muitos outros produtos. Se o chifre do rinoceronte se tornar pouco atraente, simplesmente passarão para outra coisa”, opinou. O comércio legalizado de pele de crocodilo, que na década de 1980 levou à criação sustentável desses animais, em lugar de se matar crocodilos selvagens, é um exemplo de como o comércio legal pode levar à conservação, afirmou Biggs. Para ser efectivo, os activistas propõem um órgão independente que se reporte à Cites e que administre o mercado, vendendo os chifres a compradores registados. Parte dos ganhos com as vendas será canalizada aos esforços de conservação e usada para fortalecer as iniciativas contra a caça ilegal.

Os chifres de rinoceronte são feitos de queratina, substância encontrada no cabelo humano, e volta a crescer depois de cortado. Sedar os animais e tirar-lhes os chifres implica “um risco completamente mínimo” para os animais, argumentou Biggs. Para impedir que os chifres obtidos ilegalmente entrem no mercado legal, os fornecedores podem localizar os legais com rastreadores e identificações por DNA (ácido desoxirribonucleico) por menos de 200 dólares por chifre, destacou.

Várias organizações conservacionistas opõem-se também ao comércio legal.

Afirmam que a legalização levará à demanda por chifres de rinoceronte a um ponto em que o mercado criminoso florescerá ao lado do legal, como ocorre com o abalone (um molusco), severamente ameaçado pela caça ilegal na África do Sul. Mary Rice, directora executiva da Agência de Investigação Ambiental, uma organização independente que investiga e denuncia crimes ambientais, apontou aumento nas vendas ilegais de marfim na China depois de este país ter comprado legalmente reservas desse material em Botsuana, África do Sul, Namíbia e Zimbábue, em 2008.

O Governo chinês comprou marfim por 157 dólares o quilo, mas vende por até 1.500 dólares o quilo. Os retalhistas, porém, vendem produtos de marfim por até 7 mil dólares, segundo informe da Agência de Investigação Ambiental. Inclusive, 90% do marfim que entra no mercado chinês é ilegal, segundo o documento. “O marfim legal agora está mais caro do que o ilegal, e o que se tem é um maior recrudescimento da caça ilegal desde a proibição” de 1989 ao comércio internacional de marfim, indicou Rice à IPS.

Os que são contra o comércio legal dizem que os governos não podem controlar adequadamente o mercado de chifres de rinoceronte, e citam a corrupção como problema. No ano passado, a Polícia prendeu quatro funcionários de Parques Nacionais Sul-Africanos vinculados à caça ilegal desses animais, que foram soltos sob fiança. Não há dados precisos disponíveis sobre a dimensão real do mercado de chifres de rinoceronte.

“Não sabemos qual é a demanda e tampouco sabemos qual será se abrirmos o comércio”, disse à IPS Allison Thomson, directora da organização Outraged SA Citizens Against Poaching (Cidadãos Indignados da África do Sul Contra a Caça Ilegal). “Se essa porta for aberta e aumentar a demanda, se for um erro fazer isso, fechar essa porta será absolutamente impossível”, enfatizou.

Publicidade

IMPENSÁVEL

A verdade em cada palavra.

TRAGÉDIA

A verdade em cada palavra.

“ O que mais preocupa não é o grito dos violentos, nem dos corruptos, nem dos desonestos, nem dos sem ética. O que mais preocupa é o silêncio dos bons. ”

– Martin Luther King

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

✉ SMS: 90440

✉ WhatsApp: 84 399 8634

✉ /JornalVerdade

✉ Email: averdadermz@gmail.com

✉ @Verdade Online: www.verdade.co.mz



O Jornal mais lido em Moçambique.

Creve Machava: Uma promessa que brotou no atletismo moçambicano

Creve Armando Machava, conhecido nos meandros desportivos por Creve, é a mais recente descoberta do atletismo moçambicano, sobretudo nos 110 metros barreiras. É, também, como se diz na gíria popular, um "craque" de salto em comprimento.

Com apenas 17 anos, este atleta alcançou o sonho de qualquer um na sua idade: representar Moçambique numa competição. Aliás, Creve foi o primeiro atleta moçambicano a conquistar uma medalha num Campeonato Africano de Atletismo, evento que teve lugar no passado mês de Março em Warri, Nigéria. É o actual detentor do recorde nacional dos 110 metros barreiras.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Mangueze

Creve Armando Machava nasceu a 08 de Fevereiro de 1996 no seio de uma família comum no bairro da Malhangalene na cidade de Maputo. Grande parte da sua infância, ou seja, até aos seus 10 anos, viveu no bairro da Maxaquene de onde saiu com a mãe para ir viver com a avó materna, tios e alguns irmãos na Malhangalene, após a separação dos seus pais.

Nesta semana, o @Verdade decidiu visitar a casa do "pequeno" Creve tendo, na mesma ocasião, encontrado a mãe, Rosa Fernando, na sua pequena banca de venda de produtos diversos situada defronte do quintal. Rosa emocionou-se ao receber a equipa do jornal e mostrou-se ainda mais comovida quando começou a falar da infância de Creve pois, segundo ela, foi no meio de muitas dificuldades e sacrifícios que conseguiu criar o atleta, de modo que nada lhe faltasse na vida.

Segundo a mãe, Creve é um menino alegre, calmo, social e que no passado gostava de brincar perto de casa. Disse ela que a infância do atleta foi praticamente de "namoro" com os livros, ainda que tenha revelado alguma paixão pelo futebol.

Aliás, foi com esta modalidade desportiva que Creve começou a alimentar o sonho de ser uma grande personalidade no desporto moçambicano. Era conhecido, entre o grupo de amigos, como o "Mutola" do futebol, um adjetivo que surge em empréstimo do nome da campeã mundial e olímpica dos 800 metros, a moçambicana Maria Lurdes Mutola.

No entanto, quando Creve tinha apenas nove anos, viu a irmã trazer para casa uma medalha conquistada numa prova de atletismo dos jogos escolares, o que terá provocado nele o interesse pela modalidade. E foi assim, com esta idade, que este atleta começou a mostrar o seu talento nas pistas da Escola Primária Kurhula, no bairro da Malhangalene, pela mão do seu professor de Educação Física, identificado pelo nome de Kenyane.

Foi pelo mesmo indivíduo que aquele talento entrou para a equipa do Maputo Atlético Clube, onde terá aprendido as primeiras técnicas de corrida.

Segundo Rosa Sito, quando Creve Machava entrou para o mundo do atletismo, a família não se opôs e, pelo contrário, deu todo o apoio pois esteve claro logo de início que ele havia escolhido o caminho certo. Depois de muito tempo envolvido em treinos e competições de observação no Parque dos Contínuadores, aquele atleta foi finalmente chamado a representar a cidade de Maputo, em 2008, nos Jogos Regionais da Zona Sul que tiveram lugar na província de Maputo.

Infelizmente, Creve não conquistou nenhuma medalha e, mesmo assim, segundo a mãe, não perdeu a esperança tendo, já no ano seguinte durante os Jogos Regionais havidos em Inhambane, conquistado duas medalhas de ouro nas duas categorias em que participou. Para Rosa Sito, este foi o primeiro sinal de que o seu filho podia ir longe no atletismo, tendo-se sentido orgulhosa por esse facto.

A mãe de Creve confessou ainda que seguia o seu filho em todas as competições em que ele estivesse envolvido, não escondendo a sua tristeza pelo facto de hoje ser raro poder vê-lo a correr, visto que as competições não ocorrem com regularidade, sendo que outras decorrem somente no estrangeiro quando se trata de competições internacionais.

O percurso de Creve e as suas conquistas

A história de vida de Creve, como atleta, começa no ano de 2006 no Maputo Atlético Clube, onde foi formado antes de chegar ao Clube dos Desportos da Maxaquene no ano seguinte para, durante três anos, representar os símbolos daquele clube tricolor. Passado esse período, aquele atleta foi contratado pelo Ferroviário de Maputo, clube que representa até hoje.

Durante o período em que esteve no Maxaquene até a altura actual, em representação do Ferroviário de Maputo, o jovem talento fez parte das seleções nacionais de juniores e juvenis, tendo, também, por diversas vezes, representado a cidade de Maputo nas competições internas. Tem em casa mais de 40 medalhas, com destaque para as de bronze pelo terceiro lugar conquistado no Campeonato Africano de Atletismo em juvenis, de prata e bronze alcançadas nas diversas edições dos Jogos da CPLP.

A sua primeira experiência internacional foi em 2009, no Zimbabwe, quando, chamado a representar Moçambique, participou no Meeting Internacional da Região Sul de África alcançando, na altura, a sensacional quarta posição nos 110 metros barreira e a



oitava em salto em comprimento.

Nos anos seguintes, ou seja, em 2010 e 2011, na Zâmbia e na Namíbia respectivamente, Creve não conseguiu atingir os lugares do pódio, redimindo-se em 2012, na África do Sul, ao conquistar duas medalhas de ouro competindo nos 200 e nos 110 metros barreiras, para além de ter batido o seu próprio recorde na última corrida.

Foi consagrado Atleta Revelação do ano 2011 pela Federação Moçambicana de Atletismo, como sinal de reconhecimento dos seus feitos, durante a gala anual da modalidade organizada por aquele organismo. Já em 2013, Creve participou no primeiro Campeonato Africano de Juvenis onde conquistou uma medalha de bronze e o recorde nacional dos 110 metros barreiras, atingindo, também, o tempo mínimo necessário para representar Moçambique no Campeonato Mundial de Atletismo do escalão, que terá lugar em Julho próximo na Ucrânia.

Creve Machava é também o primeiro atleta a honrar com uma medalha internacional o novo elenco da Federação Moçambicana de Atletismo, liderado por Shafee Sidat.

"Só penso em honrar a Pátria"

Já em conversa com a equipa de reportagem do @Verdade, Creve revelou-nos que sempre que vai para uma competição, a sua vontade é de vencer, movido pelo espírito patriótico e desejo de ganhar ainda mais. Aliás, foi este empenho que fez dele o primeiro velocista moçambicano a alcançar o tempo mínimo para um "Mundial" de juvenis.

Disse sentir-se satisfeito por poder representar o país nas competições internacionais e considera-se um jovem humilde que também aspira a ganhar muitos prémios, bem como a competir nas melhores pistas de atletismo do mundo.

Ser professor de Educação Física e ensinar tudo o que terá aprendido no atletismo aos mais novos é o seu maior sonho visto que, na sua óptica, é preciso que os conhecimentos e as experiências sejam partilhados para que o país seja aquilo que todos almejam. Creve Machava não esconde a sua vontade de ser, como ele próprio diz, um homem rico.

"É uma personalidade comum"

O @Verdade conversou também com alguns amigos de Creve, particularmente com Félix Mabui, um companheiro com quem o pequeno atleta cresceu. Félix descreveu o seu amigo de infância como uma pessoa normal como qualquer outra, muito social e, acima de tudo, solidária. "Apesar de ter o estatuto que tem hoje, diferente de qualquer indivíduo da nossa geração, ele não é orgulhoso. Relaciona-se com todos naturalmente. Continua o mesmo amigo de sempre" revelou.

"Eu penso que ele tem um re-
continua Pag. 23 →

lacionamento saudável com todos, até porque muita gente ainda não o conhece, nem o seu real valor. Infelizmente, ele é visto como um menino comum do bairro, ainda que nos últimos anos tenha feito alguma história no país" declarou.

Como atleta, o amigo de Creve disse que ele está num bom caminho, e, a continuar assim, será bem-sucedido num curto espaço de tempo. Confessou que gosta de vê-lo nas pistas, e acha que ele tem potencial para ser um dos melhores atletas do país.

Félix não deixou de aproveitar a oportunidade de conversar com a nossa equipa de reportagem para pedir às instituições e às individualidades ligadas ao atletismo, para que não deixem este talento perecer no marasmo que sempre foi o atletismo moçambicano.

"Tem um caminho longo a percorrer"

Para Azarias Samuel, treinador de Creve no Clube Ferroviário de Maputo e na seleção nacional, "ele é um indivíduo comum como qualquer outro, muito humilde e sem problemas com ninguém". No entanto, aquele técnico não deixou de revelar aquilo que, na sua óptica, pode minar o desenvolvimento deste



atleta: o vício pelas redes sociais.

"As redes sociais, sobretudo o Facebook, tiram a concentração do Creve quando mais dele se precisa. Ele prende-se de forma exagerada aos telemóveis que até o levam a dormir tarde e, consequentemente, a chegar atrasado aos treinos. Contudo, quero acreditar que é devido à idade" sublinhou Azarias Samuel.

Como atleta, aquele treinador disse que ele tem um futuro promissor, visto que aos 17 anos ainda pode melhorar na sua estatura física. Azarias não deixou de alertar para a necessidade de acarinhamento deste novo talento que brota nas pistas do atletismo moçambicano, sobretudo, à Federação Moçambicana de Atletismo, ao Comité Olímpico, aos dirigentes dos Clubes e à Comunicação Social.

Natação: Golfinhos de Maputo novamente vencedores das provas "Nadadores Completos"

Os atletas do Clube Golfinhos de Maputo, Valdo Lourenço e Jéssica Cossa, sagraram-se, no fim-de-semana último, vencedores da 26ª edição da prova "Nadadores Completos". O torneio teve lugar na piscina Raimundo Franisse e contou com atletas de todos os clubes da cidade de Maputo.

Texto: David Nhassengo • Foto: Golfinhos de Maputo



categorias do escalão de seniores.

Em femininos, Jéssica Cossa sagrou-se vencedora do torneio pela terceira vez consecutiva, obtendo um total de 2484 pontos. Para além do fato de treino, aquela nadadora auferiu um cheque gigante no valor de 25 mil meticais e 3500 nas categorias em que venceu no escalão de juniores.

Os nadadores Faina Salate, em seniores femininos, com 2254 pontos, e Elton Mangore com 2289, em juniores masculinos, arrecadaram também cheques no valor de 3500 meticais, bem como material desportivo. Em juniores, a prova foi conquistada por Jalik Tavares (masculinos) e Gisela Cossa (femininos) com uma pontuação de 2042 e 2039, respectivamente, ganhando, cada um, 3000 meticais.

Outro momento da prova foi a distinção, por reconhecido mérito, do treinador dos Golfinhos de Maputo e da seleção nacional, Patrício Vera, por ter conseguido levar um número elevado de atletas ao pódio em ambos os sexos.

De referir que o Torneio de Nadador Completo marca o encerramento da época 2013 de natação, tendo ficado a promessa por parte do patrocinador, a Petromoc, da realização da 27ª edição no próximo ano.



Tal como aconteceu no ano passado, nesta edição a prova foi dominada por Valdo Lourenço que nas cinco categorias que compuseram o torneio, nomeadamente 100 metros bruços, 100 metros costas, 100 metros mariposa, 100 metros livres e 200 metros estilos, somou um total de 2617 pontos, a melhor classificação do evento. Como prémio, o nadador dos Golfinhos de Maputo arrecadou, para além de um fato de treino, um cheque no valor de 25 mil meticais e cinco mil obtidos nas cinco

Karate: Academia Ramelau vence o campeonato da cidade

A Academia Ramelau de Maputo sagrou-se vencedora absoluta da 14ª edição do Campeonato de Karate da Cidade de Maputo, na disciplina de Kimura Shukokai. O evento, que teve lugar no pavilhão do Iqbal, na baixa da cidade, teve a participação de dez escolas da capital do país e não só, movimentando perto de uma centena de atletas de todos os escalões.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Mangueze

A academia do renomado karateca Carlos Dias, também presidente da Federação Moçambicana de Karate (FMK), terminou a competição no pódio com um total de vinte e oito medalhas conquistadas, sendo dez de ouro, seis de prata e doze de bronze, o que, uma vez mais, solidifica a sua posição de melhor escola de artes marciais da cidade de Maputo ou, se olharmos também para as escolas convidadas de outras províncias, de todo o país. Esta academia repetiu a proeza conquistada no ano passado.

Na segunda posição terminou a Escola Ntsindya com um total de 20 medalhas, das quais seis são de ouro, sete de prata e igual número de bronze. Para completar o pódio, a escola de formação de karate



das Telecomunicações de Moçambique (TDM) que conquistou cinco medalhas de ouro, duas de prata e igual número de bronze, acabou a prova na terceira posição.

No que diz respeito aos convidados, ou seja, às escolas de fora da cidade de Maputo, a melhor classificada foi a Academia Ramelau de Sofala, também de Carlos Dias, que ficou na quarta posição graças a três medalhas de ouro conquistadas, três de prata e quatro de bronze totalizando 10. A cauda da tabela classificati-



va geral foi compartilhada pelo Dojo Pol que somou apenas duas medalhas de bronze e pela Escola da Malhazi Club com apenas uma, também de bronze.

De referir que o certame foi organizado pela Associação Moçambicana de Kimura Shukokai, cujas despesas foram suportadas pelos cofres das próprias escolas participantes, através do pagamento da taxa de inscrição. Esta foi a primeira vez que atletas de todos os escalões, desde os juniores até aos veteranos, puderam, num só dia, partilhar o mesmo espaço.

Moçambique: Maxaquine a um ponto da liderança

O clube campeão nacional, o Maxaquine, derrotou no passado domingo (28) o Desportivo de Nacala e aproveitou-se da derrota da Liga Muçulmana e do empate do HCB de Songo para reduzir para apenas um ponto a diferença em relação ao líder. A jornada ficou marcada pela cena de agressão, em pleno jogo, protagonizada pelo treinador Abdul Omar ao árbitro Silvério Nuvunga, em Vilankulos.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Mangueze

Se fosse para descrever o jogo entre o Maxaquine e o Desportivo de Nacala numa só palavra, seria mais eficaz dizer: pálido. Houve um fraco espectáculo de futebol e as duas equipas não foram capazes de implementar tudo o que terão assimilado durante a semana para este embate.

No que diz respeito à disposição táctica, o Maxaquine entrou com um 4-4-3, com Gabito a fazer dupla de centrais com Calima, encostando para a direita o habitual nesta posição, Campira, com Vling a alinhar pelo lado esquerdo da defesa. No centro defensivo o técnico tricolor, Arnaldo Salvado, assentou Payó e Marvin nas costas de Eboh, enquanto Kito no flanco esquerdo e Isac no direito, desempenharam o papel de extremos. Para finalizar as jogadas de ataque, Maurício Pequenino foi escalado como ponta de lança.

Do lado contrário, Nacir Armando montou uma equipa absolutamente defensiva, mas com vista a eliminar o meio-campo tricolor e a evitar problemas aos seus centrais. Estabeleceu, porém, um sistema 5-4-1 baseado no clássico 4-4-3, com Tawinha e Osvaldo a comporem a dupla mais recuada, por vezes com Billy para um trio sempre que o extremo Joa descia para ocupar a posição de lateral esquerdo, em paralelo com Rojas do lado direito.

O meio-campo esteve a cargo da dupla Délcio e Egídio, por detrás de Gito e Daúdo, sobrando para Leo a marcação de golos.

Com estas formatações, ficou claro logo de início que o Maxaquine seria o dono do jogo, chamando a si a responsabilidade de encontrar o melhor caminho para abrir o marcador. O Desportivo de Nacala, por sua vez, tão-somente vinha para defender pelo que nem ao contra-ataque soube jogar com perfeição, por mera falta de corredores nos flancos.

O filme do jogo

Como se podia prever, a equipa tricolor assumiu cedo o controlo do jogo, ainda que tenha revelado algum receio em visitar com perigo a baliza contrária. Por esse motivo, ao minuto 12 e na sequência de um pontapé de canto, viu Tawinha cabecear o esférico com algum perigo por cima da baliza de Acácio.

A resposta do Maxaquine surgiu ao minuto 16 com Vling a desferir um remate fróxido e desenquadrado da baliza. Aliás, esta foi a primeira situação em que o Maxaquine mostrou que queria sair do campo do Costa do Sol com os três pontos. Quatro minutos mais tarde, a vez foi de Eboh demonstrar que a sua pontaria não estava em dia quando, dentro da grande área, atirou o esférico para longe da baliza.

O melhor lance de golo desta etapa inicial foi protagonizado pelos tricolores. O avançado Maurício, isolado dentro da grande área, desferiu um remate que encontrou o poste esquerdo de Victor, tendo surgido Eboh na recarga, todavia, em posição irregular.

Na segunda metade do jogo, O Maxaquine entrou auda-



cioso e com vontade de mudar o rumo dos acontecimentos. Ao minuto 47, Eboh ensaiou um remate de fora da grande área sem criar dificuldades de defesa para o guarda-redes Victor. De seguida, o Desportivo de Nacala conseguiu sair ao contra-ataque tendo a bola ido parar nas mãos de Acácio.

Os ensaios dos tricolores prosseguiram e em dois lances seguidos podiam ter feito dois golos, primeiro ao minuto 53 por intermédio de Kito e, em seguida, por Maurício que invadiu a grande área contrária, tirando dois centrais do caminho mas sem conseguir ultrapassar o guarda-redes.

O golo só surgiu volvidos 57 minutos e teve assinatura de Eboh. Numa jogada rápida de contra-ataque, o Maxaquine aproveitou-se da superioridade numérica da sua equipa no terreno contrário e o nigeriano imobilizou o esférico, tirou um adversário da frente e, de fora da grande área, atirou para o lado mais difícil para o guarda-redes Victor.

Depois do tento, as duas equipas fizeram mexidas com vista a alimentar mais os seus sistemas defensivos do que necessariamente irem atrás de golos. Por um lado, um Maxaquine que não quis mais saber de atacar e, por outro, um Desportivo de Nacala que só se lembrou de visitar a baliza contrária somente ao minuto 85, tendo levado a bola a beijar as malhas superiores traseiras da baliza de Acácio.

Com o resultado, o Maxaquine alcançou a Liga Muçulmana na segunda posição, após esta equipa ser derrotada pelo Chingale de Tete, por 1 a 0, cujo tento foi apontado pelo capitão Magaba ao minuto 88, e reduziu para apenas um ponto a diferença com o líder HCB que empatou diante do Ferroviário de Nampula.

Abdul Omar espanca árbitro

A contar ainda para a sexta jornada do certame, o Vilankulo FC recebeu, no passado sábado (27) em casa, o estreante Estrela Vermelha da Beira. No entanto, naquele dia, o jogo foi interrompido devido ao espancamento do árbitro Silvério Nuvunga pelo treinador da equipa do Chiveve, Abdul Omar.

Aquele técnico, que vinha ameaçando ao longo da semana espancar os árbitros, o presidente do Vilankulo FC, Yassin Amuji e o presidente do Conselho Municipal da Vila de Vilankulos, Suleiman Amuji, invadiu o terreno do jogo ao minuto 26 e deu dois muros valentes ao árbitro principal que caiu inanimado por cerca doze minutos. Sem condições para o seu prosseguimento, a partida foi interrompida para que tivesse lugar no dia seguinte.

No entanto, já na manhã de domingo (29), aquele treinador, acompanhado pela família, procurou pelo trio de arbitragem a quem pediu desculpas pela sua atitude repreensível solicitando, por outro lado, a retirada da queixa-crime movida contra ele. No encontro, que contou com a presença de dirigentes das duas equipas, Abdul Omar revelou que é característica sua passar por problemas sociais sempre que se desloca a Vilankulos, muito por conta dos espíritos da famosa árvore de Macassa onde, antes do jogo, ele terá passado para pedir proteção para si e para o seu conjunto.

A equipa de arbitragem perdoou mas, pela atitude, caso sejam cumpridas as regras, Abdul Omar poderá ser irradiado do futebol moçambicano.

No que diz respeito ao jogo que prosseguiu no domingo (28), o Vilankulo FC conquistou os três pontos com um golo apontado por Tendai à passagem do minuto 27, ou seja, o primeiro do reatamento.

Quadro de resultados

6ª Jornada

Têxtil de Punguè	1	x	1	Costa do Sol
Fer. da Beira	3	x	1	Clube de Chibuto
Fer. Nampula	1	x	1	HCB de Songo
Maxaquine	1	x	0	Desportivo de Nacala
Chingale de Tete	1	x	0	Liga Muçulmana
Vilankulo FC	1	x	0	Estrela Vermelha
Fer. Maputo	2	x	1	Matchedje

PRÓXIMA JORNADA - 7ª

Têxtil de Punguè	x	Fer. da Beira
Clube de Chibuto	x	Fer. Nampula
HCB de Songo	x	Fer. Maputo
Matchedje	x	Maxaquine
Desp. de Nacala	x	Chingale de Tete
Liga Muçulmana	x	Vilankulo FC
Costa do Sol	x	Estrela Vermelha

L	Clubes	J	V	E	D	GM	GS	DG	P
1º	HCB de Songo	6	4	1	1	8	3	5	13
2º	Liga Muçulmana	5	4	0	1	11	3	8	12
3º	Maxaquine	5	4	0	1	6	3	3	12
4º	Chingale de Tete	6	3	1	2	5	4	1	10
5º	Desp. de Nacala	6	2	3	1	3	2	1	9
6º	Costa do Sol	6	2	2	2	7	5	2	8
7º	Fer. Nampula	6	2	2	2	5	6	-1	8
8º	Têxtil de Punguè	6	2	2	2	5	7	-2	8
9º	Fer. da Beira	6	2	1	3	3	7	-4	7
10º	Estrela Vermelha	6	2	1	3	5	6	-1	7
11º	Fer. Maputo	6	2	1	3	4	5	-1	7
12º	Vilankulo FC	6	2	1	3	2	5	-3	7
13º	Clube de Chibuto	6	2	1	3	7	11	-4	7
14º	Matchedje	6	0	0	6	3	10	-7	0

Liga dos Campeões Europeus: Fúria alemã elimina Real Madrid e humilha Barcelona

Depois das goleadas na primeira mão – primeiro o Bayern cilindrou o Barcelona, por 4 a 0, e depois o Borussia derrotou o Real, por 4 a 1 – tudo indicava que a final da Liga dos Campeões Europeus seria disputada por duas equipas alemãs. Na terça-feira (30) os merengues ainda conseguiram marcar dois golos, em jogo da segunda mão, mas que não foram suficientes para anular a desvantagem. Já os catalães não se vão esquecer do dia 1 de Maio de 2013, uma vez que foram humilhados em casa e sofreram o pior resultado de uma eliminatória da Liga dos Campeões Europeus em futebol – 7 a 0.

Texto: Redacção / Agências • Foto: Lusa

O madridismo apelou à remontada. Relembrou feitos passados e evocou o orgulho. O Santiago Bernabéu encheu-se de gente cheia de esperança. Se havia alguma equipa capaz de ultrapassar uma desvantagem de 4-1 era o Real Madrid, arrasado pelo Borussia Dortmund na primeira mão das meias-finais da Liga dos Campeões, mas ainda com uma esperança de continuar a sonhar com a “décima” por causa de um golo solitário de Cristiano Ronaldo. Três tentos bastariam, mas o Real só marcou dois – venceu por 2-0 – e, pelo terceiro ano consecutivo, José Mourinho não conseguiu levar a formação merengue para lá das meias-finais da Champions.

Para o “milagre” se materializar, era essencial um golo do Real logo a abrir. E foi o que os homens de Mourinho procuraram com insistência desde que se ouviu o primeiro apito de Howard Webb no Bernabéu. Nos primeiros 15 minutos, domínio territorial total e quatro oportunidades claras de golo. Higuain aos 4', Cristiano Ronaldo aos 8' e aos 13' e Ozil aos 15'. Quando não eram os avançados merengues a falhar, era o guarda-redes Weidenfeller a segurar.

As pernas merengues baixaram de ritmo na mesma medida em que aumentava a confiança dos alemães, que equilibraram as operações. Para a segunda parte, o mesmo empenho e o mesmo orgulho em campo dos homens da casa, mas contra a mesma máquina bem montada por Jürgen Klopp. Lewandowski, o homem dos quatro golos em Dortmund, esteve perto de “matar” a eliminatória logo aos 50', enviando uma bola à trave, após uma jogada de contra-ataque. Aos 61', Gundogan volta a

estar perto do golo, mas Diego Lopez brilha na baliza do Real. Mourinho vai mexendo na equipa na esperança de que alguma coisa mude, com Kaká, Khedira e Benzema. E a reviravolta começou, aos 82'. Kaká faz a distribuição para Ozil na direita, o médio alemão cruza e Benzema marca o 1-0. Não há tempo para festejar. A bola tem de ir rapidamente ao centro do campo e voltar a rolar. Esférico em jogo, o Real pressiona como havia feito nos primeiros 25 minutos e, aos 88', Sérgio Ramos responde da melhor maneira ao passe de Benzema e faz o 2-0.



Em seis minutos, o Real conseguiu o que lhe escapara durante os 82 minutos anteriores e, para se tornar épico, tinha mesmo de ser assim, sofrido até ao último segundo. A missão que parecia impossível deixara de o ser. Webb ainda deu mais cinco minutos de compensação e o Real correu como nunca atrás de cada bola. Mas o Borussia, apesar de ter sofrido a sua primeira derrota nesta edição da Champions e



de ter estado muito longe daquilo que fez no jogo da primeira mão, foi maduro o suficiente para conseguir resguardar a bola e garantir o seu sonho de chegar à final de uma competição que já ganhou em 1997.

Barcelona sem Messi, sem golos

Em Camp Nou não bastou vencer mais uma vez o clube apontado como o melhor do mundo nos últimos anos. Não bastou não sofrer golos em 180 minutos de uma equipa tão poderosa, famosa pela sua escola moderna e sem medo de atacar. Lionel Messi não entrou em campo, é bem verdade, mas o Bayern de Munique nada teve a ver com isso. O “Super Bayern”, como entoavam os adeptos eufóricos nas arquibancadas do Camp Nou, humilhou o Barcelona diante dos seus adeptos. Depois dos 4 a 0 no jogo da primeira mão, há uma semana, os bávaros aplicaram um 3 a 0 sem dó nem piedade, nesta quarta-feira (1), para confirmarem a óbvia e inédita final alemã na Liga dos Campeões.

E assim o Bayern aproveitou para dar o bote necessário e matar o confronto. Logo aos três minutos, Robben recebeu pela direita e, na sua jogada clássica, cortou para o meio até emendar com classe, no ângulo direito de Valdés para fazer o 1 a 0.

Àquela altura apenas seis golos salvavam o Barça. Ninguém mais acreditava, inclusive o técnico Tito Vilanova, que segurou Messi e substituiu Xavi e Iniesta. Ou mesmo Piqué, um dos únicos a safrar no confronto do lado catalão. Aos 27 minutos, quando parecia aproximar-se do empate, veio novo banho de água fria: Ribéry aproveitou espaço pela esquerda e cruzou. O defesa atrapalhou-se e cortou para a sua própria baliza.

A festa já estava mais do que garantida, mas faltava o golpe final de quem foi o principal responsável pelos 4 a 0. Ribéry – sempre ele – disparou pela ponta esquerda, passou pela marcação de Song e cruzou com a categoria que lhe é peculiar. Thomas Müller só teve o trabalho de subir nas alturas entre Bartra e Adriano e encerrar mais um show do “Super Bayern”.

Zâmbia: Uma tragédia e um conto de fadas

O futebol da Zâmbia estava nas alturas naquele mês de Abril de 1993. Em poucos anos, o país havia saído do anonimato e ganhado as manchetes desportivas.

Texto & Foto: FIFA.com

No Torneio Olímpico de Futebol Masculino de 1988, em Seul, três golos de Kalusha Bwalya haviam ajudado os zambianos a derrotarem por 4 a 0 uma Itália que tinha Ciro Ferrera, Luigi de Agostini e Andrea Carnevale e chegar ao título do Grupo B. Ainda nesse ano, o mesmo Kalusha tinha batido craques como Roger Milla, Rabah Madjer e George Weah ao ser o primeiro zambiano coroado com o prémio de melhor jogador de África.

A seleção do país havia sido terceira classificada no Campeonato Africano das Nações 1990 e tinha obtido um primeiro e um terceiro lugar nas duas últimas edições da Copa da CECAFA, torneio regional africano. Até mesmo os clubes zambianos estavam a brilhar: o Nkana chegara à final da Taça dos Campeões de África em 1990, e o Power Dynamos ganhou a Recopa Africana no ano seguinte.

A paixão pelo futebol era indescritível, e havia uma certeza de que o país do sul do continente estaria entre os grandes do planeta no Campeonato do Mundo da FIFA de 1994. A seleção havia vencido o grupo da primeira fase e chegado à etapa final das eliminatórias africanas. Para carimbar o passaporte aos Estados Unidos, precisaria de superar o Marrocos e o Senegal.

O grupo começou com uma viagem a Dakar. Animados pela claqué, jogadores e comissão técnica embarcaram na aeronave Buffalo DHC-5D em Lusaca naquele sábado, há 20 anos.

Todos imaginavam que teriam pela frente mais um capítulo de um conto de fadas que os levaria da obscuridade ao “Mundial” de futebol. Na verdade, estavam prestes a protagonizar uma tragédia de proporções inexplicáveis. Logo depois da segunda paragem em Libreville, no Gabão, o avião despenhou-se no Oceano Atlântico, matando todos os 30 passageiros, 25 deles



jogadores ou membros da comissão técnica da Zâmbia.

“Não há palavras para descrever a devastação”, recordou Kalusha, que, a par de Charles Musonda, teve a vida salva por um detalhe – os dois viajavam separadamente porque actuavam fora do país, pelo PSV e Anderlecht, respectivamente. “O nosso povo não pára de chorar. Havia tanta esperança, tanta animação, e tudo foi simplesmente despedaçado.”

Esperava-se que a Zâmbia se retirasse das eliminatórias, mas o líder Kalusha tinha outras ideias. Ele ajudou a formar uma nova seleção, e o que faltava a ela em experiência, sobrava em motivação. Pouco mais de cinco semanas depois da tragédia de Libreville, Kalusha e Johnson Bwalya marcaram os golos da vitória sobre o Marrocos por 2 a 1 em casa na abertura do Grupo B. As lágrimas tomaram conta dos mais de 50 mil espectadores no Estádio da Independência naquela noite.

“Foi uma ocasião muito emocionante”, disse Kalusha. “Os amigos que tínhamos perdido permaneciam nos nossos pensamentos, e demos a eles um desempenho maravilhoso.”

A Zâmbia empatou fora de casa com o Senegal antes de derrotar o mesmo adversário por 4 a 0 em casa. Com os resultados, um simples empate no Marrocos seria suficiente para concluir aquela que poderia ser a classificação mais improvável da his-

tória das eliminatórias. Os zambianos continuaram no caminho certo por mais de uma hora, mas, aos 17 minutos do segundo tempo, Abdeslam Laghrissi marcou o golo que deu fim ao sonho e garantiu aos marroquinos a presença no “Mundial” dos EUA.

Mesmo assim, apenas dois meses antes do torneio, Kalusha e os jovens companheiros mais uma vez orgulharam a nação. Inesperadamente, a Zâmbia alcançou a final do Campeonato Africano das Nações na Tunísia.

Na decisão, poucos acreditavam que fosse possível superar a Nigéria de Sunday Oliseh, Jay Jay Okocha, Finidi George, Emmanuel Amuneke, Daniel Amokachi, Victor Ikpeba e Rashid Yekini, mas a Zâmbia só precisou de três minutos para abrir o marcador, por Elijah Litana. Dois golos de Amuneke acabaram por garantir a vitória dos nigerianos, por 2 a 1, mas os heróicos zambianos saíram com o título de campeões morais pelo desempenho incrível após aquela catástrofe em Libreville.

Por todas essas razões, foi emocionante o facto de a maior tragédia do futebol do país ser também o cenário do seu maior triunfo: em 2012, depois de outro período de obscuridade, a Zâmbia conquistou o título africano na capital gabonesa. Aquele triunfo foi, naturalmente, dedicado às 30 pessoas que perderam a vida no dia 27 de Abril de 1993, uma data que nunca será esquecida.

Pode um inimigo do povo venerar os seus mártires?

O Grupo de Teatro Mutumbela Gogo possui uma nova obra. Chama-se *Um Inimigo do Povo*, e foi escrita, há dois séculos, pelo dramaturgo norueguês Henrik Ibsen. A peça contextualiza a vivência sociopolítica do mundo contemporâneo, no entanto, certas pessoas assumem que se está diante de uma exposição sobre a situação que se vive em Moçambique.

Texto: Redacção • Foto: Inocêncio Albino

Na obra, que decorre numa cidade moçambicana, coloca-se no centro o clã Simbine. Ou seja, Tomás, um médico que idealiza a estação balneária local, descobre que as suas águas estão contaminadas. O seu irmão, Pedro, que é inspector, ao receber a informação capaz de provocar um instabilidade económica, manipula a imprensa para não publicá-la, satisfazendo objectivos egoístas. É em volta disso que a peça gira.

Falando perante o público na noite da sexta-feira, 26 de Abril, altura em que se fez a ante-estreia de *Um Inimigo do Povo* (a nova peça do Grupo de Teatro Mutumbela Gogo que estará em breve), a directora do Teatro Avenida, Manuela Soeiro, que fez a encenação da obra, explica: "Esta peça é dedicada a Eduardo Mondlane, Samora Machel, Carlos Cardoso e Siba-Siba Macuácia – por terem perdido a vida de forma súbita – e a todos os jornalistas moçambicanos que lutam contra a corrupção e são pela verdade".

Antes de desenvolver a ideia sobre o tributo que, também, se presta aos homens da imprensa, a encenadora de *Um Inimigo do Povo* recordou-se de que "nós somos da raça humana. Por isso, sempre buscamos histórias que retrata(ram) a realidade humana noutros contextos e momentos do percurso da humanidade".

Por outro lado, "queremos dedicar esta peça a todos os jornalistas moçambicanos, sobretudo àqueles que não têm medo; trabalham com firmeza; são apologistas da verdade, afinal é com base nos seus trabalhos que nós, o público, sempre que nos informamos, também, nos sentimos encorajados a continuar na nossa frente de luta".

É preciso reconhecer que há vezes em que os jornalistas são ameaçados por causa do trabalho que fazem, mas não desistem. Os profissionais da comunicação são pessoas que trabalham pensando na família, mas ao mesmo tempo no bem da comunidade.

Sem discriminar os demais, o elenco do Mutumbela Gogo elege como público-alvo da sua produção teatral os jovens. É importante que eles sejam estimulados para agir sempre que for necessário. "Sentimos que é importante que esta camada, sobretudo a que opera na comunicação social, perceba que não está sozinha, mesmo que enfrenta dificuldades. Em quase todas as áreas, o trabalho dos artistas também representa uma luta pela manutenção da verdade".

Aliás, no caso dos jornalistas, o convite torna-se especial na medida em que a obra possibilita que os mesmos visualizem as peripécias que, colocando em causa o exercício da sua profissão, são experimentados por eles.

E é bom que se glorifique os jornalistas, uma classe social sobre a qual Manuela Soeiro considera que são "os responsáveis pela origem das personagens das nossas peças. Basta que se tenha em mente que em tudo o que eles – na sua produção diária de informação – fazem há sempre personagens. Pode-se dizer que a comunicação social é a nossa maior fonte de inspiração".



Não somos manequins

Uma questão que se instala, quando se assiste à peça, devido à forma como se explica o contexto social, relaciona-se à importância actual da referida obra. Ou seja, porque é importante que agora, mais do que nunca foi preciso, se tenham em mente as artimanhas de *Um Inimigo do Povo*? E quem é ele?

A verdade é que há bastante tempo, havia-se planificado a exibição desta obra. Sucedeu, porém, que ela está a ser exposta por um mero acaso agora. Ou seja, podia ter sido exibida noutras circunstâncias.

"A coincidência, no entanto, é que neste momento, na nossa sociedade, há determinados acontecimentos que são retratados na obra". Além do mais, sempre que o Mutumbela Gogo expõe obras de teatro, fá-lo tenho em conta o seu contexto social. "Não realizamos obras que não se enquadram nas vivências dos moçambicanos".

Além do mais, "o que nós fazemos, como acontece no jornalismo, é um serviço público. O povo merece. Se nós fizéssemos trabalhos de fachada estariam a ser manequins, o que não somos. Sentimos os problemas das pessoas. Não é obra do acaso que se diz que a imprensa é o quarto poder. É que ela presta um serviço público de relevância social".

Como tal, "no dia em que nos proibirem de fazer o nosso trabalho, marcharemos nas ruas a gritar contra quem limitar a nossa liberdade", refere Manuela acrescentando que "estamos estimulados a trabalhar porque existem outras forças que não são necessariamente as nossas, mas que travam a mesma luta. Encontramo-nos em frentes diferentes, mas a batalhar pela defesa dos direitos e liberdades dos Homens".

Digressão no centro e norte

A produção e exibição da peça são financiadas pela Embaixada Real da Noruega. Está prevista a realização de uma digressão para a apresentação da obra nas províncias do centro e norte do país, excluindo Niassa.

Nos dias 2 e 3 de Maio, por ocasião da realização do Seminário Sobre as Redes Sociais, a cidade de Pemba acolheu a exibição do *Inimigo do Povo*. Artistas de vários sectores e as comunidades locais participaram no evento. Na segunda quinzena de Maio, a peça será exposta no Teatro Avenida, em Maputo.

Como eles reagiram

Na verdade, *Um Inimigo do Povo* ainda está em processo de maturação. Por isso,



nesta edição, ainda que tenhamos assistido à sua ante-estreia não a comentamos. O que não se pode recusar é a intemporalidade e actualidade da criação. Como, então, é que os artistas que participam na sua representação reagiram à obra de Ibsen?

Adelino Branquinho

"Estou feliz porque o papel que interpreto é muito vivo. Represento uma figura que nos recorda um general muito conservador. Foi fácil representar esta personagem porque os generais são figuras presentes no nosso dia-a-dia".

Jorge Vaz

"Cada actor possui uma forma peculiar de trabalhar, mas há vezes em que nos apoiamos. Por exemplo, para a questão da pesquisa, um seriado de televisão, como as histórias reportadas nos jornais, pode ser uma fonte de inspiração".

"Eu acredito que o Ibsen deve ter (ou tinha) origens relacionadas com Moçambique. Não estamos a adaptar nada. Há uma mera coincidência entre a sua obra, escrita há dois séculos, e o que se está a viver em Moçambique".

Graça Silva

"Um elemento importante é que, invariavelmente, as peças de Ibsen têm a ver com a nossa realidade. Por isso, é muito fácil interpretá-las ou construir personagens para elas".

"No Mutumbela Gogo, temos tido o hábito de convidar actores de grupos de teatro amador para trabalharem connosco. É uma forma de incentivar-los. Essa formação tem sido útil e gratificante para ambas as partes na medida em que se verificam progressos neles. Ninguém quer que o teatro morra".

Vítor Raposo

"Eu também sou um jovem a quem se está a passar o testemunho. Fui um dos fundadores do Mutumbela Gogo. Agora estou a trabalhar em Pemba, onde tenho uma associação cultural. Lá estás a criar um efeito multiplicador, introduzindo-se a semente do teatro".

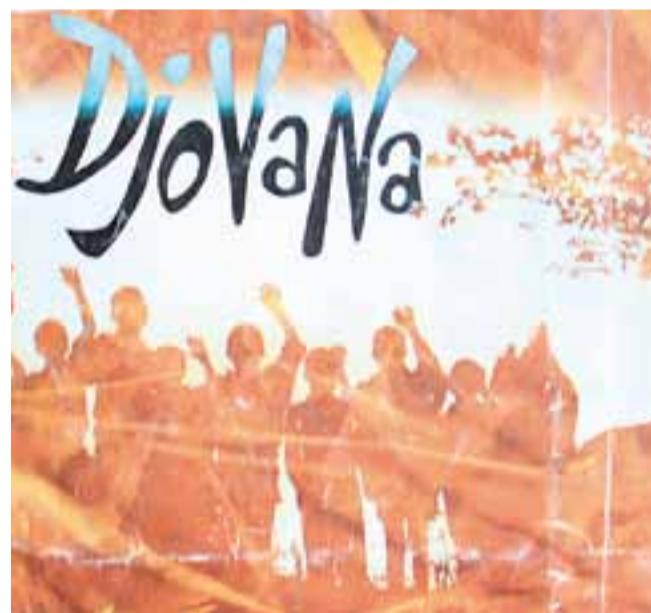
“O Governo esqueceu-se do voluntário...”

Em Inhambane, Hélio D, um dos fundadores da banda Diovana, já desaparecida, é presidente da Associação Positivo de Moçambique. A agremiação desenvolve o turismo cultural, na praia de Tofo. Mas o cantor, a par dos alunos do ensino secundário, também luta contra a SIDA, tendo-nos explicado as razões do declínio da sua colectividade musical. Entretanto, para si, “ninguém apoia o voluntário no país”.

Texto & Foto: Redacção

Há dois anos, o cantor moçambicano, Hélio D, criou a Associação Positivo de Moçambique – organização a partir da qual contribui para o desenvolvimento do turismo cultural. No rol das suas actividades, a Positivo de Moçambique também trabalha com os estudantes do ensino secundário geral na produção de músicas para reforçar a luta contra a SIDA. Para muitos alunos, o projecto é um trampolim para seguirem uma carreira artística.

Na verdade, as acções para o desenvolvimento do turismo cultural são uma alternativa que sustenta a materialização da segunda iniciativa. A raiz do problema, ou, se quisermos, da criatividade, é uma: “Invariavelmente, quando se faz uma proposta de actividades no contexto da luta contra a SIDA a um financiador, nem sempre se encontra o financiamento. Noutras vezes, os apoios chegam muito tarde, o que complica a concretização dos planos”.



As obras são expostas perante os turistas, em Inhambane, dentro da programação das actividades da Associação Positivo de Moçambique.

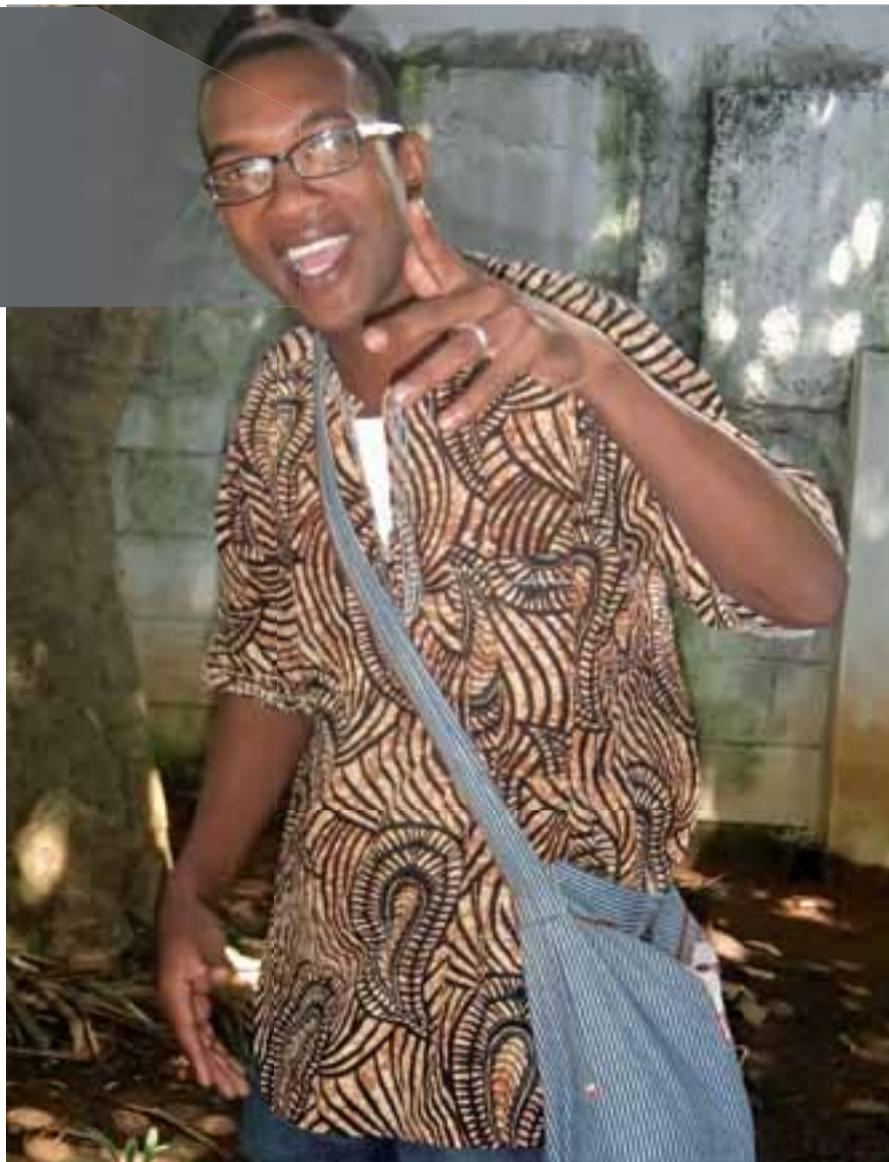
Segundo Hélio D, na cidade de Maputo, por exemplo, há pessoas que apreciam a realização de turismo na província de Inhambane. Sucedeu, porém, que nem todas suportam o custo dos preços praticados na praia do Tofo. Para este grupo de turistas que não têm condições financeiras para aceder àquela estância, criou-se o “Tofinho” nas proximidades da praia de Tofo.

Na quadra festiva do fim do ano, por exemplo, as pessoas são encaminhadas ao campismo Diovana, de turismo comunitário e de cultura local, onde há facilidades de pagamento.

O dinheiro aí arrecadado é investido nos projectos da produção de música para a sensibilização e mobilização das pessoas, mormente os alunos, na luta contra a SIDA, incluindo a realização de acções de filantropia como o apoio aos orfanatos, em Maputo.

Hélio D explica que o objectivo dessa estratégia (que na verdade é um conjunto de acções) é encontrar alternativas para gerar dinheiro a fim de reduzir a dependência da boa vontade dos financiadores, sobretudo nos momentos de crise financeira.

Ainda no âmbito da luta contra a doença, o outro projecto dinamizado pela Associação Positivo de Moçambique, financiado



pelo Departamento de Combate à SIDA no contexto do programa PEPFAR do Governo dos Estados Unidos da América, será a gravação de um trabalho discográfico envolvendo alunos do ensino secundário da cidade de Maputo. “Serão os próprios alunos que, a par da ajuda dos técnicos do Núcleo de Combate à SIDA, irão compor poemas para serem interpretados para a difusão da mensagem de combate ao mal”.

Entretanto, “como não temos condições para realizar um acampamento, iremos explorar a área de expansão da Associação Cultural Muodjo, no bairro de Matendene, para o efeito. Esperamos ser expostos numa situação que nos irá inspirar a desenvolver pensamentos que nos conduzam à materialização desse projecto”. Esta é outra estratégia para contornar as barreiras impostas pela falta de dinheiro.

Sabe-se, porém, que de Inhambane virão a Maputo sete pessoas da Associação Positivo de Moçambique. Dentre elas há um produtor musical austríaco, um artista plástico inglês e uma colaboradora norte-americana a fim de fazerem trabalhos voluntários.



Os artistas em referência irão interagir com os seus pares para a geração de mensagens com algum impacto na prevenção e combate à SIDA. O projecto será realizado em Julho, com a gravação de músicas e vídeos.

O Governo não apoia

Hélio D explica que o trabalho que tem desenvolvido é, essencialmente, de natureza voluntária. No entanto, o principal embaraço enfrentado por si e pelos seus pares é a falta de auxílio ao voluntário. “O apoio não precisa, necessariamente, de ser financeiro ou material. Mas pode ser em termos de reconhecimento da existência das nossas actividades. É importante que haja abertura para um aconselhamento ou assessoria em assuntos burocráticos, facilitando-se, por exemplo, a obtenção de licenças e de alvarás para que operemos de forma legal. No entanto, nem isso, no mínimo, o Governo consegue fazer”.

O cantor diz que é embaraçoso trabalhar como tal numa sociedade em que não se reconhece o voluntário. “Os artistas enfrentam dificuldades na promoção de palestras, realização de trabalhos dos seus ramos, na perspectiva do voluntariado, quando não encontram apoios para a satisfação de necessidades básicas. Então, como associar voluntários e, ao mesmo tempo, gerar um rendimento que lhes garanta as condições de alimentação e de transporte”.

A falta de apoio, resultante da descrença nas acções das associações, também é manifestada pela imprensa.

“A comunicação social entende que as agremiações são instrumentos de fazer dinheiro. Por isso, os jornalistas pensam que elas têm muito dinheiro, o que não é verdade. Por isso, quando nos aproximamos da imprensa (para divulgar as nossas acções e, por via disso, conquistarmos alguma credibilidade perante os mecenias), ela não colabora porque se pensa que as associações usam os órgãos de informação para atrair os financiadores, enriquecendo pessoas singulares”.

Enfim, “na verdade, em Moçambique não há apoio ao voluntário. Além disso, vigora um espírito de desunião e individualismo. Entre os artistas, essa realidade manifesta-se através de uma actuação isolada, não sinérgica entre eles, o que não é estratégico”.

Banda desaparecida

De acordo com Hélio D, foi a falta da atenção e do apoio dos artistas mais experientes que a sua banda desapareceu. “O que sucedeu é que (mesmo por parte dos artistas mais velhos, naquela altura) ninguém prestou apoio à banda. Perceberam que a Diovana era um projecto bonito que – apesar de ser constituído por miúdos de 14 anos – em menos de um ano de carreira, já tinha realizado uma digressão num país europeu. Possuía uma música apreciada por todas as pessoas. Para muitos músicos, aquele acontecimento significou uma concorrência, e não algo que devia ser abraçado e apoiado por todos”.

Hélio D explica que quando a banda Diovana foi popularizada no país pela Televisão de Moçambique (altura em que, tardivamente, os moçambicanos a conheceram) na verdade, ela já estava em declínio. Nilza, a única rapper, já havia casado com um cidadão suíço. Outros membros, que já não eram adolescentes, estavam a enfrentar dificuldades sociais. E a música não lhes dava nenhuma luz.

Por mero acaso, “nessa fase encontrei o Stewart Sukuma, na Beira, a quem falei sobre o nosso projecto e ele encaminhou-nos à Televisão de Moçambique para a divulgação do projecto. Ele tinha muitos trabalhos como músico, por isso não aceitou ser nosso gestor. E era disso que precisávamos”.

Além do mais, “mesmo que se quisesse dar algum andamento aos projectos da banda a outro nível, do ponto de vista artístico não era viável porque os seus membros já estavam dispersos. Era difícil encontrar uma rapper que tivesse as qualidades artísticas da Nilza”.

E o pobre sonhou nobre...

Em 2013, a Associação Cultural Muodjo completa 10 anos de existência. Para assinalar a efeméride, realiza uma série de eventos. No entanto, mais do que expandir a sua esfera de acção, os seus membros têm um sonho nobre. "Queremos erradicar os fenómenos 'menino de rua' e 'trabalho infantil' no país".

Texto & Foto: Inocêncio Albino/Muodjo

Conversar com os membros da Associação Cultural Muodjo é uma experiência ímpar. Eles vivem motivados em relação aos propósitos da sua organização. Por ocasião da celebração do 10º aniversário da sua existência, os agremiados não só se ocupam a festejar como também a produzir. Se dissessemos que são pobres, em termos de meios e condições de que falamos, a grandeza dos seus objectivos contradiz a realidade.

Ou seja, aqui, se se pode falar de pobreza - em relação aos Muodjo - a mesma só pode ser entendida no sentido material. Eles são pessoas humildes, mas ricos em termos de virtudes



Quero ser feliz

Ezequiel, um dos membros seniores da Muodjo, trabalha no gabinete de Purificação Junto dos Parceiros. "É ele que nos tem aconselhado a trabalhar continuamente em prol da comunidade", diz Osvaldo. O referido gabinete é um espaço móvel, "onde se discutem problemas com os financiadores, a fim de encontrar conselhos e soluções adequados ao bom andamento das nossas actividades", acrescenta.

Além da sua história, interessa-nos a meta que Ezequiel coloca na vida - "quero ser feliz". E não lhe faltam argumentos.

"Quando entrei, convidado por Osvaldo Lourenço, a Associação Cultural Muodjo acabava de ser fundada. Eu não estudava, não fazia nada. Agora, aos 20 anos de idade, frequentei a 8ª classe. Sinto-me livre."

"Já tive vários sonhos na vida, mas ao analisar a realidade comprehendi que as coisas materiais não são o essencial. Abandonei-as. Agora, a minha luta é orientada em direcção à felicidade. Tenho percebido que muitas pessoas não são felizes, porque carecem do amor ao próximo".

"Quero que todos sejamos felizes, que juntos possamos conviver de forma pacífica. Acredito que se fosse uma pessoa bem-sucedida, sob o ponto de vista material, não diria que a perspectiva de ter um carro seja um sonho. Há muitas pessoas ricas nesse sentido, mas não são felizes".



morais. Estão preocupados com o outro. Com o irmão. Sobretudo o desfavorecido. "Somos uma associação de âmbito nacional. Trabalhamos nas comunidades, prestando apoio psicossocial a pessoas desfavorecidas, no âmbito do projecto 'O Molho que a Minha Mãe Preparou'. Estamos sedeados na Casa Escola, no bairro de Matendene", começam por dizer, para nos contextualizar.

De forma objectiva, afirmam que "capacitamos as pessoas em habilidades para a vida. Recuperamos meninos da rua, operando no sentido de reintegrá-los na sociedade através da nossa agremiação. Agora que celebramos 10 anos, queremos expandir a rede de amigos da Muodjo".

Osvaldo José Lourenço, o presidente da associação, também explicou que "entendemos que somos criaturas de Deus, por isso todo o nosso trabalho é feito em função da sua vontade. Na nossa associação ninguém vive só para si mesmo. Todos vivemos para os outros, a fim de salvar vidas".

No dia em que os encontrámos, no contexto da celebração do seu decénio, estavam a preparar uma mostra de trabalhos artesanais e artísticos que têm estado a desenvolver. O objectivo é expô-los num evento que terá lugar no Museu Nacional de História Natural, em Maputo. O mesmo acontecerá no dia internacional da tartaruga, 23 de Maio. No entanto, ainda na mesma instituição cultural, em Julho, durante a celebração do seu primeiro centenário, os Muodjo assumirão algum protagonismo realizando determinadas actividades.

Como uma agremiação de carácter cultural e filantrópico, os Muodjo têm um plano estratégico (que prevê acções a serem desenvolvidas entre 2010 e 2014) no âmbito do qual edificaram a Escolinha Comunitária. "Sentimos, porém, que ainda há objectivos que não foram atingidos. Por essa razão, estamos a expandir as nossas redes para outros lugares - com destaque para o distrito municipal KaTembe, no bairro Kassane. Estamos a criar os Clubes de Amigos da Muodjo", afirma Osvaldo.

Entretanto, ainda no contexto da comemoração dos 10 anos da existência da organização, os Muodjo realizarão outras actividades em locais como o Centro Cultural Moçambique-Alemanha.

Por exemplo, na Associação dos Músicos Moçambicanos, sempre que há Jam Sessions, "nós também colocamos os nossos produtos artísticos em exposição - como forma de divulgar os trabalhos que os ex-meninos da rua estão a realizar. Pensamos que também é (e será igualmente) uma maneira de dizer aos moçambicanos que, como nós existimos para servir aos outros e não para ser servidos, estamos a fazer algum trabalho concreto".

Os Muodjo, que preparam o hino da associação, acreditam "que dentro das nossas batalhas um dia iremos atingir o envolvimento do Governo com vista à materialização dos nossos planos".

Projecto Massokoshone

Refira-se que a Associação Cultural Muodjo foi fundada por 12 pessoas. Possui mais de 30 membros, alguns dos quais trabalham em Maputo e os outros estão no estrangeiro. Por isso, "nem todos estão directamente envolvidos nas actividades que realizamos".

Neste momento há 60 crianças que beneficiam dos nossos serviços. Algumas estão enquadradas na formação pré-escolar, sendo que as demais aprendem algumas habilidades para a vida, realizando actividades como a pintura e o corte e costura a fim de que tenham uma ocupação sadias.

Presentemente, os agremiados criaram o projecto Massokoshone, ou simplesmente Boas Novidades, "dentro do qual queremos arrancar com as actividades ligadas à serrilharia e à criação de animais de pequena espécie".

Estou feliz

Leia, uma pessoa com uma história interessante, é uma voluntária alemã, que trabalha na Escolinha Comunitária da Associação Cultural Muodjo. Em Agosto completará um ano em Maputo. Diz-se feliz na conversa que manteve com a nossa equipa de reportagem.

@Verdade: Como é que está a ser a sua experiência em Moçambique?

Leia: Cheguei a Moçambique em Agosto de 2012. A minha experiência é muito boa. Tenho a possibilidade de fazer parte de projectos filantrópicos locais. Na Europa fazia trabalhos similares, mas sinto que aqui é diferente. Na Alemanha programas similares também são necessários, mas aqui são muito mais e não têm tido o apoio do Governo.

A convivência entre as pessoas é boa, não só no sentido da prestação de apoio humanitário, mas também por causa das relações culturais, o intercâmbio de conhecimentos. Estou a aprender como também ensino algo referente à minha vivência como alemã.

@Verdade: Qual era a sua expectativa quando chegou?

Leia: Já esperava não encontrar as mesmas condições que eu tinha em projectos similares na Alemanha. Por isso, no princípio a minha inserção foi difícil. Aprendi a viver com pouco, mas a trabalhar.

Estou muito feliz. Na verdade, eu não quero ir embora porque um ano é pouco tempo para a realização dos projectos que tenho. Gosto de Maputo e das pessoas daqui.

Conclui o nível médio. No ensino superior, pretendo cursar Psicologia. Fui professora de natação e tenho experiência de trabalho com crianças.

Um sonho nobre

Analisados de longe, sob o ponto de vista material, os jovens que constituem a Associação Cultural Muodjo são pobres. Por isso, vêm angariando apoios para a materialização dos seus projectos e so-



nhos. Eles sonham de forma nobre.

De qualquer forma, Osvaldo José Lourenço considera que "temos um sonho do homem acordado. Por isso, mesmo que não tenhamos dinheiro não paramos de trabalhar. Os apoios irão encontrarnos na curva, ao longo desse percurso. O que nos interessa são os resultados. Queremos que a sociedade moçambicana comece a perceber o nosso lema - 'usar a terra, sem magoar ninguém, para salvar vidas'. Na nossa agremiação, ninguém vive para si mesmo, ou para ser servido. Nós vivemos para servir aos outros. Nisso a participação da Leia, esta voluntária alemã, é um exemplo".

Um retrato nu do abuso (sexual) de menores

Além dos defeitos que caracterizam a primeira produção cinematográfica de um realizador, no filme *O Muro da Vida* – apresentado no sábado passado, 27 de Abril, no Cine Teatro Scala, em Maputo – faz-se um retrato nu da violência doméstica, com enfoque para o abuso sexual da rapariga. A ser factual a prostituição que as imagens, captadas nos bairros de Hulene e Mavalane, mostram, uma pergunta impõe-se. Será que o prostíbulo é o único destino para quem é órfã?

Texto: Inocêncio Albino • Foto: Fred Goenha

Como uma produção audiovisual, *O Muro da Vida*, como se chama o filme de António Simião Maxlhaieie, reúne todas as condições para deixar uma pessoa pouco entendida em matéria do cinema constrangida. O produtor, realizador e actor (na mesma obra) explorou todos os recursos de que dispunha (a música, como um elemento estético, a frieza do pai ao abusar sexualmente a enteada, por exemplo) em excesso.

As cenas decorrem em dois espaços essenciais, a casa da família em torno da qual os factos desenrolam e as barracas que infestam o subúrbio de Maputo, confundindo-se com os prostíbulos.

É entre a actriz Arlete Guilhermino (a mãe), que é uma viúva do seu primeiro marido, vivendo maritalmente com Alfredo Goenha (Gerónimo, o prevaricador), Penina Sumbi (Márcia, a abusada) e António Maxlhaieie (Jorge) – os enteados de Gerónimo – que as peripécias decorrem.

Na verdade, há no filme um marido e padrasto que não cuida da sua família, muito em particular da sua mulher doente. O filho mais velho (Jorge) é um desempregado. Por isso, não pode ajudar em nada no tratamento da enfermidade da mãe.

Como é que um homem pode permitir que a sua família experimente necessidades básicas e não fazer nada – ainda que tenha condições para o efeito? Como é que este mesmo pai, ao desamparar os seus filhos, pode ter a coragem de desperdiçar dinheiro embbedendo-se nas barracas? Como é que ele – agindo contra todos os princípios morais e direitos humanos – pode ter apetites sexuais em relação à sua própria filha e abusá-la?

Se é que um dia o leitor, ao informar-se sobre a ocorrência de violação sexual de mulheres na imprensa, não encontrou respostas para estas questões, pois *O Muro da Vida* não as oferece. Apenas mostra a realidade.

Ou seja, o homem sentiu-se sexualmente atraído pela filha. Planeou abusá-la e, em função disso, nada fez para retardar a morte da esposa. Por essa razão, algum tempo depois da morte da sua mulher, Gerónimo violou sexualmente a sua filha.

A ocorrência origina uma tragédia no seio do lar, uma vez que o personagem Jorge (ao chegar à casa, onde deu conta da ocorrência) agride o padrasto até à morte.



Entretanto, se por um lado a exploração excessiva da música (que sob o ponto de vista temático se harmoniza à história) prejudica o filme, confundindo-o com um videoclipe, por outro, a frieza da forma como a violação dos direitos sexuais da mulher aí exposta chama a atenção das pessoas sobre a repugnância dessa prática.

Quando a prostituição se torna opção

Antes de morrer, a mãe de Márcia, que mais tarde é abusada pelo pai, recomendou-lhe que cuidasse da irmã mais nova. Tal significava que, nas condições sociais precárias em que se encontrava, devia criar mecanismos para que ambas continuassem a estudar.

É por essa razão que, em jeito de resumo, os produtores do filme explicam: "Ela torna-se a responsável absoluta da sua irmã mais nova muito cedo. Afinal, na vida acredita-se que promessa é dívida. Por isso, em cumprimento do pacto feito com a mãe, Márcia, uma jovem de 18 anos de idade, sem nenhuma forma formação profissional, refugia-se na prostituição a fim de cumprir o prometido".

Mais um cineasta

Sobre a sua introdução no mundo da sétima arte, António Simião Maxlhaieie, o produtor e realizador de *O Muro da Vida*, explica que "após a minha participação no filme CHIKWEMBO do cineasta moçambicano Júlio Silva, como protagonista, optei por fazer o Curso Intermédio Audiovisual e Cinema ministrado no Instituto Superior de Artes e Cultura (ISArC)".

"Também escrevi e realizei o filme de curta-metragem, com duração de três minutos e intitulado Tarde Demais. Algum tempo depois, resolvi encarar o desafio de escrever, produzir e realizar *O Muro da Vida* a fim de expressar o meu ponto de vista em relação à prostituição e ao abuso sexual".

Entretanto, "como além da prostituição o filme narra a violência doméstica e sexual, entendemos que ele pode contribuir para a mobilização social com vista à divulgação e promoção dos direitos humanos".

Refira-se que Fernando Nhampulo é co-realizador do filme em que o actor Alfredo Goenha foi guionista. Outros actores que participam são Redimaldo Sumbi e Maria Clotilde. *O Muro da Vida* foi realizado pela Femax Produções.

Festival de Teatro de Inverno não tem espaço para todos os actores

Na décima edição do Festival de Teatro do Inverno, que irá decorrer em Maputo, entre 25 de Maio e 26 de Junho, nem todos os 30 grupos teatrais inscritos poderão participar. A Associação Cultural Girassol – que produz o evento – não tem espaço e tempo para exhibir todas as suas peças.

Entretanto, terminou na terça-feira, 30 de Abril, o processo de inscrição dos grupos de

teatro concorrentes à décima edição do evento que terá lugar em Maputo a partir da segunda quinzena de Maio. Sabe-se, porém, que este ano concorreram 30 colectividades de Moçambique, Angola e Brasil, dentre as quais apenas 15 serão seleccionadas.

Para o efeito, durante três dias, alguns profissionais da Associação Cultural Girassol irão seleccionar os grupos que tomarão parte da

iniciativa. A mesma irá decorrer nos palcos do Teatro Mapiko da Casa Velha, do Teatro Avenida e do Centro Cultural Franco-Moçambicano, em Maputo.

O Festival Teatro de Inverno é um evento anual organizado pela Associação Cultural Girassol desde 2004 que tem como objectivo a divulgação das obras teatrais, o intercâmbio, a troca de experiências e a capacitação dos actores.

Sobre o Debate no Music Box

■ Cremílido Bahule
www.verdade.co.mz

Saudações amigos. Na terça-feira, 29 de Abril, à tarde, quando voltava da rua cheguei à casa e encontrei a minha irmã (Marta Bahule) a ver o programa Music Box na STV.

Sentei para partilhar (ver televisão) aquele momento que ela chama "mágico", embora nesta fase da minha vida não goste de ver televisão (por razões que a maioria de nós conhece e, sobretudo, pela falta de "bons" conteúdos).

Dei-me ao luxo de ver e partilhar aquele momento bonito. O programa Music Box tinha como tema de discussão "a internacionalização da música moçambicana".

Para discutir o tema estavam quatro convidados, nomeadamente Ildo Ferreira, Wazimbo, Dinho e um produtor musical. Desculpem por não colocar o seu nome porque não ouvi durante o programa.

Como de costume, cada interveniente queria exhibir o seu vocabulário artístico-musical. Uns de forma mais humilde enquanto outros com mais agressividade e gritaria. Tenho de admitir que o debate estava furtivo até o momento em que Ildo Ferreira não concordou com as opiniões de Dinho.

Ildo levantou-se no meio do programa, deixou o microfone na cadeira e saiu enquanto o evento decorria. Depois do intervalo, regressou mais calmo, presumo.

No fecho do programa, altura em que o apresentador queria ouvir as soluções, o incêndio voltou a instalar-se porque Dinho fez um comentário similar ao seguinte: "Eu não venho mais a este programa para discutir com pessoas como estas. Este senhor (acredito que seja Ildo Ferreira) não tem respeito em relação ao trabalho dos meus colegas. Já insultou muitos músicos, aqui neste programa, que trabalham honestamente. Eu estava à espera de um momento como este".

Ildo Ferreira, em jeito de resposta, disse o seguinte: "Eu não falo mal de ninguém, apenas digo a verdade. Não sei porque é que as pessoas me odeiam. Se a música moçambicana está estagnada devemos trabalhar. Eu apenas digo a verdade".

Perante esta situação, duas situações devem ser analisadas: (i) porque é que nos debates televisivos, as pessoas discutem as suas diferenças (até étnicas, tribalistas e linguísticas) e não o importante (a internacionalização da música moçambicana, naquele caso específico); (ii) ficou a impressão de que os discursos incendiários não estão só na boca de alguns políticos. Certos artistas fazem análises incendiárias ou, no mínimo, aproximam-se disso.

Agora, atenção: se continuarmos a ter, nas nossas televisões, este tipo de comportamento, é sensato não promovermos os debates. A experiência mostra que o nosso debate público é frágil e está fragilizado.

Um conselho aos produtores do programa Music Box: por favor, se quiserem construir a música moçambicana não chamem, para o vosso programa, pessoas que só sabem proferir insultos. Concordo que se deve criticar e repudiar o que é mau para melhorarmos, da mesma forma que se deve enaltecer o que é bom para nos tornarmos perfeitos. Mas, sinceramente, ver defeitos em tudo é ser cego.

Este país, apesar das adversidades que os fazedores da cultura têm, nunca baixou os braços para fazer boa música, escrever bons livros, fazer bons filmes, exhibir boas peças de teatro e bonitas coreografias.

Para terminar deixo uma mensagem clara para o Emerson Miranda: reconheço que estás a desempenhar o teu papel para melhorar a visibilidade da música moçambicana. Tens feito o teu melhor para difundir o lado estético e bonito da mesma. Contudo, sé mais selectivo nos teus comentaristas porque, neste país, há muita gente (académicos, etnomusicólogos e artistas experientes com carreira sedimentada) com capacidade para discutir ideias e trazer soluções exequíveis, sem usar um discurso incendiário. Avante música moçambicana. Paz!

VIOLÊNCIA

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

✉ SMS: 90440

✉ WhatsApp: 84 399 8634

✉ /JornalVerdade

✉ Email: averdademz@gmail.com

✉ @Verdade Online: www.verdade.co.mz



O Jornal mais lido em Moçambique.

“ Paz sem voz não é paz, é medo. ”

– O Rappa

ENTRETENIMENTO

PARECE MENTIRA...



Segundo um costume começado pelos seus antepassados, um grupo de descendentes musicais continua a dar cinco concertos, anualmente, em Naubat Hall, no real Forte de Bidar, Índia, embora não tenha auditores e o local esteja deserto e em ruínas há séculos.

Cada um dos pêlos que compunham a barba de Kittle, rei da tribo africana Mpungu, valia uma vida humana. Os doze homens que lavavam, escovavam e penteavam a barba do rei eram condenados à morte se a contagem quotidiana revelasse a falta de um pelo.

Quando o jovem rei Luís XV tinha somente 14 anos, houve um eclipse e ele quis ver o fenômeno da melhor maneira.

O célebre astrônomo Cassini dirigiu-se à praça Trianon e ali colocou o seu telescópio. O rei foi com a corte, escutou as explicações, espreitou pelo telescópio e ficou estupefacto.

Reaparecia o sol quando uma jovem marquesa pediu para admirar, também, o eclipse.

- É tarde! - disse o rei.

Então, com uma encantadora ingenuidade, a ilustre jovem retorquiu:

- Se Vossa Majestade consentir, o Sr. Cassini poderá recomeçar.

PENSAMENTOS...



- Aquele que tem só um anel, trá-lo sempre consigo.
- Quem se gaba de ser caridoso é vaidoso.
- O homem quando chora, chora. A mulher nem sempre que chora, chora.
- A vida paga-se caro; mas muitos vão sem pagar.
- O filho mau, segundo o pai, sai à mãe e, segundo a mãe, sai ao pai.
- Por muito que uma pessoa tenha, é sempre mais o que lhe falta.
- Louco é aquele que persegue a mulher que lhe fuga: é quase certo que a alcança.
- Se todos te disserem que és um asno, o melhor que tens a fazer é aprender a zurrar.

SAIBA QUE...



Durante o tempo em que a massa do pão fermenta, dão-se várias formações e fermentações, que terminam pela produção do álcool, o qual, pela cozedura, é eliminado para a atmosfera. Sabe-se que cada cem quilos de massa de pão de trigo produzem sete a oito litros de álcool. Embora vários inventores tenham tentado descobrir um meio para evitar esta perda, até hoje não se têm obtido resultados satisfatórios, ao que se saiba.

El Dorado, expressão muito utilizada quando se pretende dar uma imagem de abundância ou riqueza que se almeja, é uma lendária cidade do ouro, segundo a crença dos espanhóis e de outros europeus do século XVI, que existiria na zona dos rios Orinoco e Amazonas.

A designação Terceiro Mundo refere-se aos países menos desenvolvidos do que os industrializados de mercado livre do Ocidente (o "Primeiro Mundo") e do que as antigas nações comunistas industrializadas (o "Segundo Mundo"). Os países do Terceiro Mundo são os mais pobres, em termos de rendimento per capita, estando concentradas na Ásia, na América Latina e em África.

Apesar das enormes diferenças na história, na geografia e na cultura, os países do Terceiro Mundo têm as seguintes características em comum: os seus sectores industriais modernos estão relativamente pouco desenvolvidos; são principalmente produtores de bens primários para os países ocidentais industrializados (cujos preços e procura flutuam); as suas populações são pobres e ocupam-se predominantemente da agricultura.

O Terceiro Mundo possui 75% da população mundial, mas consome apenas 20% dos seus recursos.

RIR É SAÚDE



Um camponês, de nome Cossa, tinha alguns burros que o ajudavam na lavoura.

Certo dia, um deles adoeceu facto que ele comentou com um seu vizinho, o Madumbe, também dono de uns tantos jumentos. O referido animal viria a morrer sem que tal fosse comunicado a ninguém da vizinhança.

Tendo Madumbe verificado, durante a sua labuta, que um dos seus asnos se encontrava prostrado recusando-se a comer, e muito menos a locomover-se, dirigiu-se a Cossa:

- Ó amigo, o que terias dado ao teu burro doente?
- Olha, dei-lhe raízes daquela planta ali que também tens no teu quintal - respondeu o Cossa.
Passados dois dias, o Madumbe volta para a casa do Cossa com um ar abatido e diz ao vizinho:
- Infelizmente, o meu burro morreu, não resistiu aos medicamentos.
- O meu também...

Entre amigos:

- Sabes... fui jogar e fiquei sem um tusto.
- E quanto é que jogaste?
- Um tusto.

Um bêbado zaragateiro entra num restaurante, posiciona-se no meio do balcão por detrás dos clientes e vocifera:

- Donde estou para a minha direita são todos uns sabujos! E os que estão à minha esquerda são uns filhos dum cabra!

Muito timidamente, um indivíduo que se encontrava do lado direito do aruaceiro murmura:

- Desculpa, mas eu não sou sabujo...
- Então passa para o lado esquerdo!

Cartoon



HORÓSCOPO - Previsão de 03.05 a 09.05



carneiro
21 de Março a 20 de Abril



touro
21 de Abril a 20 de Maio



gémeos
21 de Maio a 20 de Junho

Finanças: Algumas dificuldades, momentâneas, não serão suficientes para o fazer desanimar. A sua determinação será grande e, rapidamente, ultrapassará esta fase menos boa; no entanto, até lá, seja prudente e evite os gastos desnecessários.

Sentimental: Toda a atenção será pouca, neste aspeto. O seu coração encontra-se dividido entre o óbvio e a dificuldade em aceitar alguns factos que o entristecem; talvez tenha chegado o momento de se assumir. A indecisão poderá transformar a sua vida, pela negativa.

caranguejo
21 de Junho a 21 de Julho

Finanças: Semana a revelar uma fase marcada por algumas dificuldades, torna-se aconselhável que tome as suas precauções; no entanto, não dramatize a situação pois já conheceu períodos bem piores.

Sentimental: Fase um pouco conturbada, com algumas interferências de terceiros na sua vida sentimental; seja forte e não se deixe conduzir por tentativas externas de a complicarem a sua vida. Para os que não têm par, o mais aconselhável, durante este período, será não iniciarem uma relação.

leão
22 de Julho a 22 de Agosto

Finanças: No aspeto financeiro, poderá surgir um contratempo, inesperado. Seja objetivo na forma como soluciona as questões que envolvam dinheiro. Para o fim da semana, a tendência será para uma ligeira melhoria.

Sentimental: Período um pouco conturbado em que a palavra-chave será a tolerância. O diálogo e a entrega poderão ser a terapia certa para este aspeto desde que não exagere no seu desejo de saber mais do que o necessário e aconselhável.

sagitário
22 de Novembro a 21 de Dezembro

Finanças: Alguma estabilidade no aspeto financeiro não significa que gaste em excesso. Ir-se-á iniciar um período em que terá de efetuar algumas despesas; se não gerir bem, as questões de ordem financeira, poderá ter alguns problemas.

Sentimental: Caso tenha par, este será um período bastante agradável. Esta semana poderá abrir caminho para uma conversa que terá, uma grande importância, num futuro próximo. Seja mais carinhoso e escute, com atenção, os desabafos do seu par.

capricórnio
22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças: Algumas dificuldades poderão perturbar o seu equilíbrio emocional. Despesas já esperadas, serão motivo de alguma preocupação. Para o fim deste período, a situação deverá melhorar.

Sentimental: A sua sensualidade estará em alta e deverá tirar partido dessa circunstância. Juntamente com o seu par viva, intensamente, este período. Aproveite bem o seu relacionamento sentimental e muito se modificará.

áquario
21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças: Algumas dificuldades que possam surgir serão ultrapassadas. Para o fim da semana, a situação tenderá a melhorar. Qualquer proposta que lhe possa ser feita e que envolva questões relacionadas com dinheiro, deverá ser adiada para outra altura, mais favorecida.

Sentimental: Caso não tenha encontrado, ainda, a sua alma, poderá ter esta semana a tal oportunidade porque tanto esperava.

peixes
20 de Fevereiro a 20 de Março

Finanças: O dinheiro poderá-se-a considerar um problema que, terá alguma dificuldade em ultrapassar; dependerá de si, da sua capacidade e da sua força interior ultrapassar, pela positiva esta fase.

Sentimental: Neste campo, não poderá esperar muito, durante este período. As suas relações sentimentais deverão ser bem avaliadas e não tome atitudes precipitadas.

ALERTAR

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

✉ SMS: 90440

✉ WhatsApp: 84 399 8634

✉ /JornalVerdade

✉ Email: averdademz@gmail.com

✉ @Verdade Online: www.verdade.co.mz

“ Paz sem voz não é paz, é medo ”
- O Rappa



O Jornal mais lido em Moçambique.